

**ASSOCIAÇÃO NORDESTINA DE BIODANÇA
ESCOLA DE BIODANÇA DO PIAUÍ**

**A NUDEZ É NATURAL: O MOVIMENTO NATURISTA BRASILEIRO
NA PERSPECTIVA BIOCÊNTRICA**

Joaquim Sacramento

**Belém-PA
Setembro /2003**

**ASSOCIAÇÃO NORDESTINA DE BIODANÇA
ESCOLA DE BIODANÇA DO PIAUÍ**

**A NUDEZ É NATURAL: O MOVIMENTO NATURISTA BRASILEIRO NA
PERSPECTIVA BIOCÊNTRICA**

Joaquim Sacramento

Dissertação de titulação submetida à Escola de Biodança do Piauí, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Facilitador Titular de Biodança, por Joaquim Sacramento da Silva.

Orientador: Gregório Benfica Marinho

Belém-PA

Setembro /2003

**A NUDEZ É NATURAL: O MOVIMENTO NATURISTA BRASILEIRO NA
PERSPECTIVA BIOCÊNTRICA**

JOAQUIM SACRAMENTO DA SILVA

Aprovado por:

ALBERTO SANTOS PONTELLO

Facilitador didata em Biodança

CEZAR WAGNER DE LIMA GÓIS

Facilitador didata em Biodança

CÁSSIA REGINA XAVIER DE ANDRADE

Facilitadora didata em Biodança

João Pessoa - PB
6 de setembro de 2003

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu renascimento, aí compreendidos os terapeutas, facilitadores, companheiros de escolas, naturistas e integrantes de grupos, alguns dos quais, em um encontro de olhar, me trouxeram a mágica da vida.

AGRADECIMENTOS

A Gregório, pela atenção amiga e cuidadosa durante o estágio supervisionado e na elaboração deste material.

A uma lista infindável de tantos que me ajudaram e aos que me mostraram os limites ou impuseram dificuldades, contribuindo para o meu crescimento.

"Vocês, que têm vergonha do próprio corpo,
devem ser pessoas muito tristes, porque têm
que ficar vestidos quando querem brincar,
dormir e até quando vão tomar banho no rio..."

Criança Yanomami.

(NATURIS, nº 25, p. 18)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1.INTRODUÇÃO | 8 |
| 2.A DANÇA DA VIDA | 13 |
| 3.SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO À NUDEZ NA HISTÓRIA | 22 |
| 4.A INFLUÊNCIA DAS REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL | 34 |
| 5.INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DE CONTROLE DO CORPO | 43 |
| 6.NATURISMO | 65 |
| 7.A NUDEZ EM BIODANÇA | 79 |
| 8.UMA COMPREENSÃO PESSOAL | 82 |
| 9.CONCLUSÃO | 105 |
| BIBLIOGRAFIA | 111 |
| ANEXOS | |
| PROJETO DE LEI 1.411 | 114 |
| DEFINIÇÃO DE NATURISMO PELA FBRN | 115 |
| NORMAS ÉTICAS DO NATURISMO BRASILEIRO | 116 |
| REGRAS DE COMPORTAMENTO NA COLINA DO SOL | 118 |
| FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM NATURISTAS | 120 |
| FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM LÍDERES NATURISTAS | 121 |

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma obra incompleta. Muito me questionei sobre fazer uma monografia, cumprindo rigorosamente seus passos, o que criava em mim um conflito entre atender meus medos pessoais e os anseios de liberdade. Pensar em fazer uma monografia focalizada em um tema fechado trazia-me uma sensação de inutilidade, de pouco ou nenhum resultado prático para quem a tomasse em suas mãos, o que contrariava as necessidades de meu ego. Sem contar que isso esbarrava na própria proposta de liberdade oferecida pela Biodança, uma das suas virtudes que mais me atraíram, por estimular meus potenciais de criatividade.

A decisão final, a gota que faltava, veio-me através do estudo das regras de etiqueta da Idade Moderna, quando encontrei a crueza do processo civilizador.

Esta monografia me deixará morrer sem terminá-la, e eu opto por apresentá-la no ponto em que se encontra, porque a escolha que fiz me trouxe um tema infinito de estudos e descobertas, pela abrangência e grandeza de seu universo. É um processo que satisfaz, antes de tudo, minhas próprias necessidades de rompimento com amarras e mordaças. É um instrumento do qual me utilizo para reencontrar a entidade livre que se manifestava em mim criança. Mais que satisfazer uma exigência na minha formação como facilitador de Biodança, o que me faz trilhar pelos caminhos da criatividade, sem perder o contato com a seriedade da proposta.

É papel desta monografia subsidiar os facilitadores com informações para elaborar as suas aulas, além de levar esclarecimentos aos seus alunos, sobre um tema que hoje interfere na vida de todas as pessoas civilizadas.

Nos dias atuais, a demagogia inseriu-se nas comunicações, desqualificando e até eliminando a primeira pessoa do singular, para camuflar o egoísmo corrente. Nesta escrita procuro colocar os pronomes obedecendo aos ditames da língua, em detrimento da falsa modéstia: “O uso, muito comum na redação científica, da primeira pessoa do plural, em todo o texto, alegando impessoalidade, também não é aconselhado (...)” (ALMEIDA, 1996, p. 62).

O tema a ser escolhido pelo aspirante a facilitador precisa ter uma coerência existencial para ele. Requisito que exige entre ambos a existência de um vínculo estreito, um significado íntimo do assunto para o formando em sua experiência de vida.

Sou naturista desde que nasci, embora somente tenha tomado conhecimento da terminologia ao visitar pela primeira vez uma praia naturista, aos trinta e quatro anos de idade.

Recordo-me nitidamente da naturalidade com que eu encarava a nudez na infância, ocasião em que tomava banho de rio por inteiro, a princípio sem suspeitar que aquele gesto pudesse causar desconforto em outras pessoas, porém não em mim. Logo catequizado, passei muitos anos vendo o corpo como fruto proibido, chegando mesmo a incorporar o ideal do corpo bem vestido, até que, em janeiro de 1992, tomei contato com o movimento naturista, na Praia do Pinho, e desde então, passei a freqüentar os ambientes naturistas sempre que tenho possibilidade, especialmente quando em gozo de férias. Assim, conheço os principais pontos naturistas no Brasil e venho acompanhando o movimento no País desde aquela data. Além disso, tenho freqüentado e “praticado” (na verdade a palavra praticar fica melhor colocada para o ato de andar vestido; neste caso, a nudez seria um “não praticar”) a nudez em ambientes distintos do movimento naturista, tempo em que incentivei diversas pessoas a buscarem a naturalidade e a pureza de verem o corpo humano como ele é.

Conheci a Biodança cinco meses depois do Naturismo, em um ano de muitas experiências gratificantes e marcantes no meu processo de mudança, de retorno a minha originalidade, de reencontro.

Nos anos de 1999 e 2000, já em fase de elaboração desta monografia, optei por estabelecer uma interação mais íntima com as pessoas que freqüentam esse movimento, elaborando perguntas na forma de entrevista, as quais fiz munido de um pequeno gravador. Nessas viagens, além de entrevistar pessoas, coletei materiais teóricos, conversei com muita gente e me dispus a vivenciar intensamente, até mesmo me postando, algumas vezes, à entrada da praia, recepcionando, inclusive, os que chegavam pela primeira vez. No mês de abril/1999, fui inicialmente à praia de Massarandupió/BA, depois ao Clube Solar de Guaratiba/RJ, Fazenda Rincão/SP e Colina do Sol/RS. Em março/2000, estive, novamente, em Massarandupió/BA e, também, em Tambaba/PB.

No ambiente naturista, faz-se necessário um cuidado todo especial na aproximação com as pessoas, especialmente com as recém-chegadas, ainda cheias de temores e ansiedades. Para se aproximar de uma pessoa assim, é necessário que o movimento seja feito em relação de *feedback*, evitando causar constrangimentos, seja por chegar muito perto de seu corpo nu, por incomodá-la com temas inoportunos ou por despertar ansiedades controladas. É preciso respeitar não só o espaço de segurança da pessoa, mas, sobretudo, perceber a sua disposição para o diálogo ou outra atividade em proposição. Conhecendo bem essas dimensões e ciente do apoio dos líderes dos locais, eu fui me aproximando dos freqüentadores para convidá-los à entrevista, na medida em que notava as portas acessíveis para tal, não havendo, portanto, uma

seleção prévia, nem direcionada, do que resultou não ter recebido nenhuma negativa frontal de conceder entrevista, embora tenha percebido alguns jogos de esquivas, que respeitei.

Elaborei dois questionários (ambos anexados a este trabalho) para fazer a pesquisa, um voltado para pessoas que ocupam posição de destaque no movimento e outro para freqüentadores desses ambientes. O objetivo não era levantar estatística, mas, simplesmente, me nutrir de mais conhecimento.

Observei que uma pequena parte dos naturistas freqüentadores não alcançava a compreensão da sutileza das perguntas por mim elaboradas. Isto porque, estas foram feitas a partir do universo Biodança, em uma linguagem afastada do meio naturista. Ao fazer as perguntas tive o cuidado de evitar explicações que, de alguma forma, pudessem induzir as respostas. Algumas vezes procurei ajudar o entrevistado a refletir, mas tendo o cuidado de não induzi-lo, mesmo quando ele não conseguia entender a intenção da pergunta.

Percebi, em muitas situações, a repetição de idéias já cravadas na cultura naturista, que vão passando dos mais antigos aos mais novos. Entretanto, vi que essas mesmas idéias já fixadas encontram eco em pessoas não “contaminadas”. Um exemplo disso é a "sensação de liberdade", presente em todos os discursos, muitas vezes repetida automaticamente por uns, como um padrão instalado, mas em outros momentos dita do fundo do ser por outros, inclusive novatos ainda não contagiados por esse mesmo padrão.

Realizei trinta e nove entrevistas entre naturistas e líderes do movimento. As quais, associadas as minhas experiências, só confirmaram o que eu observei durante o tempo em que venho convivendo no meio e nos materiais por mim coletados. Não me limito, portanto, ao que ouvi nas entrevistas, mas na totalidade de minhas observações, sensações e vivências resultantes das conversas, do convívio e do tempo que permaneci junto à portaria da praia.

Entrevistei uma paraense que nunca havia feito naturismo, e que estava residindo há alguns meses em Barcelona, Espanha, e, também, entrevistei um terapeuta sexual alemão de largos conhecimentos sobre o tema. Essas entrevistas tinham por objetivo trazer informações sobre nudez em alguns países europeus.

Além de ter feito as pesquisas de campo, também fui buscar na pesquisa bibliográfica, sobretudo em livros de História, as informações de que eu precisava para ter uma compreensão mais aprofundada do assunto, para melhor entender as percepções e *insights* oriundos das vivências. O próprio desenvolvimento dessa monografia foi composto de estudos teóricos com reflexões cognitivas, mesclados com as vivências que eu tive no decorrer do processo, o que me leva a considerá-lo um estudo teórico-vivencial.

Apesar de possuir um imenso campo de atuação, o que vem destacando o Naturismo perante a sociedade é a proposta de conduzir a roupa ao seu status original, qual seja, cobrir o corpo do ser humano para protegê-lo do meio-ambiente ou durante rituais. No entanto, a proposta naturista é muito mais que isso.

Com o objetivo de situar o tema, faço uma ligeira explanação sobre Biodança, explicando seu conceito, como funciona e objetivos principais, selecionando, dentre os seus princípios, aqueles nos quais encontrei relação com o tema nudez, esclarecendo, ainda, as suas linhas de vivência.

Em seguida, trago elementos da História para auxiliar na compreensão do tema na atualidade, destacando o processo de perseguição que se faz à nudez na Idade Moderna.

Mais adiante, exponho informações sobre as regras de etiqueta social e mostro como elas tiveram um impacto decisivo na formação da nossa cultura antinudez, tal como a conhecemos hoje. Nesse mesmo capítulo transcrevo diversas citações coletadas nos livros de História. Embora, talvez, cansativa, essa descrição detalhada se fez necessária, para dar ao leitor a oportunidade de compreender como foram incisivos esses mandatos, tendo a oportunidade de verificar, inclusive, a evolução da linguagem no decorrer da História e, ainda, como a própria linguagem utilizada mostra que, até a Idade Média, a nudez era aceita com naturalidade.

No capítulo seguinte, apresento informações sobre as instituições que compõem o sistema sócio-cultural e como elas interferem no processo de domesticação do homem. Este capítulo tem a característica de ser maior em relação aos outros, pois contém vários subtemas, que tive de limitar por questão de objetividade, até porque a intenção não era explorar esses assuntos, mas lembrar o leitor dessas influências.

Faço, ainda, um discurso sobre o movimento naturista no Brasil, explicando suas origens, funcionamento, regras de comportamento e tudo mais que julguei importante para a compreensão do tema.

Por fim, discorro livremente sobre diversos assuntos relacionados com nudez, o que torna esse capítulo também desproporcional, se comparado aos outros, apanhando informações de fontes variadas, inclusive algumas já esplanadas nos capítulos precedentes, promovendo uma discussão sobre questões polêmicas do Naturismo, no que diz respeito ao tema nudez.

É, também, objetivo deste trabalho trazer conhecimentos do Naturismo para o seio da Biodança, porque, ao longo do tempo em que venho acompanhando o movimento naturista, tenho constatado que suas propostas possuem afinidades com o movimento

Biodança, divergindo, entretanto, em regras e metodologia. Desse modo, quero buscar na cultura naturista, informações a respeito da nudez que possam ser úteis para o movimento Biodança. E assim, iluminando a nudez no âmbito da Biodança, possa incentivar pessoas a conhecerem o movimento naturista e vice-versa, num processo salutar de troca; osmose da qual esta dissertação arvora-se a membrana.

2. A DANÇA DA VIDA

A dança da vida realiza-se como manifestação poética de um universo inteiro em sua unicidade, mas, ao mesmo tempo, rico em sua multiplicidade, que se concretiza na materialização de parte de seus sistemas que se movimentam harmoniosamente em uma infinidade de fenômenos distribuídos no macro e nos microcosmos. O Todo se torna concreto assumindo formas variadas de vidas, nas quais se condensa e se diversifica, e nelas se representa, realizando, em si mesmo e através de cada vida, a sua dança cósmica. As infinitas vidas, que dele fazem parte, realizam cada uma a sua dança particular, interagindo entre si e bailando umas com as outras, ajudando a compor a dança do universo. Os passarinhos dançam com o vento, as ondas bailam entre si, brincam com os peixes e a areia. As árvores dançam, ora freneticamente, na ventania, ora suavemente, ao sabor da brisa. As pessoas dançam nas suas relações de trabalho, nos seus intercâmbios sociais e na interação com o meio-ambiente. Dançam os planetas nesse passeio interestelar. Dançam as sementes quando germinam em direção à luz solar. Tudo no universo dança, de acordo com essa visão. Tudo é vida. Tudo brinca. O universo baila e brinca com ele mesmo todo o tempo, realizando a sua dança; a dança da vida – a Biodança.

Ao contrário do que possa parecer, Biodança, não é uma dança convencional. Ela é mais abrangente que a dança nos seus padrões conhecidos. Ela tem esse nome porque o seu criador quis fazer referência à vida como uma dança que se inicia com o nascimento e se extingue com o suspiro derradeiro. Quando trabalhamos; quando embalamos um bebê no colo; quando caminhamos; quando conversamos com um amigo; quando interagimos sexualmente; enfim, quando realizamos qualquer atividade ou até se nada fazemos; se dormimos ou nos distraímos: estamos realizando a nossa dança pessoal.

A Biodança é um sistema de redescoberta da natureza humana, criado pelo chileno Rolando Toro, em 1965, que tem como objetivo resgatar as potencialidades naturais do ser humano, retirando dele a carga opressora decorrente dos distúrbios provocados por uma multiplicidade de conceitos, impostos de maneira desarmonizada e conflitante com seus impulsos naturais. É o reencontro do ser com ele mesmo, quando desperta de uma vida mergulhada em um mundo de ilusão no qual se desconhece; no qual deixa-se conduzir por valores e normas de um sistema artificial que começou a ser-lhe imposto ainda no útero materno, numa idade em que ele não tinha autonomia; impregnação que continua por toda a

sua infância e se confirma na idade adulta, transformando-o em presa fácil para a introjeção dos mandamentos sociais elaborados nas instituições. Biodança desvela esse estratagema diante dele, talvez pela primeira vez, concedendo-lhe a oportunidade de perceber as suas potencialidades sem as distorções sistemáticas, oferecendo-lhe as possibilidades de caminhos antes velados, pois, até então, só lhe fora oferecida uma direção, predeterminada e com o aval social de que aquela era a única via, ceifando a vida antes mesmo de sua manifestação plena. Antes de ser uma criação de seu autor, Biodança é uma iluminação, uma conseqüência; um grito:

La base conceptual de Biodanza proviene de una meditación sobre la vida, o tal vez de la desesperación, del deseo de renacer de nuestros gestos despedazados, de nuestra vacía y estéril estructura de represión. Podríamos decirlo con certeza: de nostalgia de amor (TORO, 1991, p. 26).

Biodança traz de volta a vida em sua magnitude, possibilitando à pessoa perceber as suas potencialidades naturais vinculadas ao seu instinto vital, a sua realidade primeira. Realidade essa que tem em torno de si um universo cultural que poderia servir de canal direcionador dessas potencialidades, mas que, em vez disso, funciona como bloqueador delas, transformando-se em algoz. Segundo o seu criador “La base conceptual de Biodanza proviene de una meditación sobre la Vida” (TORO, 1991, p. 26), calcada basicamente sobre o Princípio Biocêntrico, que é “un estilo de sentir y de pensar que toma como punto de partida y como referencia existencial la vivencia y la comprensión de los sistemas vivientes”. (TORO, 1991, p. 34)

Biodança observa diversos paradigmas e princípios que conservam estreita relação com o Princípio Biocêntrico. Vejamos, de forma simplificada, alguns dos que possuem vinculação mais íntima com este trabalho, aproveitando para já estabelecer uma relação com o tema nudez, destacada em *itálico*.

PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO - estabelece que o centro do universo é a vida, em torno da qual tudo se manifesta. O universo é, na realidade, um imenso sistema vivo, funcional, auto-suficiente e poético, do qual a humanidade é um ínfimo subsistema, tão importante quanto qualquer outro; não mais que nenhum outro. Seguindo o Princípio Biocêntrico, Biodança reconhece e aceita como válido tudo aquilo que nutre a vida; que favorece a saúde, a harmonia e a plenitude de cada sistema menor, em consonância com o sistema maior. Em relação às diversas filosofias, terapias, ciências, conhecimentos e práticas alternativas, Biodança reconhece algumas na sua totalidade, outras apenas parcialmente,

naquilo que elas trazem em afinidade com o Princípio Biocêntrico. No que elas oferecem em favor da saúde, do prazer e da vida. É na observação da vida que Biodança vai encontrar a sua principal fonte de inspiração, para definir os seus conceitos e mecanismos de ação, para definir o que é saudável para os seres humanos, para distinguir o que é natureza, do que é cultura, criando seus próprios paradigmas. *Retirar as roupas, sobretudo aquelas que nos são agressivas, nos coloca em harmonia com a natureza interna e externa, sintonizando-nos com o Princípio Biocêntrico.*

EXPANSÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO POTENCIAL GENÉTICO - cada um de nós traz na memória celular um código genético, onde se conservam informações acumuladas durante milhões de anos de evolução da espécie. Esse código, ao mesmo tempo em que retém as informações que nos vinculam com os nossos semelhantes, também nos identifica como únicos dentro dessa mesma espécie. É ele quem deveria direcionar as nossas ações na interação com o meio em que estamos inseridos, para a plena concretização da existência. *O nosso código genético gerou o corpo inteiro, completo, e nu.*

PULSAÇÃO DA IDENTIDADE - Em algumas ocasiões a nossa identidade se funde com a totalidade do universo, reduzindo a nossa identificação. Em outras, ela se distingue com mais clareza, destacando-se dos demais seres da espécie e do universo, como única, inconfundível e sem igual. A identidade realiza, então, um movimento de pulsação entre a identificação e a fusão, sem perder o estado de equilíbrio. Não há prioridade de uma sobre a outra. Ambas são vitais e necessárias para o nosso pleno existir. *A roupa, além das suas funções de proteção contra as intempéries e uma série de outras utilidades, também exerce as funções de igualar e distinguir, mas estas de forma prejudicial aos seres humanos. Iguala no sentido da massificação da moda, de desqualificação, de submissão, de neutralização da criatividade e distingue quando nos classifica socialmente e define o status. A nudez apresenta o ser como único, inigualável, mas também efetiva a fusão cósmica.*

PERMEABILIDADE DA IDENTIDADE - A identidade é permeável à música e à presença do outro. Ela sofre influências da música e do grupo. *A nudez em grupo traz um novo referencial ao ser humano, mais saudável e harmonioso, que o remete de volta à vinculação com a espécie.*

O PONTO DE PARTIDA REGULADOR É A VIVÊNCIA - A vivência é o principal mecanismo de operação da Biodança. Vivência é o sentido pleno de estar vivo aqui agora, como totalidade única em relação com o todo universal. Em Biodança o processo terapêutico se faz através da vivência para, só depois, levar essa percepção até a compreensão da consciência, espontaneamente. Entendemos que o aprendizado teórico mantém-se em nível cognitivo não se convertendo em realidade, impedindo a transformação e até mesmo retardando o processo: na medida em que gera conflitos interiores, fornece subsídios para justificativas e faz a pessoa se fechar. Biodança estimula sempre vivências nutritivas e integradoras. *Todo estudo teórico sobre nudez não alcançará sequer a porta de entrada da percepção que só a prática integrada proporcionará. Especialmente as primeiras experiências com nudez coletiva devem ocorrer em ambientes acolhedores e saudáveis. O aprendizado cognitivo complementar a vivência.*

LIMITE - É necessário respeitar o limite próprio e o das outras pessoas, porque o rompimento de barreiras machuca o ser, na medida em que expõe a identidade fragilizada, agressivamente, causando sofrimento em lugar de cura. Quem já se trabalhou mais, ou de alguma forma atingiu um nível menos grave de repressão deve ser cuidadoso no trato com as pessoas mais presas aos padrões. *Quem já se despe com facilidade deve ter o cuidado de não agredir aos que ainda não vislumbram essa possibilidade ou que estão no início de suas experiências.*

PROGRESSIVIDADE - Há que se respeitar o processo individual. Cada um no seu próprio tempo e na sua própria marcha. O processo tem que ser gradativo, na medida das possibilidades de cada um e respeitando os limites particulares. *O despir-se de acordo com esse princípio deverá ocorrer gradativamente, no tempo individual.*

AUTOREGULAÇÃO - Nosso organismo possui mecanismos naturais, que lhe possibilitam por si mesmo a regulação orgânica de seus processos internos e ações no meio externo, procurando conservar a harmonia e o estado de saúde. Biodança não admite interferências voluntárias nesses mecanismos, com o fim de lhes alterar o ritmo natural. *O instinto solicitará a proteção da roupa, quando sentir o corpo agredido pelos agentes físicos do meio ambiente.*

RECULTURAÇÃO - Biodança propõe uma mudança nos mandatos introjetados, especialmente na infância, mediante processos que conduzam a uma nova percepção, ao lado de uma tomada de consciência, levando a uma mudança de valores e a conseqüente mudança de comportamentos. *Reservar a roupa aos espaços e momentos em que ela é realmente necessária exige uma mudança profunda da cultura.*

AUTOCURA - Em Biodança o processo de cura é colocado nas mãos do próprio participante, que tem uma ação ativa na condução do seu processo. Biodança se limita a criar um espaço seguro e nutritivo e a colocar a pessoa diante da possibilidade de mudança, mas cabe a ela assumir a responsabilidade pela troca. *A opção pela nudez deve ser uma escolha derivada de um desejo de mudança.*

RENOVAÇÃO SEXUAL - O refazimento dos valores e da cultura inscrita no corpo, sobretudo pela redução da culpa instalada, proporciona mudanças no comportamento sexual, facilitando a entrega e favorecendo o reconhecimento do corpo como um templo de prazer, abrindo caminho para a fusão orgástica. *A nudez coletiva retira um pesado estigma dos órgãos genitais, desfazendo as imagens de feio, sujo, proibido, imoral, pornográfico e alvo sexual a ser alcançado, aceitando o corpo inteiro como um todo erótico.*

VINCULAÇÃO EM RETROALIMENTAÇÃO - A Biodança estimula a relação em *feedback* entre as pessoas, para que se aprenda a perceber e respeitar os limites do outro, mediante uma leitura das mensagens por ele enviadas. *Antes de nos apresentarmos nus, diante de uma pessoa, precisamos fazer uma leitura da sua receptividade.*

VINCULAÇÃO ECOLÓGICA - Biodança propõe uma vinculação ecológica que transcende a relação cultural com fauna e flora. Fala de uma vinculação íntima com o universo macro e micro cósmico, passando, também, pelas relações matrimoniais, parentais e coletivas. *A nudez está inserida nesse resgate da ecologia universal.*

Rolando Toro diz que a repressão dos impulsos naturais não se encontra apenas no sistema de normas introjetadas no superego, como disse Freud, nos mandatos parentais da Análise Transacional, de Berne, e na ideologia sociopolítica, de Reich. Ele diz que a repressão vai além desses conceitos e está instalada na estrutura da sociedade, "en todos sus detalles, en toda circunstancia y en las más variadas formas" (TORO, 1991, p. 143). A

repressão está na estrutura das cidades, na arquitetura das casas, nos móveis, nas roupas, nos livros, nas disciplinas escolares, no trabalho, nos gestos, nos movimentos, nos alimentos, e assim em todos os níveis - sociais, políticos e culturais -, razão pela qual nos é impossível escapar das forças repressivas, até porque as próprias terapias estão inseridas no sistema e se confundem com ele. A repressão está, na verdade, visceralmente instalada dentro do próprio indivíduo, que dela passa a ser um agente multiplicador, responsável pela manutenção e disseminação no sistema externo, do qual acabamos de falar. Na sessão de Biodança, suspende-se temporariamente a ação das forças repressivas e das interferências do cognitivo, abrindo espaço para a manifestação mais livre dos impulsos vitais, os quais Toro dispôs didaticamente em linhas de vivência. Essas linhas são canais por onde as potencialidades do nosso código genético se expressam no decorrer da nossa história, concretizando-se no cotidiano, interpenetrando-se e interagindo-se continuamente. Fazemos abaixo uma ligeira descrição das cinco linhas de vivência:

LINHA DA VITALIDADE - Diz da nossa capacidade de estarmos vivos e de agirmos no mundo com energia e disposição, para isso sendo preciso que nossos sistemas estejam todos funcionando perfeitamente, integrados e em perfeita sintonia. Sistemas que ante uma situação de perigo nos colocam em estado de alerta e disposição física para uma reação de luta ou de fuga, reagindo de acordo com o que lhe é mais benéfico, saudável e prazeroso. Vitalidade é também estar com os sistemas de autopreservação em perfeito funcionamento, os quais têm no repouso a possibilidade de reparação das energias despendidas e de manutenção do equilíbrio interno, realizando assim um constante pulsar entre atividade e repouso, conservando a homeostase e permitindo a ação do potencial genético.

LINHA DA SEXUALIDADE - É a nossa relação com o prazer, que transcende os espaços restritos em que ele foi aprisionado pela cultura. Prazer de beber um copo de água, de banhar-se, de tomar sol, de caminhar, de fundir-se com outra pessoa, de sentir-se vivo etc.

LINHA DA CRIATIVIDADE - Está relacionada com a livre expressão da nossa identidade e com a nossa curiosidade exploratória, no meio onde estamos inseridos; da nossa habilidade em inovar, quer seja pela transformação do já existente, ou criação do novo; assim como ter a capacidade de encontrar soluções para problemas e de perceber um fenômeno a partir de ângulos variados.

LINHA DA AFETIVIDADE - É o nosso potencial de vinculação com a espécie e com a natureza. Capacidade de dar e receber carinho, aconchego, fruto de uma amorosidade interna que flui livremente através de nossos gestos que se manifestam na interação com o meio. De experimentar o amor como verbo intransitivo, como ensinou Mário de Andrade.

LINHA DA TRANSCENDÊNCIA - Aqui a nossa vinculação amorosa se estende até o universo cósmico, no qual nos sentimos plenamente integrados, nas mínimas ações. Para se ter uma experiência de transcendência não será necessário escalar montanhas, nem olhar para o infinito. O ser integrado terá a capacidade de maravilhar-se com a percepção da totalidade em qualquer ambiente, mesmo estando dentro de um “engarrafamento” de automóveis.

Para o alcance de seus propósitos, Biodança utiliza exercícios conjugados com músicas selecionadas de acordo com os objetivos e paradigmas da proposta, em ambientes especialmente preparados para esse fim, onde as atividades são realizadas sempre em grupo, visando resgatar os potenciais de vida latentes em cada pessoa. A dinâmica grupal se distribui em duas partes, uma destinada à expressão verbal, e outra específica para o processo vivencial, chamada de vivência. Em um sentido amplo, a própria verbalização também é uma vivência, mas geralmente quando falamos de vivência em um sentido específico, estamos nos referindo aos efeitos e sensações experimentadas no decorrer do processo vivencial, nessa segunda fase da dinâmica. Ela tem a característica de não poder ser transmitida a outrem, no máximo ela pode ser parcialmente compartilhada, mas jamais integralmente informada a outro, porque é uma experiência pessoal e única, não se repetindo jamais, e porque as limitações simbólicas da palavra não abarcam plenamente a sua magnitude. É nela que mais se processa o efeito terapêutico da Biodança, ativando e amplificando o que existe de saudável dentro de nós e assim dissolvendo o que não nos pertence; o nocivo que em nós se instalou danificando o programa original. A vivência se transporta para além do espaço físico e temporal, em que está sendo realizada a sessão, concretizando-se nas diversas dimensões que compõem nosso ser (físico, emocional, mental etc.). Com a prática, a vivência tenderá a sair dos salões de Biodança, podendo ser percebida em qualquer ambiente, em qualquer lugar. É a vivência que nos traz o verdadeiro sentido de estarmos vivos, de nos percebermos de corpo inteiro, de nos sentirmos integrados a um todo maior numa relação pulsante de identidade, na medida em que devolve a nossa sensibilidade, a nossa capacidade de perceber a poesia contida na sutileza dos pequenos gestos, que nos permite vincular-nos ao outro através

da profundidade do olhar. Encontro de olhar que é um dos momentos mais significativos no processo vivencial de Biodança. Ele nos leva ao estabelecimento de uma relação profunda de intimidade com a outra pessoa, desvelando um diante do outro, totalmente entregues, sem barreiras, sem artifícios e sem máscaras: nus. Nenhuma outra vivência nos desnuda tanto, nos mostra em essência, na nossa verdade mais absoluta. É um momento especial e delicado em que nos abrimos a um fluxo de energia, atingindo um nível de comunicação inalcançável pela palavra, incompreensível por um observador externo. A vivência do olhar nos possibilita um estado de fusão com o outro, cuja habilidade, uma vez recuperada, nos acompanhará aos espaços do cotidiano, enriquecendo a nossa comunicação nas relações interpessoais, intensificando o êxtase na relação amorosa. Na vivência o praticante aprende, entre outras coisas, a contornar situações do dia-a-dia com mais flexibilidade, ampliando a sua visão de mundo a partir da redescoberta de potenciais interiores antes inexplorados, possibilitando-lhe encontrar soluções mais criativas para antigos problemas. A vida pulsante nos recônditos do ser reencontra o seu fluxo energético natural e se torna realidade, manifestando no mundo exterior o divino que somos. Ela traz o funcionamento harmonioso e interativo entre os diversos subsistemas que compõem a identidade individual, afinando essa mesma identidade com o sistema cósmico no qual está inserida. Não existem exercícios que tenham que ser realizados sem roupa. Em contrapartida, qualquer exercício poderá ser realizado nu. Assim como andar de bicicleta ou ler jornal, podem ser feitos com ou sem roupa. O que define a nudez ou não é a disposição do praticante e o limite do grupo.

Os efeitos terapêuticos decorrentes da participação em um grupo de Biodança variam de pessoa para pessoa dependendo da história de vida de cada um, proporcionando o reencontro consigo, com as outras pessoas, com a natureza e com a totalidade, entre inúmeros outros benefícios; favorecendo uma postura de reconhecimento de si e do outro, como totalidade única inserida no mar universal cósmico. A listagem desses benefícios tornar-se-ia infinita, podendo ser resumida no restabelecimento da unidade integrada do ser, produzindo uma série de resultados, tais como: melhorar a auto-estima, fortalecer a identidade, aumentar a autoconfiança, integrar corpo-mente-emoção e facilitar uma percepção mais sensível do mundo e de si mesmo, trazendo a possibilidade de um encontro mais humano entre as pessoas, nas suas relações familiares, sociais e de trabalho. Aceitar-se e, também, aos outros, em relação ao corpo físico, à história de vida e ao processo de crescimento, do jeito que cada um é, na sua singularidade e valor pessoal. A mulher desenvolverá o seu potencial feminino, esquivando-se de papéis a ela impostos socialmente, que durante tanto tempo lhe cercearam a liberdade de se mostrar em sua plenitude e de operar no mundo dos homens. Ela receberá

estímulos para o desabrochar da expressão do feminino, ao mesmo tempo em que resgatará a energia yang adormecida. O homem tornar-se-á consciente de papéis assumidos que lhe negam a expressão do sutil e de como isso lhe bloqueia a liberdade, por via oblíqua. Ele desenvolverá, ainda mais, a sua energia masculina, enquanto terá permissão para a liberação da energia yin. Todos, aí incluindo os homossexuais, terão as suas opções sexuais acolhidas, valorizando a liberdade de expressão do verdadeiro ser em toda a sua intensidade. A prática de Biodança traz de volta a sensibilidade perdida no decurso do processo civilizador, favorecendo uma percepção mais integrada de seu próprio corpo físico e do funcionamento interno de seus campos emocional e mental, recuperando, ao mesmo tempo, a intimidade do vínculo com a natureza externa da qual a pessoa não mais sentir-se-á dissociada.

Biodança pode ser praticada por quaisquer pessoas, de idades e condições socioeconômicas variadas, organizadas em grupos constituídos de acordo com as afinidades das pessoas que dele fazem parte (gestantes, adolescentes, adultos, obesos), formando uma identidade grupal. Isto não significa dizer que haja segmentação, discriminação ou direcionamento específico, mas uma reunião de afinidades facilitando a dinâmica grupal. Ela pode ser praticada por toda pessoa que nasce nesse caldo cultural em que vivemos imersos, de cujas influências nefastas ninguém consegue escapar, mas que sinta necessidade de um processo libertador das amarras impostas arbitrariamente, que limitam a livre manifestação da expressão em sua magnitude. Entregar-se ao processo vivencial é o único requisito indispensável para que a transformação aconteça.

Biodança é a poética do encontro humano em que as pessoas estabelecem um vínculo de confiança, gerando um espaço acolhedor, um útero nutritivo e receptivo para os participantes, aceitando cada individualidade como ela é, admitindo a existência de uma semente única, de um potencial genético ali manifestado, mas, também, aceitando as limitações decorrentes da sua história específica. Um espaço onde será possível começar a perceber o ser maravilhoso que se esconde detrás das máscaras sociais de proteção.

3. SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO À NUDEZ NA HISTÓRIA

Apesar de não existir registro preciso sobre a origem das roupas, pode-se imaginar, com base nos poucos registros que ficaram, que os homo-sapiens sendo dos animais menos aquinhoados com proteção do corpo contra as agressões naturais do meio-ambiente, tais como a aspereza da vegetação e das pedras, pequenos insetos, a chuva, o vento, a areia e, em especial, o frio, tenham, até por casualidade, descoberto que as peles dos animais por eles abatidos, com o objetivo primeiro da alimentação, eram agradáveis no contato dos seus pêlos, servindo para recobrir o chão, ou as paredes das cavernas, minimizando a aspereza das pedras, e, que uma vez envolvendo o corpo, também tinham a capacidade de reter o calor, reduzindo os efeitos do frio. A partir daí supõe-se que eles tenham passado a dar especial atenção para essas peles, atribuindo à caça um valor maior que a simples necessidade de alimentação.

As civilizações primitivas, distribuídas de forma variada nos espaços e no tempo, foram tendo as suas primeiras experiências no sentido de aprimorar as suas descobertas, pouco a pouco desenvolvendo técnicas capazes de melhorar o aproveitamento das peles, tornando ainda mais prática a sua utilização, pois a simples colocação das peles sobre o corpo não o recobria por completo, deixando partes dele expostas, além de limitar os seus movimentos, despertando o desejo de poder envolver todo o corpo com as peles, de maneira mais prática. Diversas técnicas desenvolvidas, como a mastigação das peles, a utilização do óleo dos animais marinhos, a utilização do ácido tânico extraído de cascas de árvores, foram pouco a pouco permitindo uma melhor maleabilidade do couro e facilitando o seu uso. Da mesma forma, com a manifestação da curiosidade humana, foi se descobrindo a utilização de fibras vegetais e meios de tratá-las, possibilitando o surgimento de outros tipos de agasalhos.

Com o avanço gradual dos conhecimentos, os humanos chegaram naquilo que representou um grande salto na arte de confeccionar proteção, que foi a invenção da agulha, inicialmente feita de ossos e presas de leão marinho, possibilitando juntar pedaços de peles, para obter uma vestimenta mais ajustada à anatomia.

A evolução prosseguiu com o desenvolvimento de tecidos mais elaborados, possibilitando a utilização de túnicas, franjas e babados, passando as roupas da condição de simples instrumento de proteção, para também proporcionar ao usuário a satisfação de sua vaidade pessoal, a demonstração de status, a distinção de classe e o controle social. De acordo com James Laver, “(...) uma lei assíria, de cerca de 1200 a. C., obrigava as mulheres

casadas a usar véus em público. Esse é o registro mais antigo de um costume que prevalece nessas regiões até os tempos modernos” (LAVÉ, 1989, p. 15). E mais: “As roupas reais eram diferentes das usadas pelos outros egípcios, sendo de tecido mais fino, com cintos bordados e golas de ouro e esmalte.” (LAVÉ, 1989, p.16).

Nas civilizações mais antigas, a utilização de roupas não tinha ligação com o pudor do sexo, tanto que algumas roupas eram semitransparentes ou deixavam os seios à mostra. “Os gregos (...) não consideravam nudez vergonhosa” (LAVÉ, 1989, p.31).

Nas civilizações que se seguiram, uma variedade espantosa de modelos e tecidos foi sendo confeccionada, à medida que avançava a tecnologia de elaboração dos tecidos e adereços. Notadamente as roupas das camadas superiores e dos guerreiros eram elaboradas com ricos detalhes e combinação de cores, adquirindo um aspecto suntuoso. As pessoas do povo, no entanto, não tinham acesso a essa riqueza de roupas, como no Egito. “...as pessoas das classes mais baixas e os escravos dos palácios andavam quase, ou completamente, nus. O uso de roupas era uma espécie de distinção de classe.” (LAVÉ, 1989, p.16), e, na Alemanha do Século XVI, “...esses trajes camponeses e os das classes intermediárias não exibiam a extravagância daqueles usados nos círculos da corte. Mas todo cidadão próspero possuía o que os alemães chamavam de *Schaube*, um sobretudo com o formato de uma batina, geralmente sem mangas” (LAVÉ, 1989, p.85).

3.1. Higiene corporal

As sugestões de encobrimento do corpo do europeu vão encontrar apoio nas condições climáticas e na escassez de água, inibindo a prática de tomar banho, que passa a se realizar esporadicamente e se restringe a partes do corpo, geralmente mãos e rosto, por serem as partes que ficam expostas. No mais se aplica uma toaleta seca que “consiste em friccionar-se e perfumar-se” (CHARTIER, 1991, p. 190). Teria aí se apoiado a indústria do perfume hoje tão promissora? Essa cultura de pouco banho reforça a necessidade de ocultá-lo quase por completo, com roupas limpas e alvas, que passam a se constituir no indicativo de limpeza da pessoa. Esse comportamento vai do final da Idade Média a meados do século XVIII.

Aos primeiros europeus chegados ao Brasil, causou estranheza o costume dos índios tomarem cerca de doze banhos ao dia e de andarem completamente nus e, ainda assim, apresentarem uma pele saudável e forte. Sigaud, higienista francês, chegou mesmo a prescrever que os indígenas estariam sendo acometidos de doenças do aparelho respiratório (advindas do contato com o europeu) em decorrência de tomarem muito banho frio e de

andarem despidos. “Quando pelos estudos modernos de higiene o que se apura é exatamente o contrário: que essas moléstias do sistema respiratório desenvolvem-se entre populações selvagens pela imposição de vestuário e de resguardos europeus a gente habituada a andar inteiramente nua” (FREYRE, 1984, p. 112). As índias foram as que mais se rebelaram contra a imposição de roupas, sobretudo por lhes dificultar a higiene pessoal. Foram deles, índios, que nós, brasileiros, herdamos o hábito de nos banhar freqüentemente, um gesto tão natural para eles, mas que acabou se contaminando pelas imposições feitas pelo europeu, causando-lhes distorções nas suas tradições de higiene e moral. “São povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual às vezes superior à daqueles que o pudor cristão faz cobrirem-se de pesadas vestes” (FREYRE, 1984, p. 111).

3.2. A nudez continua

Paradoxalmente, ao exagero no volume das roupas usadas na sociedade, nos banhos públicos, na Europa, o nu era tratado com naturalidade, assim permanecendo até bem pouco tempo. É sabido que os gregos banhavam-se em público completamente despidos. “As aristocratas de Alexandria do século V se entregavam aos prazeres de serem banhadas e massageadas por seus escravos, mesmo os do sexo masculino” (WOLF, 1998, p. 87). Ao longo de vários séculos mantiveram-se as casas de banho, inclusive na França, onde, até o século XV, havia casas de banho em que a separação dos ambientes masculino e feminino era feita precariamente, proporcionando o encontro pelos corredores de homens e mulheres despidos.

Na Alemanha, até o século XVI, “a visão da nudez total era a norma diária” em casas apinhadas de gente, era comum a nudez em banhos mistos, na água e nas saunas a vapor; as mulheres costumavam andar nuas por baixo das anáguas; e era considerado extremamente divertido, por homens e mulheres, tanto do campo quanto da cidade, fazer uma brincadeira durante as festas, na qual o homem erguia sua parceira tão alto que seu vestido levantava.

No início da Idade Média, algumas mulheres na Irlanda se despiam como sinal de boas-vindas. Está registrado em *Sex in History*, de G Rattray Taylor, que a rainha do Ulster e as damas da corte acolheram dessa maneira o herói Cuchulainn. Um viajante na Irlanda relatou que, mesmo em 1617, mocinhas nuas eram vistas moendo cereais em público. Mais ou menos na mesma época, em Veneza e em Pádua, no verão, observadores escreveram que “esposas, viúvas e donzelas todas andavam com os seios nus” (WOLF, 1998, p. 87).

A rejeição ao corpo nu foi significativamente alimentada pelo medo decorrente da grande peste e da sífilis, pois se atribuía a disseminação dessas doenças aos banhos públicos,

gerando “um horror à nudez” (FREYRE , 1984, p. 112). “Em 1450, a grande peste de Paris fechou os banhos de capital, apesar dos protestos das corporações e dos burgueses. A sífilis vem revezá-la no século XVI.” (BOLOGNE, 1990, p.33). Mesmo com o fechamento quase total das casas de banho, continuaram os banhos despidos nos rios, inclusive no Sena, em Paris. Curiosamente, foi somente no Renascimento que os banhos nus começaram a ser proibidos. Primeiramente as mulheres foram impedidas de tomar banho nuas nos rios. Essa proibição da exibição da nudez feminina tornou-se mais contundente no início do século XVII, iniciando-se também uma campanha para a proibição da nudez masculina nos banhos de rio. Foi assim que, ainda no século XVII, começou a utilização de longas camisas que cobrem até os calcanhares, para banho no rio, primeiramente impostas às mulheres, para depois atingir também os homens. Constitui um paradoxo que durante o Renascimento que liberou a expressão do nu artístico tenha havido a maior repressão da nudez prática. As proibições não foram suficientes para inibir completamente a nudez na França. As pessoas continuaram a banhar-se nuas nos rios embora as punições fossem cada vez mais severas, a ponto de que:

A 04 de agosto de 1759, Jean-Théodore da Baviera ordena que todos aqueles que, com desprezo aos presentes, forem encontrados nus nas ruas ou nas praias da nossa cidade, sejam escorraçados e mandados para casa à chibatada ou à paulada, pelos sargentos (...) arqueiros (...) ministros de justiça (...) as roupas e objectos (...) ficarão confiscados em proveitos dos ditos sargentos, arqueiros e ministros de justiça (BOLOGNE, 1990, p.41).

Essas campanhas desfraldadas contra a nudez indicam que de fato o nu acontecia, uma vez que fica evidente a intencionalidade de estimular os agentes da justiça a agirem tenazmente contra os nudistas, o que também nos faz pensar que, se havia a necessidade de um estímulo tão forte, entende-se que não havia uma disposição natural dos agentes em combater a nudez, logo não havia uma cultura de repressão à nudez tal como hoje existe. Não houvesse uma resistência popular em assimilar a negação do próprio corpo, não haveria a necessidade da aplicação de tanta força.

Em Bizâncio João Crisóstomos ousa atacar os banhos públicos, ponto de reunião social por excelência da sociedade cívica da classe social superior. Critica o hábito das mulheres da aristocracia de exibirem a uma multidão de servos suas carnes bem nutridas, cobertas apenas de pesadas jóias que constituem a marca de sua elevada posição (VEYNE , 1989, p. 286).

Com todas essas ameaças a nudez continuou ocorrendo ainda por muitos anos nos rios.

Até o século XVII, era considerado vergonhoso mostrar-se nu ou na sua intimidade diante de pessoas hierarquicamente superiores, mas perfeitamente natural seria ficar despido assim como em situações de intimidade, diante de inferiores, ato considerado mesmo como sinal de estima e condescendência por esses mesmos inferiores. “...a amante de Voltaire, a marquesa de Châtelet, fica inteiramente nua diante de um serviçal durante o banho, de tal maneira que o deixa perturbado, e então o repreende porque o laçao não está derramando corretamente a água quente” (ELIAS, 1993, p. 143). Foi com o passar dos séculos que as regras sociais de proibição à nudez penetraram nos espaços mais íntimos, criando um distanciamento também em relação aos que são inferiores. É possível que exista uma relação entre essa mudança de comportamento e o melhor aparelhamento dos espaços íntimos. Em suas casas, as madames continuavam a receber visita durante o banho e a se despirem diante dos criados sem nenhuma cerimônia. No decorrer dos séculos XVII e XVIII aos poucos vão se reduzindo os banhos nus, mas não de todo, ainda acontecendo em alguns lugares. “Na Dinamarca, na Rússia, na Criméia, a nudez continuará autorizada até ao início do século XX (BOLOGNE, 1990, p. 48). Foi no século XIX que a negação à nudez no banho se tornou mais evidente. As residências começaram a ter um espaço fechado apropriado para o banho, coisa que até então não acontecia pois antes a banheira era colocada em uma sala, ou no quarto. “O banheiro aparece entre a burguesia por volta de 1880” (PROST, 1992, p. 308). Foi o avanço da tecnologia que, gradativamente, dotou esse espaço dos instrumentos necessários para a sua plena aceitação. O jarro e a bacia, utilizados nos bordéis, passaram para o interior do banheiros até a posterior invenção da ducha, em meados o século XX, tornando mais prático e objetivo o ato de limpar-se, instaurando definitivamente esse espaço no *lay-out* das residências.

Quando, em torno de 1900, difunde-se o sanitário, e mais tarde o banheiro, dotado de um sólido ferrolho, o corpo nu pode começar a experimentar sua mobilidade a salvo de qualquer intromissão. Este espaço, dessensibilizado ao máximo, transforma-se no templo clean and decent do inventário e da contemplação de si próprio (PERROT, 1991, p. 442).

A ducha beneficia-se de um preconceito, pois sua ação dinamizante exorciza o enlanguescimento (PERROT, 1991, p. 444).

3.3. A influência da religião

Ao longo da História muitos foram os líderes espirituais que se manifestaram a favor de relações sociais mais justas, em harmonia com a natureza e trazendo uma visão integrada

do universo. Em síntese, todos eles disseram as mesmas coisas, diferenciando-se mais em função de idiomas, símbolos, rituais e formas de expressão, derivadas da cultura onde se estabeleceram e da história de vida própria de cada um. Entretanto, ao fazermos um mergulho em busca da essência contida nos diversos ensinamentos por eles ministrados, encontraremos sempre os mesmos ideais.

O que se tem observado, ao longo do processo histórico da humanidade, é que qualquer movimento que venha conquistar genuinamente o coração do povo desperta inicialmente a rejeição e depois o interesse daqueles que mantêm o controle desse mesmo povo. É assim que movimentos espirituais, expressões folclóricas e tudo mais que brote no seio do povo e possua influência sobre o mesmo, é tomado pelos controladores do sistema, evitando sua libertação, para dar continuidade ao domínio das classes menos esclarecidas, a partir da distorção dos princípios e símbolos originários. Jesus Cristo, mesmo, enquanto pregava o amor incondicional, caminhando a pé pelos campos e praças, foi rejeitado pelos reis da época. Mas ao se darem conta da força com que seus ensinamentos influenciavam o povo, os líderes religiosos institucionalizaram esse movimento, modificando os ensinamentos, criando rituais, erguendo igrejas e adulterando a própria imagem do corpo de Cristo, que passou por um processo de branqueamento, adquirindo aparência européia. A partir de então, a Igreja se apropria do poder de Cristo, que negocia com o Estado e a elite, mantendo o povo na condição de meros seguidores: “... apesar da consumada habilidade dos poderosos para destacarem-se da massa obscura dos inferiores com suas espetaculares vestes domingueiras bordadas com cenas dos Evangelhos” (VEYNE , 1989, p. 265).

Se, no início do cristianismo, seus adeptos eram atirados aos leões na arena, por terem opiniões que contrariavam os detentores do poder da época, mais tarde, em nome desse mesmo cristianismo os hereges foram atirados às fogueiras. E assim os valores de Cristo se transformam de acordo com a conveniência das instituições religiosas e do sistema socioeconômico vigente.

“Até o início do século VIII, homens e mulheres eram batizados nus na piscina octogonal contígua a toda catedral, na noite do sábado santo. Nus como Adão e Eva na criação, saíam da água, mortos para o pecado e ressuscitados para a vida eterna (...) O desaparecimento do batismo por imersão na época carolíngia (...) deu à nudez um significado sexual e genital que ela não tinha. Já no século VI foi preciso desaparecer com os crucifixos em que Cristo figurava nu como todos os escravos condenados ao mesmo suplício (...) De fato, era a época em que em Bizâncio, se difundia o Crucificado vestido numa longa túnica, o *colobium* (...)

pois Cristo corria o risco de ser adorado pelas mulheres como um deus da fertilidade” (VEYNE, 1989, p. 439).

Jesus foi batizado e crucificado nu, e as primeiras imagens do Cristo crucificado eram nuas, somente mais tarde sendo cobertas com pedaços de pano. Durante séculos adultos e crianças eram batizadas nus. Em relação ao batismo, a Constituição Apostólica de São Hipólito de Roma, no século II dC., diz que "a nudez total era considerada essencial. As mulheres eram instruídas a remover até suas jóias e presilhas dos seus cabelos" (NATURIS, nº 20, p. 8). Cirilo de Jerusalém batizava as pessoas todas nuas dizendo-lhes:

Você está agora despido e nu, nisto também imitando o Cristo, desprovido de suas vestes na Sua Cruz. Ele que, por temor, triunfou sobre eles, na Cruz. [Eles ficavam rezando nus por algum tempo, para depois serem imergidos um de cada vez na piscina e São Cirilo dizia:] "Que maravilha! Você ficou nu diante dos olhos de todos, sem sentir nenhuma vergonha. Isto porque você carrega verdadeiramente a imagem do primeiro Adão com você, este que ficou nu no paraíso sem sentimento de vergonha (NATURIS, nº 20, pp. 8 e 9).

O Jesus que reconheceu na prostituta Madalena a mesma divindade que habita em tudo existente, transforma-se em mensageiro de um Deus repressor, castigador dos que o contrariam, e que nega a pureza da anatomia humana, criada por Ele mesmo. É o Cristianismo, e em especial a Igreja Católica, que vêm alcançar o maior número de fiéis, no Brasil, exercendo a sua influência na formação da cultura, instituindo e reforçando valores que auxiliam na manutenção do controle do Estado sobre seu povo, através da castração dos movimentos naturais; da legítima expressão dos sentimentos e impulsos instintivos, como a busca de prazer; da liberdade de expressão; da aceitação do próprio corpo e do corpo de seus semelhantes, como uma bela expressão material do divino.

A ação do Cristianismo fica evidente ao se olhar o processo de conquista do território brasileiro pelos portugueses, quando os jesuítas aqui chegaram para estabelecer as bases da nova sociedade, contribuindo incisivamente para impor a ordem social, mediante a catequização dos índios, dos escravos negros e dos portugueses, estes, na sua maioria aventureiros de integridade duvidosa. Nesse processo tanto os índios como os escravos africanos tiveram os seus deuses, as suas crenças e as suas culturas negados, rejeitados e proibidos, sendo substituídos pelo Deus branco, castrador e carente de adoração. Afinal, que Deus é esse, infinitamente poderoso, e, ao mesmo tempo, tão interesseiro, que só ajuda quem dá dinheiro para suas obras, com necessidade de reconhecimento, dependente da devoção de seus filhos, inseguro, narcísico e manipulável? Os índios foram induzidos a cobrirem os seus

corpos, necessidade até então desconhecida por eles, encobrindo não só a pele e órgãos genitais, sobretudo escondendo a inocência e a pureza em relação ao corpo, ao sexo, à malícia, ao poder e à riqueza, como escreveu Caminha em sua carta primeira, da qual extraí alguns trechos:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência (...).

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de a nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

(...) Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma.

Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus (...)

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior - com respeito ao pudor.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.
Pero Vaz de Caminha

A revista NATURIS traz uma seleção de fatos muito interessantes sobre a nudez na História, que por já estarem sintetizados achei melhor transcrever na íntegra:

A NUDEZ NA HISTÓRIA

Até pouco depois do século XVI, a nudez era vista com a maior naturalidade. Em Israel, no tempo antigo, tomava-se banho completamente nu em fontes e jardins públicos. Também em Israel, nos tempos helênicos, a ginástica era praticada sem roupa alguma. O próprio Francisco de Assis ficou nu em público na presença do bispo Guido e do povo e não foi preso por atentado ao pudor. Santo Agostinho de Hipona, de grande influência maniqueísta, permitia às suas virgens tomarem banho público duas vezes por semana. O pintor Buonarrotti pintou totalmente nus na Capela Sistina, Jesus, Maria e todos os eleitos, assim como todos os condenados, no quadro do Juízo Final. Mais tarde, um papa contratou outro pintor para "vestir" as pinturas. As imagens de Cristo crucificado eram todas nuas, mesmo durante a época da Renascença (1350-1560). Mas a influência do maniqueísmo foi aumentando e criou-se a "cultura da vergonha". Do nu natural, passou-se a tomar

banho de camisolão. Criou-se até camisola com buraco para os atos genitais e passou-se a praticar esportes de batina (NATURIS, nº 4, p.25).

Pressionada pelas mudanças sócio-culturais dos últimos anos, a Igreja Católica vem procurando se contextualizar, flexibilizando posturas antes inarredáveis, com o fim de frear as perdas de fiéis para outras instituições religiosas. E assim o Papa João Paulo II reconheceu erros da Igreja Católica no passado e mandou reformar o quadro da Capela Sistina, devolvendo-lhe a forma original: “O Papa João Paulo II permitiu que os afrescos de Michelangelo recuperassem a nudez original. Temos assim o maior espetáculo de nudez frontal numa capela erguida em pleno Vaticano!” (NATURIS, nº 14, p. 8).

A Revolução Industrial trouxe uma contribuição dúbia. Por um lado, facilitou a disseminação do conhecimento, através da invenção da imprensa, trazendo a público a letra, antes monopólio da Igreja; por outro lado, a invenção do tear, em 1760, possibilitou a multiplicação das roupas e gerou a necessidade de criação de um mercado consumidor. E a criação da mídia, que deveria ser um canal de libertação, fez-se instrumento de massificação, controle e dominação. A Revolução Industrial seguiu o mesmo padrão de todas as revoluções humanas, nenhuma delas trazendo mudanças reais em favor da comunidade. Toda revolução acontece quando o modelo de dominação utilizado já não satisfaz, sendo substituído por outro modelo, travestido de novo, com promessas de mudanças, mas que, se não conserva em seu cerne os mesmos objetivos, logo será contaminado e encampado pelos mesmos ideais de dominação. Assim como, do mesmo avião inventado para dar asas ao homem, se atirou a bomba atômica, transformou-se o carnaval, espaço de liberdade do povo, em espetáculo comercial; e a coragem de Cristo virou exemplo de submissão; a roupa, inventada para libertar os seres humanos das limitações climáticas, passou a escravizá-lo.

O maior risco que corremos é ver a bandeira da nudez ser encampada pelos mesmos controladores do sistema em vigor, que dela venham a se utilizar para disseminar os mesmos valores que sustentam o sistema de dominação vigente, tal como ele é. Temo que a cultura naturista possa ser tomada pelo sistema sócio-econômico e se transforme num lugar comum de gente nua. O Naturismo surgiu e se mantém no seio de grupos formados por pessoas que têm em comum uma vinculação com a natureza, que as torna solidárias e unidas em torno dos objetivos comuns. Por quanto tempo isto será realidade? Até que ponto a nudez conseguirá contagiar, antes de se deixar “contaminar”?

3.4. O ideal de ociosidade

Ao longo da História, o ideal de beleza corporal vai sendo traçado pelas conveniências sociais de cada época. Na Antiguidade a corpulência, a gordura, a barriga avantajada, indicava, de acordo com lugares diversos, aquele das grandes posses, opulento, distinguindo-o dos trabalhadores rurais, cujos músculos retesados pelo trabalho braçal e com carência alimentar conservavam um corpo magro. Em alguns lugares do Oriente barriga grande significava equilíbrio emocional.

No século XVIII, o homem bem sucedido financeiramente era aquele que podia proporcionar à sua esposa e filhos uma vida livre de trabalhos que exigissem quaisquer esforços físicos, gerando um estilo de vida ociosa, sobretudo para as mulheres. O reconhecimento desse estilo de vida se dava pela apresentação de uma pele sem vestígios de contato com o trabalho ou com o tempo, da pele livre de queimaduras do sol, branca e macia, e da utilização de roupas que restringissem os movimentos, como os imensos vestidos de várias camadas, cheios de rendas e babados, ou do corpo apertado por espartilhos, roupas inadequadas para o desempenho das atividades físicas de trabalho. O costume de se tomar banho de mar ao sol com fins terapêuticos foi perdendo importância, já a partir da segunda metade do século XVIII, sobretudo para as mulheres, que tinham como símbolo de beleza uma pele empalidecida. "O ruge foi totalmente abandonado, uma "palidez interessante" era admirada, e algumas jovens tolas chegavam a beber vinagre para ficar de acordo com a moda" (LAVIER, 1989, p. 170). Banhos de leite, de champagne, de morangos esmagados, deveriam "garantir a doçura e brancura da pele" (BOLOGNE, 1990, p. 49).

As formas outrora utilizadas já não servem mais para os nossos dias, em que o trabalhador braçal migrou para as cidades e tornou-se sedentário, tornando-se obeso e flácido como indicavam os antigos ideais de beleza. As classes abastadas precisam recorrer a outros artifícios. E vão buscar no corpo atlético o novo ideal de beleza: o corpo queimado de sol, justificado pelos fins-de-semana no clube, ou na fazenda; o corpo de músculos fortes, mas bem delineados daquele que pode pagar uma academia, uma clínica, um *personal trainer*, que pratica um esporte, mas, sobretudo que tem tempo para se dedicar a atividades improdutivas, situadas fora do alcance do homem comum.

Percebendo que o estilo de vida artificial cada vez mais nos distancia da natureza, tornando-nos uma sociedade doente, um número crescente de pessoas vem despertando para a necessidade de reencontrar os princípios alimentadores de vida. Toro diz que a humanidade

tem buscado “liberar-se de distintas formas de condicionamento” (TORO, 1991, p. 60), o que, Rossi confirma, “É uma tendência geral: as pessoas estão, cada vez mais, assumindo seus diferentes gostos e preferências, sem se importar tanto com os padrões massificados de comportamento.” (ROSSI, 1993, p.19). E esse é o público que vem procurando os diversos espaços que oferecem as mais variadas propostas de crescimento, de fuga do sistema castrador em que fomos inseridos, inconsciente e arbitrariamente, mas que, agora, percebe que há algo de errado com o mundo das normas. É esse o público que busca o Naturismo e a Biodança.

ERRO DE PORTUGUÊS

Oswald de Andrade

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva,

Vestiu o índio.

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português.

Andrade, 1972, p.115

4. A INFLUÊNCIA DAS REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL

A partir do final da Idade Média, iniciou-se um processo mais estruturado de disseminação de normas de conduta, estendendo-se por toda a Idade Moderna. Data desse período uma série de regulamentos expedidos pelas cortes e livros de etiqueta social, com a finalidade de instituir regras de comportamento, indicando como deve ser a conduta em sociedade. “O longo movimento de transformação dos comportamentos que se insere entre os séculos XVI e XVIII é no sentido de uma maior adequação às normas e de uma uniformização imposta” (CHARTIER, 1991, p. 184). Esses livros vão estabelecer um cerco à natureza humana, iniciando um profundo processo de condicionamento que iria cercear a espontaneidade dos movimentos, importando-se não apenas com os comportamentos pertinentes às relações sociais, mas indo infiltrar-se na intimidade das relações familiares e no âmbito individual. Esses tratados ensinam como se comportar, como interagir com os outros, como comer, caminhar, vestir-se, dormir, expelir, controlar as reações naturais do corpo etc., aparentemente visando melhorar as relações interpessoais, mas tendo como pano de fundo o controle social e a distinção das classes altas. É um bloqueio à naturalidade dos movimentos humanos, definindo o que deve e o que não deve ser manifestado, travando a expressão natural nas suas mais variadas formas, erguendo barreiras em torno dos indivíduos e restringindo os movimentos, que, a partir daí, só poderão se expressar através de gestos programados.

O lançamento, em 1522, da primeira obra de Erasmo deu início a um processo marcante de disseminação de regras de comportamento social. O trabalho desenvolvido por Erasmo teve repercussão por dois séculos, ficando conhecido esse movimento como civilidade, a qual foi consideravelmente difundida na sociedade, além de provocar o aparecimento de outras normas e regulamentos. Entendendo que os bons comportamentos podem ser aprendidos por todos, as idéias de Erasmo seriam amplamente disseminadas a partir das camadas sociais altas, atingindo também as mais baixas. A divulgação dos pensamentos de Erasmo propiciou que qualquer pessoa, independentemente da posição ocupada na hierarquia social, pudesse aprender as boas maneiras de se relacionar com as outras pessoas e de se apresentar no convívio público. Com o passar do tempo essa socialização da etiqueta, por assim dizer, veio a causar incômodo às classes altas que desse modo viam ficar comprometido esse mecanismo como forma de distinção, levando a uma

reação que conduz a um novo movimento, que ficou conhecido como civilidade cortesã, iniciada por Castiglione, no final do século XVI. Nela, o jogo de aparências que destaca é algo inato ao indivíduo e próprio da classe eleita, que devia se apresentar com distinção e ocultar as manifestações corporais, expressando os bons comportamentos como algo que lhes é próprio e não como algo aprendido. A fineza deve ser mostrada com graça, sem nenhum esforço ou tensão. “Parecer deve tornar-se um modo de ser” (CHARTIER, 1991, p. 194).

Na França, seguindo os princípios da civilidade cortesã, as elites que se reuniam nas grandes casas nobres estabeleciam comportamentos próprios, a partir dos quais elas se reconheciam como especiais, configurando um movimento conhecido como “honestidade”, cujos preceitos não eram ensinados fora desses mesmos círculos fechados. Contrapondo-se a esse modelo, no final do século XVII, Luis XIV impõe a sua corte a “sociabilidade regulamentada”, que situa o indivíduo dentro de uma hierarquia rigorosa e concede “aos nobres o privilégio visível da eminência social, porém em troca lhes cobra uma submissão irrestrita à autoridade supereminente do rei” (CHARTIER, 1991, p. 197). A corte fez da aparência a sua regra de controle social, determinando os níveis que a compunham, estabelecendo um controle incisivo do rei sobre a mesma e o olhar vigilante recíproco entre as camadas sociais. Essas regras da corte acabaram sendo levadas a público pelo pedagogo Antoine de Courtin, com o seu “Novo tratado de civilidade que é praticado na França entre as pessoas honestas, 1671” (CHARTIER, 1991, p. 199) que, resgatando assim os princípios da tradição erasmiana, levou a leitores situados fora da corte a idéia de que tudo pode ser aprendido, até que os traços dessa mesma aprendizagem tenham desaparecido e a civilidade aí incorporada se mostre em movimentos naturais, pois “(...) é preciso converter o adquirido em inato, a lição em dom. As marcas da aprendizagem devem esfumar-se para deixar lugar a uma natureza enfim revelada” (CHARTIER, 1991, p. 200).

Em 1729, o padre La Salle fez sucesso com um livro no qual conjuga o universalismo da civilidade erasmiana, com a discriminação da civilidade cortês. La Salle, critica “que a maioria dos cristãos considere o decoro e a civilidade como uma *qualidade puramente humana* e mundana e, não pensando em elevar mais ainda sua mente, não a considere uma virtude relacionada a Deus, ao próximo, e a nós mesmos” (ELIAS, 1994, p. 110). O apoio dado pela Igreja ao livro de La Salle propiciou que, desse momento, e até a primeira metade do século XIX, a civilidade fosse amplamente disseminada através de produtores especializados em grandes divulgações, atingindo até os lugares mais longínquos da França, o que acabou comprometendo a própria função da civilidade, enquanto instrumento de distinção de classes, pois, se todos os níveis passaram a ter acesso à norma, ela

se tornava marca comum entre eles, invertendo desse modo o seu papel: em vez de distinguir, ela passa a igualar. É assim que, paralelamente à larga divulgação, a civilidade começa a ser desprestigiada pelas elites, nesse mesmo período, sofrendo críticas de teóricos que ridicularizam e discriminam os excessos de cerimônias, definindo-os como próprios dos níveis inferiores, o que leva as elites a se fecharem novamente e a civilidade perde assim a sua importância dentro do conjunto social. A educação infantil transferiu-se para espaços reservados, no seio familiar, longe do comum, e a atenção se voltou para formas mais sutis de diferenciação, próprias dos bem nascidos. “Ante o perigo que representa um eventual nivelamento das condutas sob a norma comum, o estilo – a liberdade das aparências emancipadas de toda autoridade – volta a ser o árbitro do verdadeiro decoro.” (CHARTIER, 1991, p. 203).

Para nos trazer um contato mais íntimo com a realidade do período acima descrito, encontramos abaixo algumas ilustrações de recomendações extraídas dos manuais de comportamento, que de uma forma ou de outra guardam relação com o tema desta monografia:

“Não se toque por baixo das roupas com as mãos nuas” (ELIAS, 1994, p. 135).

Em 1530, *De Civilitate morum puerilium*, de Erasmo:

É indelicado cumprimentar alguém que esteja urinando ou defecando...

A pessoa bem educada sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. Isto porque os anjos estão sempre presentes e nada mais lhes agrada em um menino do que o pudor, o companheiro e guardião da decência. Se produz vergonha mostrá-las aos olhos dos demais, ainda menos dever ser elas expostas ao toque (ELIAS, 1994, p.136).

Quando se despir, quando se levantar, não se esqueça do decoro e cuidado para não expor aos olhos de outras pessoas qualquer coisa que a moralidade e a natureza exigem que seja ocultada (ELIAS, 1994, p. 163).

Calviac, trinta anos depois:

É muito honesto para uma criança pequena não manusear suas partes pudendas, mesmo quando a necessidade o exigir e quando estiver sozinha, a não ser com vergonha e pudor: pois isso denota grande pudicícia e honestidade (CHARTIER, 1991, p.188).

Claude Hardy (1613):

Abster-se de urinar é prejudicial à saúde; porém afastar-se para verter a urina é coisa digna da vergonha exigida de uma criança (CHARTIER, 1991, p.188).

Richard Weste (1619):

Não permitas que teus membros íntimos sejam expostos à vista: é mui vergonhoso e execrando, detestável e rude (ELIAS, 1994, p. 137).

La Salle (1729):

Faz parte do decoro e do pudor cobrir todas as partes do corpo, com exceção da cabeça e das mãos. Deve-se tomar cuidado para não tocar com as mãos nuas qualquer parte do corpo que não é habitualmente deixada descoberta. E se for obrigado a assim proceder, isto deve ser feito com grande cautela. Você precisa acostumar-se ao sofrimento e ao desconforto sem se contorcer, esfregar-se ou coçar-se...

É muito mais contrário à decência e à propriedade tocar ou ver em outra pessoa, principalmente do sexo oposto, aquilo que os Céus proíbem que você olhe em si mesmo. Quando precisar urinar, deve sempre retirar-se para um local não freqüentado. E é correto (mesmo no caso de crianças) cumprir outras funções naturais em locais onde não possam ser vistas.

.....

Não é nunca correto referir-se a partes do corpo que devem ficar cobertas nem de certas necessidades corporais a que a Natureza nos sujeitou, nem mesmo mencioná-las (ELIAS, 1994, p. 138).

Você não deve... nem se despir nem ir para a cama na presença de qualquer outra pessoa. Acima de tudo, a menos que seja casado, não deve ir para cama na presença de qualquer pessoa do outro sexo (ELIAS, 1994, p. 163).

Johann Christian Barth (1731):

Se passar por uma pessoa que está se aliviando, deve comportar-se como se não a visse, de maneira que seria indelicado cumprimentá-la (ELIAS, 1994, p. 138).

La Salle (1774):

Constitui um estranho abuso fazer com que duas pessoas de sexo diferente durmam no mesmo quarto. Se a necessidade isto exigir, você deve cuidar para que as camas fiquem separadas e que o pudor não sofra de maneira alguma com essa mistura. Só a penúria extrema pode desculpar essa prática...

Se for obrigado a dividir a cama com uma pessoa do mesmo sexo, o que raramente acontece, deve manter um rigoroso e vigilante recato...

Ao acordar, tendo repousado o suficiente, você deve sair da cama com o apropriado decoro e nunca ficar na cama conversando ou ocupando-se de outras coisas... Nada indica com mais clareza indolência e frivolidade; a cama destina-se ao descanso corporal e nada mais (ELIAS, 1994, p. 164).

Norbert Elias fala que é muito claro na obra de Erasmo a intenção de “cultivar sentimentos de vergonha” (ELIAS, 1994, p. 140), utilizando-se, inclusive, da figura de anjos para justificar o controle mais incisivo dos impulsos da criança. Diz ele que, nos círculos sociais, a figura dos anjos foi muito utilizada, até ser posteriormente substituída pelos argumentos de questões ligadas à higiene e à saúde: “Já Erasmo lembrava a seu protegido a presença amistosa, mas incessante, dos anjos da guarda” (CHARTIER, 1991, p. 190). As descobertas da medicina na área da saúde propiciaram novos argumentos para justificar a instituição de normas de controle dos comportamentos. Essa disseminação do sistema de normas, que era, a princípio, incumbência das próprias forças repressoras das cortes, iria se transferir para a família a partir do desenvolvimento da classe burguesa. “Só então a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e emoções” (ELIAS, 1994, p. 142). Igualmente na obra de Calviac, acima mencionada, encontramos a mesma intencionalidade de instilar nas crianças um controle incisivo que irá nortear a sua conduta social.

Não é suficiente estabelecer regras de comportamento social, para conseguir que essas mesmas regras venham a ser cumpridas fielmente. É preciso ser mais incisivo e ir mais fundo no processo de dominação, penetrando nos espaços mais íntimos da pessoa, inclusive quando ela está sozinha, cerceando-lhe qualquer possibilidade de esquivar-se, para que caia vítima dos moldes que lhe são apresentados como ideais, como pensava La Salle: “O decoro exige também que, ao deitar-nos, escondamos de nós mesmos o próprio corpo e evitemos lançar-lhe até os menores olhares” (CHARTIER, 1991, p. 190). A força do ensinamento está em desviar a atenção dos verdadeiros interesses que o motivam. É preciso dar uma justificativa convincente para que não se façam resistências ao que deve ser absorvido. As regras não devem ser percebidas como simples idéias oriundas da mentalidade humana, elas precisam estar calcadas na própria natureza e sofrerá a vigilância divina. Em várias ocasiões, como acima mencionado, os autores enfatizam que as regras são oriundas da própria natureza, da essência humana, quando não são originadas do próprio Deus. E é ele mesmo, Deus, quem estará ali onipresente ou por meio de seus anjos, medindo e censurando cada movimento. Talvez os regulamentos e normas de etiqueta, por si sós, não fossem capazes de impingir

mandatos tão profundamente a ponto de contagiar toda uma sociedade, não fosse o eco encontrado na instituição religiosa, que vinha oferecer elementos capazes de reforçar os ensinamentos difundidos pelas camadas superiores, como ressalta Chartier falando da grande influência da Igreja na disseminação dessas estratégias: “a religião, sob os aspectos das duas Reformas, desempenha papel decisivo, não cessando de repetir que não existe intimidade suscetível de escapar ao olhar de Deus.” (CHARTIER, 1991, p. 189).

As primeiras regras de Erasmo utilizavam palavras e expressões diretas, práticas e falavam de partes do corpo e de ações a ele relacionadas que para nós hoje parece estranho a simples menção a esses atos, muito menos mencioná-los em um livro. Isso ocorre porque nós ocupamos um mundo já refinado e com todas essas regras perfeitamente introjetadas. A medida que as regras foram sendo absorvidas pela sociedade, os regulamentos foram também tornando-se mais polidos, falando com mais leveza das recomendações, ao mesmo tempo que os temas também vão se tornando mais sutis, porém mais contundentes e limitadores. Enquanto nas primeiras instruções recomendava-se como boa conduta que ao cuspir, dever-se-ia colocar o pé em cima e também recomendava não falar ao bocejar, orientações posteriores já suprimiam o próprio ato, ensinando a não cuspir, nem bocejar em público. Essa diferença fica mais nítida quando comparamos o conteúdo das diversas publicações. No material de Erasmo, fica evidente como a sociedade ainda não estava possuída pelas regras de controle, evidenciando que as pessoas se comportavam com muito mais animalidade, na medida em que estavam mais próximas da natureza, inclusive das suas próprias naturezas internas, conversando abertamente sobre assuntos hoje proibidos para nós, sem manifestação de restrições ou vergonha. Há um distanciamento significativo entre as obras de Erasmo, no século XVI, e as obras de La Salle, no século XVIII. O próprio La Salle de 1729 oferece uma escrita mais detalhada das atitudes que não devem ser praticadas, em relação a ele mesmo em 1774, quando já discorre sobre os temas com mais discricção nas suas recomendações. Isto tudo evidencia que o processo de enraizamento do sistema limitador evoluiu lenta e gradativamente, no correr dos séculos XVI a XIX, sendo preciso 400 anos para que a sociedade atingisse o ponto máximo de autocontrole, até que esse processo começasse a regredir, no início do século XX. É um mecanismo de transformação interna que ocorre em função da conquista gradativa de si mesmo, até que as regras deixem de ser impostas de fora e se instaurem “como uma segunda natureza, ou melhor, como a verdadeira natureza por fim reencontrada” (CHARTIER, 1991, p. 184).

Norbert Elias observa que, na obra de Erasmo, a orientação às crianças e jovens incluía assuntos hoje somente tratados por adultos. Depreendendo que naquela época não

existia um distanciamento das crianças em relação aos adultos, tal como hoje acontece. A criança estava incorporada ao mundo adulto sem uma divisão rígida que a deixasse isolada, ou melhor, alienada. Assim é que no livro destinado a crianças, aborda-se temas sobre prostituição e conquista sexual. Já mais recentemente, em 1857, o educador alemão Von Raumer critica essa liberalidade de Erasmo com as crianças e publica “A Educação das Meninas” (ELIAS, 1994, pp. 179 e 180), onde ele condena que as mães dêem esclarecimentos às filhas sobre sexo e orienta que as crianças devem ser completamente distanciadas dos assuntos atinentes ao sexo, devendo ser dito a elas que os bebês são trazidos por anjos e, se ainda assim fizerem alguma pergunta sobre o tema, devem ser desestimuladas de se interessar por esses assuntos, direcionando-as para o belo e o bom. Logo, sexo não é belo, nem bom, na opinião dele.

Aí se observa com mais clareza o processo de alienação social da criança e do jovem, contrapondo-se à integração deles ao convívio social, conforme acontecia até o fim da Idade Média, como se observa na obra de Erasmo. O curioso é que Erasmo e Von Raumer estão ligados por um elo comum, que é o fato de ambos serem "cristãos piedosos, que buscavam sua autoridade em Deus." (ELIAS, 1994, p. 180), cuja disparidade de pensamento revela a escalada do processo de repressão social e nos dá uma idéia de como eram os comportamentos e pensamentos nessas diferentes épocas. Não há por parte de Von Raumer uma preocupação com a educação das crianças, uma vez que ele não explica como e em que momento levar a verdade às filhas. Portanto, "A preocupação principal é a necessidade de inculcar "recato" (isto é, sentimento de vergonha, medo, embaraço e culpa)" (idem), além de contemplar uma dificuldade do adulto em estabelecer um diálogo franco, tolhido por suas compulsivas amarras internas.

A facilidade com que se abordavam temas, que hoje para nós soam estranhos; a forma como esses temas eram publicados nos livros e regulamentos; e a tranqüilidade com que eram esses assuntos tratados com as crianças, deixam claro que, até o final da Idade Média, após o que o processo de condicionamento toma um rumo mais direcionado, a nudez e comportamentos hoje considerados anti-sociais, ocorriam abertamente e eram vistos sem condenação, não provocando vergonha nos circunstantes. O que é confirmado, também, por um sem número de pinturas onde se verifica a naturalidade do nu nessa época.

Transcrevemos abaixo diversas referências à nudez, na época:

Na sociedade medieval (...) Era inteiramente normal receber visitantes em quartos com camas (...) Era muito comum que muitas pessoas passassem a noite no mesmo quarto (...) o senhor com seus serviçais; a dona da casa com sua dama ou damas de

companhia; em outras classes mesmo homens ou mulheres no mesmo quarto e não raro hóspedes que iam passar a noite ali (ELIAS, 1994, p. 164).

Os que não dormiam vestidos despiam-se inteiramente. De modo geral, as pessoas dormiam nuas na sociedade leiga (...) (ELIAS, 1994, p.164).

A procissão à câmara nupcial era liderada pelos padrinhos. A noiva era despida pelas damas de companhia e tinha que tirar tudo. O leito nupcial precisava ser montado na presença de testemunhas para que o casamento fosse válido (...) Em fins da Idade Média esse costume mudou e o casal teve a permissão de deitar vestido (...) foi conservada em Lübeck, por exemplo, até a primeira década do século XVII... Mesmo na sociedade absolutista da França, noiva e noivo eram levados à cama pelos convidados, despídos e presenteados com suas camisolas (ELIAS, 1994, pp 177 e178).

"É muito freqüente", diz um observador, " ver o pai, nada mais usando que calções, acompanhado da esposa e dos filhos nus, correr pelas ruas, de sua casa para os banhos... Quantas vezes vi mocinhas de dez, doze, quatorze, dezesseis e dezoito anos inteiramente nuas, exceto por uma curta bata, muitas vezes rasgada, e um traje de banho esmulanbado, na frente e atrás! Com isto aberto aos pés e com as mãos decorosamente às costas, correndo de suas casas ao meio-dia pelas longas ruas em direção aos banhos. E quantos corpos nus de rapazes de dez, doze, quatorze e dezesseis anos correndo ao lado delas..."

.....
 (...) disse alguém, com referência à Alemanha, "que... a vista da nudez total era a regra diária até o século XVI. Todos se despiam inteiramente à noite antes de ir dormir e da mesma maneira nenhuma roupa era usada nos banhos a vapor" (ELIAS, 1994, p. 165).

Norbert Elias chama a atenção para algo extremamente grave: na medida em que o processo civilizador foi avançando, a sociedade foi reprimindo os movimentos naturais de prazer, relegando-os para os espaços secretos, para o sigiloso, implantando em seu lugar a ansiedade, "(...) suprimir os componentes de prazer (...) enquanto fomenta emoções negativamente carregadas - desgosto, repugnância, nojo - como os únicos sentimentos aceitáveis em sociedade" (ELIAS, 1994, p. 147). É doloroso comprovar, na realidade do dia-a-dia, as conseqüências desse processo, quando nos deparamos com uma sociedade, atualmente, conectada a atitudes de desprazer, de violência ou a falsos prazeres, deturpados, artificializados, superficiais e enganosos. O que dá audiência são as cenas de violência, o que vende e atrai o interesse público são os assuntos pertinentes à dor e ao sofrimento. Nos bairros, nas cidades e no mundo inteiro, diariamente acontecem eventos socioculturais e naturais belíssimos. Assim como gestos e programas de solidariedade e humanidade, em que pessoas trabalham em prol de um mundo melhor. Mas essas ações raramente são mostradas. A mídia seleciona os piores eventos para expor ao público.

A partir do início do século XX, mais precisamente logo após a Primeira Guerra Mundial, ocorreu um afrouxamento das regras sociais. Norbert Elias pensava que esse

declínio devia-se à crescente mobilidade da sociedade, à difusão dos esportes, a excursões e viagens, e também à separação relativamente cedo dos jovens da comunidade familiar e que seria um movimento passageiro. Mas não seria essa inversão uma consequência da própria guerra? Já que o perigo, o medo e as privações próprias dessas ocasiões nos trazem mais para perto da nossa realidade animal, vinculando-nos com os processos naturais de vida? O que se observa, a partir daí, é um processo de redescobrimto do corpo físico humano, de mais liberdade no trato de questões ligadas ao corpo de modo geral e ao sexo em particular. Um processo lento e gradativo, que se associa aos inúmeros processos de terapia corporal que surgem e se diversificam no decorrer do século XX, aí se inserindo a Biodança, proporcionando uma nova tomada de consciência e um reencontro com o próprio corpo.

Os mandatos estão alicerçados na sociedade atual de tal forma, que comportamentos tratados pelos manuais de Erasmo, porque de fato aconteciam, hoje são absolutamente impensáveis, a ponto de que se alguém os praticasse, seria tratado como psicologicamente doente e encaminhado para tratamento ou rejeitado socialmente. Assim, os conhecimentos acumulados por todo esse tempo estão, atualmente, sendo ensinados as nossas crianças, forçando-as a absorver em poucos anos um conjunto de normas construídas gradativamente ao longo de cinco séculos. Há, além disso, um elemento novo que agrava ainda mais a situação da sociedade contemporânea: o retraimento do sistema de normas nos gera diversos conflitos, primeiro por nos colocar em choque com os costumes das gerações mais velhas, e, depois, por confrontar nosso novo pensar com as introjeções da nossa infância, quando tentamos retirar aquilo que consideramos desnecessário, mas que já se encontra encravado em nossa personalidade. Tudo isso nos provoca ansiedade e insegurança. No meu entendimento, a sobrecarga de mensagens, o excesso de educação e de regulamentos que cerceiam as expressões naturais, interpondo-se entre o indivíduo e o mundo, controlando cada movimento; associado a um distanciamento que aliena a criança do mundo adulto confundem demasiadamente os nossos sentidos e perturbam a formação do emocional e do psicológico, gerando adultos inseguros, instáveis, confusos, divididos e ansiosos.

5. INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DE CONTROLE DO CORPO

Nascemos dentro de uma cultura firmemente estabelecida, que controla o nosso corpo e tudo mais na nossa vida, sem que a maioria tenha a condição mínima de sequer se dar conta disso. Mesmo aos estudiosos torna-se impossível abstrair-se das influências socioculturais que se lhe impuseram, para conseguir enxergar o mundo simbólico, postando-se fora dele. O processo de domesticação dos seres humanos é autoritário, começando na família, a quem é dada a incumbência de imprimir os primeiros mandatos, para mais tarde ser reforçado por um conjunto de instituições como igreja, escola, quartel, trabalho e sociedade.

Farei a seguir, uma ligeira explanação desses assuntos, visando melhor nos situar em relação ao tema desta monografia.

5.1. A família

Nas sociedades de um modo geral, os mandamentos da cultura vão sendo forjados desde o nascimento pelos ensinamentos familiares, não sendo a criança “considerada um membro completo da sociedade apenas em função do nascimento: é necessário incorporá-la por procedimentos simbólicos e dar-lhe um lugar particular no sistema social” (RODRIGUES, 1983, p. 85). A sociedade atribui à família - e dela cobra! - a responsabilidade pela impressão dos primeiros mandatos na criança, que os vai absorvendo inconscientemente sem nenhuma crítica, incorporando-os como parte de si mesma. Ainda no colo o novo ser já começa a ser envolvido em roupas, mesmo que não esteja frio, mas com o objetivo de incorporá-lo ao meio social, o que vai se concretizando nos anos que se seguem, castrando a nudez.

Minhas primeiras recordações sobre estar nu se reportam à infância, quando me banhava sem roupa no rio Vizeu, município de Mocajuba, Estado do Pará, lugar onde vivi a maior e melhor parte da infância. São muitas as lembranças, entre as quais algumas traumáticas. Certa ocasião, por volta dos seis anos de idade, eu estava tomando banho de rio despido, com minha mãe e mais um outro menino, descontraidamente. E, brincando, pulava do alto da ponte para ser acolhido pelas águas deliciosas que me recebiam generosamente. Uma pessoa adulta da família presenciava a dinâmica, do alto. Assim eu me divertia, até que alguém deu o alarme: pelo lado direito da casa algumas mulheres se aproximavam e iriam me

flagrar nu, já que eu estava em cima da ponte, naquele momento. Provavelmente naquela época isso não teria nenhuma importância para mim, mas o alarme fora dado em forma de gozação, sadicamente, e eu, tomado por um desespero, que na verdade não tinha razão de ser, já que as normas de conduta do local permitiam a uma criança estar nua, corri atropeladamente e me atirei na água. Experiências como essa em minha infância foram impingindo em mim a associação de nudez com vergonha e medo. Mesmo adulto eu ainda sentia vergonha de estar nu, até diante de uma parceira sexual, dificuldades que eu fui superando na interação com Biodança e Naturismo.

A escolha da família para dar início ao processo educacional da criança não poderia ter sido mais acertada, não sendo possível acreditar que essa definição tenha ocorrido por mera casualidade, pois que nenhuma outra instituição social desempenharia tão bem o papel de impingir os mandatos na criança do que os seus próprios pais, uma vez que são eles que exercem sobre os filhos o poder de dominação, da dependência física, afetiva e alimentar que, aliado à falta de referenciais e à completa imaturidade, colocam essas mesmas crianças absolutamente abertas e receptivas a tudo que lhes for ensinado, em geral na mais completa passividade, no processo educacional, como passarinhos que, de bicos abertos, aguardam a chegada da mãe no ninho, trazendo o alimento. Os pais são para os filhos, nos seus primeiros anos de vida, aqueles que, antes de tudo, lhes provêem o alimento necessário à subsistência e que, só por esse mérito, já se tornam as pessoas mais importantes para eles. Além disso, são os pais também que primeiro preenchem as necessidades afetivas da criança, mediante carícias corporais e palavras amorosas. São os pais ainda quem lhes ensina os primeiros passos e os que desenham os primeiros conceitos de certo e errado, alimentando o desenvolvimento do conjunto de valores morais. Assim, junto com o alimento e a nutrição afetiva, vão sendo repassados os valores culturais da sociedade, nem sempre saudáveis, que a criança passa a adotar como seus, para mais tarde reproduzir na fase adulta. A criança não tem nenhuma chance de escolher seus próprios valores, pois não lhe é dado conhecer valores diversos daqueles de seus pais para que possa vislumbrar uma escolha. A criança sequer é induzida a escolher os valores de seus pais, porque, para ser induzida, ela precisaria ter alternativas. Mas não há alternativa, há um só caminho, um só certo, mesmo que os pais estejam enganados em seus conceitos do que é certo, já que eles, por sua vez, também receberam o mesmo treinamento e apenas estão reproduzindo certezas que vêm passando de geração a geração. Os raros sinais de resistência ensaiados pelos novos seres são prontamente dissuadidos pelo poder persuasivo dos pais, instrumentalizados pelos jogos de sedução, de chantagem, de convencimento, pela opressão, ou, em último caso, pelo uso mesmo da força

física. Excetuando-se alguns casos de sedução e chantagem por parte da criança, nas demais situações é completamente desigual a relação de poder entre pais e filhos, não deixando a esta a menor possibilidade de esquivar-se.

Nos métodos didáticos atualmente conhecidos, nenhum possui mais força do que a prática. Nenhuma teoria obtém mais resultado do que o método audiovisual; do que a continuidade que vence pela persistência. A criança, desde o colo, vê os seres adultos sempre vestidos dia após dia, ao mesmo tempo em que ela própria é alvo de investidas insistentes para se cobrir, permanentemente, continuamente, vencendo as suas resistências instintivas pela constância. Vejam a cena da qual participei:

Enquanto eu desenvolvia esta dissertação, uma menina, de cinco anos, toda vestida, retirou o seu pequeno cinto branco da cintura, meio que dançando. Eu o peguei e perguntei se ela me daria o cinto. Tranqüilamente ela argumentou: "ele não dá em ti". Eu insisti, enlaçando o cinto no meu próprio pescoço e disse-lhe que o usaria como gravata. Ela em meio a um riso estonteado disse: "tu é doido! tu é doido!"

Apesar da pouca idade, ela já tinha absorvido qual o lugar do corpo onde o cinto deveria ser colocado. Ela ficou muito desconcertada, porque nunca vira alguém usar um cinto no pescoço. Isso para ela era uma aberração; era coisa de doido.

Argumentos do tipo "é sujo" e expressões de nojo costumam estar associados a ideais de limpeza, apoiados por argumentos que se sustentam em questões de higiene e saúde. Assim como argumentos justificados pelos ideais do parecer, como "é feio" ou "assim fica bonitinha", que além de ensinar o "como deve ser", ainda inscrevem a necessidade de agradar, de ser aceito e de reconhecimento, uns intimamente vinculados aos outros e todos calcados na relação carente/dependente estabelecida com a sociedade, que exige a boa apresentação e o bom comportamento quando na presença de outras pessoas. Mas não basta seguir os ditames sociais apenas quando se está no campo de ação dos outros seres humanos, é necessário não deixar margem para que em nenhum momento o ser possa se dar conta de que os ditames sociais não são imprescindíveis, é preciso torná-los naturais, constituindo aquilo que Norbert Elias chama de "segunda natureza" (ELIAS, 1994, p.142), o que é conseguido com artifícios mais contundentes, como a atribuição a Deus e a seus anjos do poder de polícia, de vigilância permanente da criança e depois do adulto, onde quer que ele se encontre, em qualquer situação, impedindo-o de capitular, pois sentir-se-á vigiado ainda que esteja completamente sozinho em um ambiente isolado.

É como consta do relato dramático da menina Daria que, por volta dos treze anos, sente o corpo se transformando em mulher, mas esconde a transformação com medo de desagradar aos pais. Certa noite, durante um jantar em um restaurante, ela encoraja-se e dirige-se ao toalete, onde liberando a fantasia maquia-se e solta dois botões da blusa. De volta à mesa, ela sofre severas críticas, do tipo “vá já lavar isso do rosto!”, ao par do riso dos irmãos menores, e corre de volta ao toalete para retirar a maquiagem. Ela diz que “captou a mensagem de que sua avó não a amaria tanto se ela desenvolvesse seu lado sexual e que “tornar-se mulher” de qualquer forma visível envergonharia seu avô.” (WOLF, 1998, p. 82).

Apesar da intenção de nossos pais de nos proporcionar uma educação voltada para o nosso crescimento e bem-estar, seus esforços, distorcidos pela ignorância, findam cumprindo o papel socialmente lhes imposto, preparando-nos para o convívio social e para a estereotipia:

(...) por esconderem seus corpos, atiçaram nossa curiosidade a ponto de termos de tramar qualquer artimanha ou, simplesmente, olharmos pelo buraco da fechadura para vê-los nus. Retardaram e comprometeram a nossa compreensão de masculino e feminino, homem e mulher, macho e fêmea, vinculando estes conceitos a saias e calças compridas. Conduziram-nos a vincular o prazer com proibido, determinando, assim, nossas taras e obsessões sexuais (ROSSI, 1993, p. 20).

5.2. A igreja

A Igreja dá prosseguimento à educação religiosa iniciada na família, confirmando e ampliando o contingente de valores sociais introjetados. É uma instituição poderosa que concorre com o Estado na dominação do povo, vigiando a intimidade dos lares, inacessíveis à vigilância ostensiva, em que cada pessoa se torna um agente responsável, atuando, inclusive, sobre si mesmo.

O casal cristão casado no Ocidente tornou-se permeável, ao menos em teoria, às sombrias e graves idéias sobre sexualidade elaboradas por Santo Agostinho (...) o que estava em jogo era nada menos que a autoridade dos dirigentes espirituais da Igreja sobre a vida privada das famílias da comunidade religiosa (VEYNE, 1989, p. 283).

Através da igreja, a sociedade impõe um controle incisivo sobre seus membros, instituindo uma profunda divisão de corpo e alma, que desloca o corpo físico, até uma condição de inferioridade em relação à alma suprema e vinculada aos desígnios divinos. O corpo representa assim um perigo que compromete a pureza da alma, na medida em que a coloca em contato com os instintos pertinentes ao plano terrestre. Um corpo sujo, que expele resíduos desagradáveis ao contato e que se faz palco dos mais vis fenômenos emocionais.

Emoção que deve ser controlada, em prol de sentimentos puros e condescendentes, para uma melhor assimilação daquilo que é determinado pelo poder. “A quebra do ritmo dos impulsos conjuga-se aqui com a vontade de estancar as fontes de emoção e restringir os assomos da sensualidade (...) A tentativa de descorporificação se exaspera com o enaltecimento do modelo angelical.” (PERROT, 1991, p. 451). Há que se negar o corpo, escondê-lo, trancá-lo, protegê-lo do olhar do outro em todos os momentos, colocando em seu lugar um arranjo transformado por artifícios e pelo jogo das aparências: limpo, feliz, forte, tranqüilo, saudável, belo, asséptico etc. O trato daquilo que é fisiológico será feito às escondidas, em ambientes isolados, privados do olhar e da audição, discretamente, pelo amor a Deus. Deus que exige a subserviência de seus filhos, que determina que eles não devem reagir, mas deixar-se conduzir mansamente, cumprindo com alegria o que lhes é determinado, pelos seus intermediários, aqueles que se situam entre o divino e o plano terrestre, camuflando de porta-vozes do poder divino, os capatazes da Igreja.

Afinal, o corpo não é criação do próprio Deus? Não é ele o veículo que possibilita a vivência da alma neste plano terrestre? Não é um organismo funcional e que para ser auto-sustentável vem instrumentalizado com uma fisiologia que lhe é própria?

(...) tudo o que Deus criou é perfeito não há razão para ser escondido. Segundo a própria Igreja, Adão e Eva viviam nus, num paraíso. A partir do momento em que desobedeceram a Deus, comendo a maçã, o fruto proibido, começaram a ter sentimentos de maldade, malícia e vergonha e passaram a esconder seus corpos (ROSSI, 1993, p. 84).

Antes de se tornar Papa, João Paulo II escreveu: "O decoro sexual não pode, portanto, de nenhuma forma, ser associado ao uso de vestimenta, nem a sem-vergonhice com a ausência de roupa e a total ou a parcial nudez". Há circunstâncias nas quais a nudez não significa ausência de decoro... A nudez, como tal, não deve ser equiparada ao descaramento físico. A ausência de decoro está presente apenas quando a nudez desempenha um papel negativo no que diz respeito ao valor da pessoa, quando o seu propósito é o de resultar em apetite sexual, como resultante, na qual a pessoa é colocada na posição de objeto de prazer". "O corpo humano não é, em si mesmo, vergonhoso, nem, pelas mesmas razões, estão as reações sensuais, e a sensualidade humana em geral. A ausência de vergonha (assim como a vergonha e o decoro) é uma função do íntimo de uma pessoa" (NATURIS, nº 20, p. 7).

5.3. A escola

Os uniformes escolares são instituídos sob o pretexto de contenção de despesas para os alunos, mas na realidade essas roupas cumprem uma função social de destituí-los de individualidade, tornando-os mais obedientes e, portanto, sujeitos à manipulação e controle pelos dirigentes escolares, reduzindo significativamente os potenciais de criatividade, de

vontade própria e rejeição, transformando onde antes havia uma diversidade infinita de idéias, em uma massa passiva ao aprendizado do saber imposto pela classe dominante. Uma estratégia que irá mais tarde ser reforçada nos quartéis e aproveitada nos postos de trabalho.

(...) O que nos impede de conceber algo diferente é o tempo que se passa às vezes dentro de uma faculdade sendo condicionado a pensar de maneira padrão. A criatividade não se solta (ROSSI, 1993, p. 169).

5.4. Os quartéis

A uniformização das roupas nos quartéis, apoiada por outras técnicas de padronização e dominação, vai dar continuidade ao processo de domesticação antes do homem e agora também da mulher, confirmando-os como massa submissa, a cumprir as ordens emanadas dos escalões superiores, prontos a mobilizar a força coletiva para a repressão da sociedade, em prol de uma minoria. Sobre as vestes, constarão os distintivos, divisas, medalhas e condecorações, que irão distinguir os superiores de seus comandados, confirmando a hierarquia que justificará a submissão de uns aos outros. Essas condecorações, medalhas e divisas são revestidas com valores subjetivos que enchem de orgulho aqueles que as ostentam, como se esses distintivos os tornassem mais especiais do que os demais, funcionado, na realidade, como prêmios, que são concedidos para garantir a lealdade e dedicação, movidos pelo anseio por patentes mais elevadas.

Se eu fizer parte de um pelotão de infantaria, uniformizado, posto como uma unidade igual a muitas outras num grupo cuja lei suprime todas as diferenças individuais, ou incluir-me deste modo, com parte no todo, não me parece nada atraente, nada benéfico, nada humano” (GAIARSA, 1995, p. 169).

O aparato policial tem o papel de realizar a repressão, quando falham os demais sistemas de controle social, utilizando a força física em nome de uma lei elaborada de acordo com os interesses da classe dominante. Uma lei que no Brasil - Código Penal - está muito defasada em relação aos costumes, abrindo margem ainda mais para sua manipulação de acordo com a conveniência de quem a interpreta. A polícia tem sido um dos maiores perseguidores da prática do Naturismo no Brasil, com várias investidas contra os pioneiros da Praia do Pinho/SC e, mais recentemente, no Rio de Janeiro, quando o topless da representante comercial Rosimeri Costa foi combatido por forte aparato policial, causando indignação popular, sobre o que, disse Gregório Benfica, orientador desta monografia: "Como é possível que no país da nudez, do carnaval e da sensualidade, onde todo mundo anda praticamente nu,

quando alguém tem um comportamento nada erótico, muito pelo contrário, naturista, sofre essa repressão?" (informação verbal)

A pressão da imprensa, neste caso, canalizando a indignação da população, provocou a condescendência de várias autoridades políticas. Sobre esse assunto, o Ministro da Justiça José Carlos Dias, disse à revista *Isto É*: “Quando é que mostrar a nudez é praticar ato obsceno? Ato obsceno foi o que a polícia fez. Pornográfico! Isso sim é revoltante. Eu vi numa praia da Grécia um negócio lindo. Tinha mulher de maiô, outras de tanga, outras de topless, outras nuas. A coisa ficou divertida, porque cada um ficava do jeito que queria. Eu, claro, fiquei de maiô o tempo todo. (*risos*)”. (*ISTO É*, nº 1582 p.21) O riso do ministro pode ser indicativo de vergonha. E ainda que ele tivesse ficado nu, não poderia admiti-lo perante a opinião pública brasileira, sob pena de perda de prestígio e, conseqüentemente, de poder.

Logo após esse incidente no Rio, a revista “*Época*” nos fez lembrar que em 1990, quando o tema da escola de samba Beija-flor de Nilópolis foi “Todo mundo nasceu nu”, o então presidente da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), Ailton Guimarães, proibiu a genitália desnuda, assumindo o papel de “zelador da ordem no carnaval carioca” (*ÉPOCA*, nº 88, p. 89), escudando-se na moral e nos bons costumes, justo ele que era ex-agente do DOI-CODI e membro da cúpula do jogo do bicho. A revista insinua que ele, “durante o regime militar, deve ter visto muitas genitálias desnudas, nos porões da repressão” (*idem*).

5.5 Trabalho

Chegando ao ambiente de trabalho, aquele que já passou pelas hierarquias anteriores (família, escola, quartel) não mais estranhará o ambiente, tornando-se presa fácil das forças engendradas para bloqueio da espontaneidade individual, as quais mobilizam as energias pessoais em conjunto para, então, direcioná-las de acordo com os objetivos e interesses da empresa. Existem inúmeras técnicas de abordagem do trabalhador, no sentido de fortalecer a sua socialização, dessa vez com ênfase nos valores empresariais. Uma das formas de assegurar o controle do trabalhador é a exigência de indumentária adequada ao exercício das atividades a serem desempenhadas pelo empregado. O modelo, as cores e a qualidade dessas roupas irão variar de acordo com as atividades desenvolvidas pelo trabalhador, que vão desde os uniformes dos operários situados no chão da fábrica, até os ternos dos executivos. Um cliente ao adentrar na empresa, terá na indumentária utilizada um bom indicativo do posto ocupado pelo empregado dentro da empresa, da mesma forma que o empregado também terá

de antemão uma idéia do status do cliente através de suas vestes. Ainda, sobre as roupas, poderão constar, também, letreiros, nomes, símbolos, clichês e, na maioria das vezes, crachás de identificação, mostrando a atividade, o posto, o nome e outras informações. A utilização de roupas específicas nas empresas reduz a pessoa humana em simples recursos humanos, em mão-de-obra, em força de trabalho, em parte integrante da empresa, que a ela se subordina e se vincula intimamente, confundindo-se com ela própria, afastando-se do contato com a sua própria essência e, na maioria das vezes, esquecendo-se da razão de sua existência, a ponto de não mais se distinguir da empresa e de suas metas.

5.6. A sociedade

Partindo da sociedade a definição dos comportamentos dos seus membros, é ela quem vai determinar o que deve e o que não deve ser feito e de que maneira se dará essa realização. É ela, ainda, quem vai gerar os conceitos de decente e indecente, classificando os comportamentos pertencentes a um e a outro. Essa classificação vai variar na sociedade, espacial e temporalmente. Comportamentos considerados inadequados em uma cultura não o serão em outras.

Sabemos que existem inúmeros povos que sustentam a nudez absoluta ou quase absoluta. Também não se dirige universalmente para as funções excretórias, já que muitas sociedades as vêem como ingênuos e pouco especiais. O pudor, para os muçulmanos, como sabemos, está no rosto, não existindo em relação às pernas e às coxas, o que permite com que as mulheres levantem as saias, sem qualquer pejo, para se coçarem nas vias públicas; para as chinesas, o pudor está mais nos pés, que são cuidadosamente ocultos, enquanto os japoneses não têm tabus contra a nudez, não havendo separação de sexos no banho; algumas seitas indus recusam exhibir, descobertas, as cabeças; em muitas regiões do Brasil, mulher casada de cabelos soltos seria considerado “sem vergonhice”. O pudor pode estar na barba, no parto, no ato de comer, nas palavras, etc. (RODRIGUES, 1983, p. 73).

Se a garota mostrasse um centímetro a mais de barriga, parecia uma “piranha”. No entanto, se mostrasse muito pouco, ela corria o risco de ser chamada de bagulho, um fracasso na hierarquia sexual (WOLF, 1998, p. 76).

Em nossa sociedade ver o corpo do outro nu é comumente proibido, excetuando-se as ocasiões e espaços em que essa mesma sociedade admite que as pessoas mostrem-se nuas. Como exemplo disso temos a visita ao médico e demais tratamentos de saúde, o carnaval, a privacidade conjugal, teatro, revistas etc. e, mais recentemente, ainda em processo de aceitação, os espaços naturistas. Ou, ainda, como diz Gaiarsa, “(...) Aos olhos de quase todos, somente na hora sexual tem a nudez uma função compreensível e legítima, tem a substância

do corpo um propósito definido, tem a sensibilidade do corpo um trabalho determinado a realizar” (GAIARSA, 1995, p. 64).

Os condicionamentos sociais vão sendo inculcados, sutil, lenta e gradativamente, “até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol” (RODRIGUES, 1983, p. 45), fazendo com que esses hábitos adquiridos fiquem tão intrinsecamente gravados internamente, como se de nós fizessem parte originalmente. É assim que, no dia-a-dia, ouvimos, com frequência, expressões que se referem a determinados padrões de comportamento como se fossem naturais. Expressões do tipo: “mas é natural estar vestida” (informação verbal), dito por minha namorada, no início do relacionamento; ou “me sinto mais a vontade de roupa” (idem) e até mesmo o absurdo de que “nós fomos feitos para andarmos vestidos” (idem), denotando que de tão engendrados estarmos no sistema de normas estabelecido pelo condicionamento sócio-cultural, perdemos o vínculo com a essência, própria e da natureza. “Nesse sentido, isto que as pessoas chamam normalmente de “mundo real” é inconscientemente *construído* a partir dos códigos da sociedade” (RODRIGUES, 1983, p. 12). “A Cultura instaura o que chamamos Natureza do Homem.” (RODRIGUES, 1983, p.19).

Marcia Rego, para fazer uma pesquisa sobre Naturismo, optou por se hospedar no próprio local integrando-se ao convívio com os naturistas. Mas para escrever suas reflexões ela sentia uma necessidade de vestir-se, indicando, a meu ver, o quanto a roupa ainda estava impregnada em seu corpo, mesmo convivendo diariamente nua com as outras pessoas:

(...) por vezes, ao me recolher à barraca para fazer anotações no meu diário de campo, sentia quase que uma necessidade de me vestir. Era como se a roupa fosse essencial para eu me distanciar da situação e poder escrever. Ao mesmo tempo, começava a estranhar o exótico hábito que certas pessoas têm de taparem determinadas partes de corpo com pedacinhos de tecido para tomarem um banho de sol (REGO, 1992, p. 21).

Como já foi dito, a roupa, além de exercer a função de proteção, passa a ser um instrumento de dominação, definindo a posição ocupada por cada pessoa nos diversos níveis hierárquicos. E esta noção de controle social, empregada desde as primeiras civilizações, persiste até nossos dias.

A veste discreta e uniforme da época clássica, comum a todos os membros das classes superiores – a toga de harmonioso drapeado, símbolo da dominação incontestada de uma classe de *nobiles* [nobres] intercambiáveis –, é abandonada em favor de uma roupa concebida como uma heráldica, criada para expressar as divisões hierárquicas no seio das classes superiores. As novas indumentárias se

escalonam da ondulante veste de seda dos senadores e da roupa, próxima do uniforme, dos servidores do imperador, bordada de motivos que indicam sua exata posição oficial, até a túnica voluntariamente anônima que de modo não menos explícito usa o bispo cristão. Antes era o corpo que por seu porte, incluída a nudez no interior dos banhos públicos, melhor simbolizava a participação natural numa classe específica. Doravante o corpo reflete o nível social de seu proprietário, sob a forma de vestes pesadas e adequadas em que cada ornamento traduz uma posição na hierarquia que culmina na corte imperial (VEYNE, 1989, p. 262).

A delimitação de espaços pelo uso criterioso de roupas vem se associar a outros mecanismos com o mesmo fim, especialmente aqueles que desviam o homem do exercício de atividades geradoras de prazer, como o contato direto com a brisa, com o sol e com o semelhante, erguendo em torno de nós muralhas constituídas de códigos de comportamento, de artificialismos que nos mantêm distantes uns dos outros; que ceifam a expressão autêntica do ser, tornando-nos mais disponíveis, subservientes e obedientes. Elas vão impor uma descontinuidade entre a pessoa e seu próprio corpo, ocasionando um afastamento que remete o corpo para um mundo inatingível, fora do contexto natural, apenas alcançável em momentos especiais, em horários e espaços predefinidos e aprovados socialmente. Institui-se, assim, um controle que vai evitar a estimulação sexual natural, ao mesmo tempo em que se potencializa essa energia, mas canalizando-a para a produtividade e os bens de consumo colocados à venda. Afasta-se então o perigo do contato com o próprio corpo, capaz de produzir anseios da auto-estimulação erótica que dispersam a energia vital, longe dos postos fabris. Isto porque, diante de tantas dificuldades impostas para o encontro sexual espontâneo, não só aquelas que delimitam o convívio social mas, também, as conseqüências que chegam ao íntimo do leito conjugal, impedindo a plena manifestação dos desejos dos amantes, seja pelos bloqueios psicológicos, ou pelas distorções de comportamentos, a pessoa poderia sentir-se compelida à masturbação, por uma necessidade prática do alívio de tensões. Cumpre a roupa a sua função repressora, mais uma vez, impedindo a pessoa de manipular-se a si própria, acompanhando-a até a intimidade do dormitório, vestindo-a para o ato de dormir, assim ensinado por La Salle: “O decoro exige também que, ao deitar-nos, escondamos de nós mesmos o próprio corpo e evitemos lançar-lhe até os menores olhares” (CHARTIER, 1991, p. 190).

Em 5 de fevereiro de 2000, quando trabalhava nesta dissertação, olhei pela janela de meu quarto para a rua e fiquei alguns momentos a observar os transeuntes, todos vestidos. Permaneci olhando com muita atenção cada modelo de roupa, até que me senti deslocar do quadro e, por um lapso de tempo eterno, me abstraí da cultura. Percebi, nesse intervalo, as pessoas se escondendo atrás de pedaços de tecido, algumas mais em cima, outras mais embaixo, com modelos variados. Vi as pessoas íntegras em seus corpos, mas encobrendo

partes, de uma forma inconcebível, beirando o ridículo. Imaginei como um alienígena veria essa situação, como ele poderia chegar em seu planeta de origem e explicar o que viu. Em minha fantasia, transporte-me para uma escola no futuro, onde o professor explicava para incrédulos alunos, os estranhos hábitos de nossa época (vestir, beber, fumar, tolerância à miséria, conformismo ante a corrupção etc.), da mesma forma que hoje estranhemos costumes de gerações passadas (espartilhos, virgindade etc.).

Como já foi dito acima, quem está inserido em uma cultura e a tem dentro de si, sente dificuldade para se imaginar contrariando o que está definido como correto e sente-se desajustado diante de uma possível mudança, estranhando toda defesa em favor da modificação. Mas, passados os momentos iniciais, logo se adapta, reconhece e incorpora a modificação, estabelecendo um novo estado de coisas, uma nova cultura. Nos espaços de naturismo, passado o constrangimento inicial, a pessoa logo se adapta e, em pouco tempo, se vê incentivando outras pessoas. Assim tem acontecido ao longo da História, não só com o naturismo, mas com uma infinidade de mudanças culturais que antes pareciam cristalizadas. Na década de sessenta, do século XX, a adoção de cabelo grande por alguns homens, provocou um rebuliço na sociedade, gerando muita discriminação aos homens que tiveram a ousadia de deixar os cabelos crescerem, ainda que em todas as figuras de Cristo, ele apareça de cabelos longos. Em seguida, superada a resistência inicial, seu uso pelos homens virou moda, passando a ser discriminado então os homens de cabelo curtos, por estarem fora de moda, por serem antiquados e caretas. Nos dias atuais, homens e mulheres são livres para usarem os cabelos do modo que melhor ficar adaptado ao tipo de rosto, ou da forma que lhes convier, sem ter mais nenhuma preocupação com a opinião social. Se até a vizinha década de setenta a perda informal da virgindade discriminava sua protagonista, hoje a situação se inverteu completamente, sendo motivo de vergonha a moça continuar virgem após a adolescência. Uma mudança radical em apenas duas décadas. Logo isto também poderá se tornar uma opção, como aconteceu com os cabelos. Leila Diniz escandalizou a sociedade quando, grávida, vestiu biquíni de duas peças, deixando a imensa barriga de fora e assim a imoralidade, o que em nossos dias é perfeitamente normal, em qualquer praia. Em quanto tempo o naturismo tornar-se-á moda? Em quanto tempo as praias serão todas mistas, cada pessoa ficando com ou sem roupa, como achar melhor? É esse o ponto em que podemos distinguir facilmente a cultura da natureza, já que esta segue um ritmo próprio e mesmo quando aparentemente dominada, surpreende com uma reação, reafirmando-se, enquanto na cultura o que parece cristalizado desfaz-se como nuvens no céu.

A cultura, quando se contrapõe aos caminhos da natureza, submerge facilmente aos seus fenômenos. Pensou-se, num primeiro momento, que o surgimento da AIDS provocaria um retraimento no movimento de expansão da liberdade sexual, derivado do medo de contaminação. Mas acabou provocando um efeito inverso, na medida em que trouxe a discussão sobre o tema para a mídia, para as empresas, para as escolas e para a relação de pais e filhos. Pais que antes diziam "minha filha, não transe", passaram a dizer "minha filha, use camisinha"; instituições tradicionais do governo, e extremamente conservadoras, afixam cartazes dizendo "neste carnaval, use camisinha"; as campanhas do governo estão em todos os lugares. O que alguns pensavam que iria reprimir liberou ainda mais. Minha esperança é que, em relação à liberdade sexual, mais determinante que o surgimento da AIDS, será a descoberta de sua cura, derrubando definitivamente as últimas barreiras ainda existentes, entre elas, a pornografia, a estereotipia, a mecanicidade e o consumismo.

Em Belém do Pará, o Jornal "O Liberal" traz a notícia de que tramitava, na Câmara Municipal, "um projeto de resolução de autoria do líder do PPS, vereador Arnaldo Jordy, que faculta o uso de gravata durante as sessões plenárias". Jordy argumentou que "trata-se apenas de adequar o Poder à realidade da nossa Região, submetida a um clima tropical, quente e úmido" e que "A cultura da gravata veio importada de outras realidades, da Europa particularmente, e não reflete a necessidade de nossa região, sobretudo a amazônica. (sic) Num clima quente e úmido, como o nosso, termina por provocar um desconforto desnecessário e incômodo" (O LIBERAL, 02.06.2002, Painel, p.13). A intenção do vereador encontra alguns opositores, como o presidente da Casa, Joaquim Passarinho (PSD), que contrapõe: "(...) a função do parlamentar é diferenciada e, como tal, requer um traje mais composto." (idem). A vereadora Regina Barata (PT) diz que, "esteticamente a gravata compõe o traje (...) O paletó e a gravata é muito mais elegante, mas se existe a incompatibilidade de algum vereador com a gravata, que o uso seja facultado" (idem). A vereadora Ana Júlia Carepa diz: "Sem dúvida é mais elegante. Mas por uma questão de conforto, considerando as asperezas do nosso clima, entendo que o uso da gravata pode ser facultado." (idem). As duas vereadoras dizem que a gravata compõe o paletó deixando-o mais elegante, portanto, elas também consideram o paletó um traje elegante. O líder da Casa defendeu que a gravata deixa o traje mais composto e que isso é necessário para o bom desempenho das funções. O que leva as duas mulheres citadas a dizer que a gravata e o próprio paletó deixam o traje mais elegante? Porque o líder da Casa entende que a gravata deixa o traje mais composto? E porque o traje do parlamentar deve ser assim? O que está por trás de tudo isso é óbvio: achamos o traje belo e elegante porque corresponde ao padrão assim

concebido pela sociedade. É a forma exata e única de beleza e de estética que nos foi ensinada. Porque nós mesmos não seríamos capazes de externar e desenvolver nossa própria percepção do belo. Foi preciso que alguém nos dissesse o que era o belo e como reconhecê-lo. E, a partir daí, com esse conceito pronto, não teríamos mais do que duvidar, o que discutir, porque está definida a única forma, inquestionável e definitiva de beleza. As pessoas que manifestaram opinião considerando paletó e gravata elegantes, o fizeram em função do condicionamento cultural perpassado de geração a geração. Poderiam elas não ter a mesma opinião se houvessem nascido e crescido em uma cultura diferente, ou lograssem se abster dos vícios e pudessem emitir uma opinião isenta de contaminações culturais. E o traje deve ser sóbrio para atribuir um caráter de seriedade, além de distinguir o político dos seus comandados: o povo. Conservando assim um distanciamento mantenedor do status e que reforça a liderança de uns sobre os outros, na medida em que impõe aos subordinados uma condição de inferioridade, de insignificância, confirmando-os como seres incapazes de estar lado a lado com aqueles que são superiores, com os quais não ousarão discutir ou duvidar de suas idéias, mas tão somente aceitá-las. A posição do líder da Casa ao dizer que a sobriedade é necessária, não deixa nenhuma dúvida quanto à objetividade das suas intenções, que é a de distinguir-se do povo, mantendo em torno de si e da Casa uma aura que lhes confirme o poder perante o povo, para que aceite e cumpra as legislações dali emanadas, conservando o *status quo*.

Os condicionamentos a que fomos submetidos contaminaram nossas expressões, resultando em ações estereotipadas e mecânicas - “mesmo em situações em que se permite o nudismo (saunas, vestiários coletivos etc.), a nudez dos órgãos genitais é disfarçada e encarada com uma artificial naturalidade.” (RODRIGUES, 1983, p.72) - porque perdemos a naturalidade do gesto. Todas as nossas ações têm de ser manifestadas em conformidade com as definições sociais, ainda nas ocasiões em que podemos dispensá-las, devido nosso distanciamento da natureza. Esses artificialismos são exclusividade dos animais humanos. Nenhum outro animal, mesmo aqueles que vivem em sociedade, tampouco aqueles que vivem entre os humanos manifestam necessidade de ocultarem os seus corpos da visão de seus semelhantes. “El hombre es el unico animal, entre todas las especies, que no puede ver a su semejante en estado natural” (TORO, 1991, p.553).

A contundência com que é gravada a ordem para vestir-se, ao contrário do que comumente se pensa, gera muito mais que a necessidade de ocultar o corpo da visão das outras pessoas. Leva, também, o que poderíamos denominar de neurose de ocultar o corpo de si mesmo, de ocultá-lo do meio-ambiente e de ocultar por simplesmente ocultar, de não expô-

lo em momento algum, de não ficar nu mesmo em espaços onde a pessoa tenha absoluta certeza de que está sozinha, por exemplo, dentro de uma casa totalmente fechada, ou em uma ilha deserta. É como se o tempo todo houvesse um ser invisível e julgador a espreitar e a condenar – seria Deus? -, aliado a uma sensação de desconforto, causada pela força do hábito e à sensação de que, repentinamente, poderia aparecer alguém. E essa pessoa certamente sentir-se-ia agredida ou tornar-se-ia agressiva, diante da visão do corpo nu. Não se considerando a hipótese de que essa pessoa imaginária poderia compreender e apoiar o gesto. Como diz Rodrigues: "(...) as roupas servem para nos separar dos corpos alheios, mas servem também para nos separar dos nossos próprios." (RODRIGUES, 1983, p.72).

É curioso constatar os paradoxos que revestem a indumentária brasileira. Nas regiões quentes como o Norte e o Nordeste, os trajes utilizados, sobretudo pelos homens nos momentos cerimoniais, são smoking, ternos e, no mínimo, paletós, sobre camisas de mangas compridas, arrematadas com gravata e, por fim, sapatos inteiramente fechados e com meias. Esses trajes recobrem todo o corpo compactamente, deixando à mostra apenas as mãos, cabeça e parte do pescoço. As mulheres em geral também utilizam roupas fechadas e calorentas. Esses trajes, principalmente os masculinos, foram criados por povos de regiões frias, portanto, adequados para aquelas regiões, mas, absolutamente impróprios à maior parte do Brasil. No dia-a-dia do homem comum também são utilizadas calças compridas e, dependendo do nível do trabalho, camisas de mangas compridas com gravata. A utilização de modelos importados e inadequados para a região é prova da dependência sócio-cultural e político-econômica, ainda resquício da colonização.

Em geral as roupas são usadas para cumprir a sua função social, como refere Rolando Toro:

Los vestidos, las máscaras, los adornos, cumplen una función de distanciamiento entre individuos y grupos(...)

.....
 Mas allá de la función protectora de las inclemencias del clima, el vestido cumple una función represora que, asaz posee cualidades estéticas. El ocultamiento de partes del cuerpo tiene como función más profunda, conservar la estructura represiva, con todos sus tabués y prohibiciones (TORO, 1991, p. 553).

Outra curiosidade é não haver uma definição precisa acerca de qual sexo tem mais permissão para ter o seu corpo mostrado. Há casos em que somente à mulher é tolerada a exibição do corpo nu e em outros essa liberalidade é oferecida ao homem, como podemos ver: em atos cerimoniais ou oficiais, assim como nos espaços públicos oficiais e nas noites de gala, os homens devem manter os corpos completamente cobertos, geralmente por smoking,

ou no mínimo ternos, enquanto as mulheres podem exibir braços, pernas, partes do peito, ter a costa toda nua, partes dos seios, desde que não seja tudo ao mesmo tempo. Poderíamos, então, pensar que nessa sociedade o rigor é maior com a exposição do corpo do homem, mas não. Nas praias, piscina e balneários, os homens podem permanecer apenas de sunga, no entanto as mulheres não podem exibir os seios nus. Embora, a parte de baixo utilizada por elas possa ser menor do que a usada por eles. No ambiente doméstico, o homem pode ficar apenas de short, mas a mulher tem de usar no mínimo short e blusa. Nas revistas, televisão e cinema, a mulher encontra mais permissividade para ter a genitália e as nádegas expostas, enquanto que o pênis carrega um pesado estigma. Em casas de shows a exposição do corpo da mulher causa menos agressão à moral social. A aparição de um homem nu na via pública agrediria mais à moral do que se uma mulher o fizesse. Revistas e televisão têm feito matérias com modelos femininos que caminham completamente nuas pelas ruas, para espanto da população, mas fazer isso com um homem provocaria uma forte reação. A exposição do corpo nu de uma mulher casada, seria motivo de muita vergonha para o casal, o mesmo não ocorrendo com o marido. Assim, a exposição do corpo nu masculino será mais grave que a exposição do corpo nu feminino e vice-versa, dependendo do espaço, da ocasião, e do *status* tanto da pessoa que se despe, quanto daqueles que a vêem. Mas onde está, afinal, a justificativa de tudo isso? Onde se encontra a essência, o fio que dá sentido a todas essas adversidades? Em meu ponto de vista, não há. O que existe são apenas regras, a maioria delas desconstruídas, sem fazer o menor sentido.

Paradoxalmente, as roupas normalmente vêm sendo utilizadas como instrumentos de provocação sexual. A qualidade do tecido, as cores, a padronagem e, sobretudo, o corte tornam (em geral a mulher) mais excitante, como diz Marcondes: “No caso dos biquínis, a excitação ocorre de outra maneira. Uma mulher sumariamente vestida excita mais do que uma mulher nua, e o uso insistente do biquíni na TV torna aquilo que é natural (a nudez) em tabu, um fato coberto de malícia.” (MARCONDES FILHO, 1988, p.33). Modelos de roupas justas no corpo, decote acentuado, blusa semitransparente, short curto, biquíni ou fio dental, são freqüentemente usados para adulterar as formas do corpo, com dissimulados apelos sexuais, inspirando no observador fantasias e desejos de ir mais além, explorando o potencial *voyeur* incentivado no homem desde tenra idade. No final do século XIX:

A riqueza, até então desconhecida, da renda e dos bordados acompanha a hipertrofia da lingerie. Jamais ficarão tão evidentes os efeitos perversos do pudor; enquanto se multiplicam os estágios do despir-se, os impacientes dedos masculinos devem suplantar obstáculos de uma gama cada vez maior de laços, colchetes, e botões. Tamanha acumulação erótica, que contribui para renovar a mitologia

libidinosa e cuja representação gráfica continua a ser um tabu, exceto na caricatura, difunde-se com extrema rapidez – mais depressa que a higiene – em todas as classes da sociedade (PERROT, 1991, p. 447).

O encobrimento de áreas ditas sexuais, por roupas, cria um clima de mistério que as pessoas utilizam como armas no jogo de sedução e que a indústria de roupas explora habilmente para aumentar as próprias vendas.

Estar nu inibe qualquer possibilidade de fantasia porque tudo está claramente visível e nos remete para uma apreciação da beleza natural do corpo, o que em geral frustra os observadores normais, por não reconhecerem mais o sentido da beleza essencial em prol de formas preconcebidas, difundidas em massa, especialmente por organismos interessados em estimular o consumo.

Foi quando eu percebi que estava num churrasco onde as pessoas estavam nuas e agindo como se estivessem vestidas e me lembrei de tantos outros churrascos que fui onde as pessoas estavam vestidas e agindo como se estivessem nuas (REGO, 1992, pg. 108).

Hoje, a roupa de banho não passa de um símbolo indicando que a pessoa está vestida, cumprindo uma formalidade e exercendo múltiplas funções, que atendem todos os segmentos interessados no encobrimento do corpo. Ainda que minúsculo, o pedaço de pano simbolicamente contempla o aspecto legal, que exige que as pessoas estejam vestidas - Lafond foi mais longe no carnaval de 1990, vestindo apenas o pênis, para atender a um decreto da liga das escolas de samba, já que o tema da Escola Beija-Flor de Nilópolis era "Todo Mundo Nasceu Nu". Atende à Igreja, que faz jogo de cena, mas aceita qualquer coisa para não perder poder. Contempla o comércio e a indústria, satisfazendo, também, à rede de propaganda, na qual se inclui a mídia, e a arrecadação de impostos. Serve de instrumento para o jogo de sedução, preenchendo necessidades neuróticas estimuladas pelos demais componentes do sistema. Chega a ser cômico observar uma pessoa em seus minúsculos trajes de banho, quando nos abstraímos da cultura. É assim que nos verão os estudantes do futuro: pessoas que deixam a mostra toda a beleza de suas costas, barriga, braços e coxas, mas inibem uma minúscula parte como se ali pudesse estar contida toda a malícia oriunda desse mesmo comportamento. Quem admite que a malícia está nessas pequenas partes possui uma visão deturpada, limitada e superficial da sexualidade; não sabe o que é sexo.

5.7. A influência da mídia

A mesma sociedade que obriga as pessoas a esconderem os seus corpos, por entendê-los vergonhosos, consente que eles sejam explorados comercialmente. A mídia, as empresas e a indústria pornográfica usam o corpo humano para venderem seus produtos, como diz Rossi: “Portanto, o que vemos, através dos meios de comunicação, nas propagandas e anúncios, são modelos de feminilidade baseados num comportamento sexualmente provocante e sensual” (ROSSI, 1983, p 209). Nas bancas de revistas são expostos cartazes com mulheres em posições provocantes, o que é admitido pela sociedade, que a tudo assiste com indiferença, ou melhor, com alienação.

Ao mesmo tempo em que existe uma vasta exploração do corpo e do sexo na mídia, a nudez pura e simples é proibida, sobretudo nos horários mais acessíveis ao público infantil, sob a alegação de que isso seria prejudicial à formação das crianças. No entanto, esses mesmos programas infantis são fartamente contemplados com cenas da mais brutal violência. Os jornais, televisionados ou não, abusam das manchetes em que são mostradas cenas de sangue. A televisão apresenta em todos os horários programas repletos de violência, com cenas de roubo, assassinato, perseguição e pancadaria, que vão desde os desenhos animados até os programas em horário nobre, aproveitando-se da agressividade contida no seio social, para prender a atenção dos telespectadores e assim melhor vender seus produtos, estimulando ainda mais violência. Desse modo, os veículos da mídia, especialmente a televisão, constituem verdadeiras escolas de violência que vão formando o cidadão desde criança, apresentando um riquíssimo material, instruindo sobre as mais diversas formas de se cometer desde pequenos deslizes, até os crimes mais bárbaros, com uma didática audiovisual altamente qualificada, com carga horária e duração mais longa do que qualquer formação escolar oficial. Nos programas infantis os apelos sexuais e eróticos estão largamente inseridos, para seduzir a criança que, dependendo da idade, ainda guarda restos de uma natural sensualidade, tempo em que começam os conflitos de não poder mais expressá-la abertamente, uma vez que os seus espaços vão sendo tomados gradativamente por um algoz invisível. Entretanto, esses apelos eróticos são feitos de forma disfarçada e sutil, ao passo que a pancadaria, as facadas e tiros não necessitam de disfarce, podendo ser apresentados cruamente, servindo de diversão para as crianças, que, assim, encontram uma forma de empregar as suas energias não expressas, as quais, agora distorcidas, vão, involuntariamente, canalizando esse potencial para a violência.

A exploração insistente da nudez e do sexo na televisão tem ainda o poder de distorcer ações absolutamente naturais, adulterando as suas características, banalizando-as e, ao mesmo tempo, deslocando-as para um lugar distante da realidade do cotidiano social, causando a impressão de que essas coisas somente podem ocorrer na televisão e entre profissionais do ramo, porque ali é o espaço adequado para isso.

(...) e o uso insistente do biquíni na TV torna aquilo que é natural (a nudez) em tabu, um fato coberto de malícia, reforçando, portanto, nos meios de comunicação, a moral tradicional. Na moral conservadora, fatos naturais e humanos – o ato sexual, a liberdade das carícias e dos desejos e a exuberância corporal – são negados, primeiramente, porque ferem o princípio ideológico de castidade e da pudicidade sexual (pregados pelo cristianismo) e, em segundo lugar, porque rompem com a base do próprio uso do tabu sexual como forma de repressão, violência e exploração comercial (MARCONDES FILHO, 1988, p.33).

Em um contexto de verdadeiras aberrações culturais, em que a mídia explora e dissemina a violência em todas as suas formas, da pancadaria contida nos desenhos animados para crianças, à pornografia estampada nas bancas de revistas, o corpo nu é proibido. Mas não é proibido fazer todo tipo de insinuação maliciosa, aumentando a audiência e estimulando as vendas, assim como não é proibido o teatro de sedução desenrolado nos mais diversos espaços sociais, encampando desde o ambiente de trabalho até à praia. Como fica a cabeça de uma criança proibida de pronunciar o nome do seu órgão genital, ouvindo de sua mãe referências a "ele" ou a "lá embaixo", quando escuta no rádio e na televisão músicas(?), convidando pra "*nhá nhá*"?, ou recomendando "*cuidado com a cabeça do pimpolho*"?. Tudo isso acontecendo sob o olhar condescendente da Igreja, que ensaia uma reação, mas nunca vai de encontro aos demais poderes.

5.8. A influência da moda

Segundo Gilles Lipovetsky, o processo histórico da moda começa a surgir no final da Idade Média. Antes disso não existia moda, pois era a tradição quem ditava as normas de comportamento, até então. Os trajes, as danças, os enfeites e outros costumes, permaneciam imutáveis durante séculos, não se permitindo modificações que insurgissem contra os hábitos herdados de muitas gerações passadas, onde tudo já estava predeterminado. Hoje, ainda, em muitos lugares do Oriente, permanece inalterada essa forma de estabelecer o modo como as pessoas se apresentarão e se comportarão em sociedade. A tradição constituía assim uma das formas de preservar o domínio de uns sobre os outros. Mesmo a divisão em classes sociais

não modificou os ditames da tradição. “No Egito Antigo, o mesmo tipo de toga-túnica comum aos dois sexos manteve-se por quase quinze séculos.” (LIPOVETSKY, 1989, p. 28). Alterar os costumes tradicionais implicaria, também, em negar a autoridade sustentada pelo passado. O gosto pelas frivolidades, pela novidade e pela mudança constante, somente começa a tomar corpo a partir do final do século XIV. Até mesmo algumas extravagâncias anteriormente manifestadas não se constituíram em moda, porque obedeciam a ditames predefinidos e incontestáveis. A moda, ao contrário, se apresenta como a mudança súbita, sem razão de ser que fundamente essa escolha, caracterizando-se também pela fantasia e mau gosto estéticos. A moda obedece ao jogo das frivolidades, da novidade, da efemeridade, do movimento que brota da sutil tendência do momento e que desaparece sem deixar registros. A moda se manifesta assim, ainda segundo Lipovetsky, em princípio como uma forma de libertação, de rompimento com o determinado tradicionalmente, valorizando os gostos individuais, que se modifica a cada momento, que não se fixa em nada, ágil como o fluxo das idéias vãs.

Entre as muitas teorias em torno do aparecimento da moda, há as que sustentam ter ela emergido da competição surgida entre as classes dominantes tradicionais e os novos ricos da burguesia mercantil, estes ávidos por uma forma de distinção social, pois a moda é assim vista antes como uma necessidade de provocar a inveja e a admiração pelos demais.

Por volta do ano 1100 a conquista da mulher amada, que até então apoiava-se em demonstrações de gestos heróicos, de força e virilidade, passa a encontrar na nova classe emergente adeptos de um novo jogo: o jogo da sedução, da cortesia, da poesia, do devotamento à mulher amada. Substitui-se o movimento do cavalheirismo do guerreiro, pela cortesia dos gestos amaneirados. Sedução que vai se materializando também no modo de se vestir, já por volta de 1350, com a separação e delineamento dos trajés masculinos e femininos, até então confundidos um com o outro, sexualizando a aparência.

O vestuário masculino desenha a cintura no gibão curto (...) vestuário feminino molda o corpo e sublinha as ancas, faz aparecer nos decotes os ombros e o colo (...) O gibão estofado dá relevo ao tórax, as braguilhas terão por vezes formas fálicas(...) o espartilho, com sua armação permitirá durante quatro séculos afinar a cintura feminina e erguer o colo (LIPOVETSKY, 1989, pp. 65 e 66).

E assim ambos os sexos vão se rendendo ao deslumbramento oferecido pelo poder subjacente aos jogos sutis da sedução e do envolvimento. Existe uma magia da moda e é essa magia que é comercializada pelo sistema que, através da propaganda, vai impingindo

modificações profundas de comportamento, mudando de uma cultura de poupança para uma cultura de consumo, mediante a disseminação de conceitos hedonistas.

Com a instituição da moda o poder não cedeu lugar à livre manifestação individual, como pode parecer a primeira vista. Ele apenas tomou outra forma, declinando de um modelo de dominação em favor de outro, mais contextualizado. Mudaram-se apenas as aparências do senhor. O homem deixou de ser escravo de uma forma de controle tradicional, inflexível, para sucumbir aos encantos da propaganda, da magia das aparências, disseminada através de sutis jogos manipuladores.

Embalada por essa idéia, a moda transformou-se no que é hoje um grande negócio para os empreendedores do ramo que, aliados ao sistema socioeconômico, ditam o que as pessoas vestem, comem, dançam etc. Os adolescentes especialmente, ainda tentando escapar das forças repressoras, ensaiam seus últimos esforços antes de capitular perante o jogo do poder, insurgindo-se contra as vestimentas da geração anterior, ao tempo em que abraçam, inocentemente, o que julgam ser algo novo e diferente, mas que faz parte na realidade do mesmo processo, tão somente disfarçado, porém oriundo da mesma fonte.

As roupas diferem os homens entre si na medida em que servem para distinguir os que têm mais posses dos menos favorecidos economicamente, cujas diferenças tornavam-se notáveis antigamente, pela qualidade e abundância do tecido, depois pela fama do costureiro e, mais recentemente, pela *griffe*. Até meados do século passado, o preço das roupas – fator delimitante das fronteiras entre as diversas classes - era calcado na qualidade e, portanto, no valor dos tecidos, já que os modelos, podiam ser copiados livremente pelas camadas inferiores, em materiais mais baratos. A *griffe* vem determinar a propriedade sobre o modelo, libertando os fabricantes da necessidade de elaborar os seus produtos com tecidos de boa qualidade, reduzindo os custos de fabricação, ao mesmo tempo mantendo o controle sobre as suas criações, que não mais poderão ser impunemente copiadas. A troca de tecidos de boa qualidade por outros de má qualidade, que a *griffe* permite, trás dois ganhos imediatos para o fabricante: ele mantém os mesmos preços de venda, conseqüentemente aumentando o lucro, e as roupas desgastam-se com mais facilidade oportunizando novas vendas. Essa nova divisa oferece também ganhos, se assim podemos chamar, para os seus usuários, que não correrão mais o risco de verem-se confundidos com os das classes inferiores, protegidos pelo escudo social da *griffe*. "Nuas, as pessoas não têm bolsos, nem grifes. Todos os trajes de nascença foram confeccionados pelo mesmo estilista (NATURIS, nº 22, p. 25)".

As roupas exercem a função magistral de ajudar a compor a nossa personalidade, esmagando a identidade. E nós vivenciamos essas personalidades no nosso dia-a-dia,

assumindo-as como se fossem elas as legítimas expressões de nossas essências. Um alto executivo sentiria vergonha se fosse visto em trajes simples. Um comerciário não se envergonha desses trajes simples, mas jamais consentiria em trajar-se com roupas surradas, em andrajos. No entanto, um mendigo se aceita andando com roupas rasgadas e até assim prefere ser visto, para dar maior veracidade a sua condição de pobreza, aumentando os seus ganhos. A roupa desempenha um papel escravizador. "Se trata de ocultar la identidad natural tras una fachada extraña, creando una identidad cultural con elementos fantásticos (TORO, 1991, p. 553)".

O uso de uma roupa da moda satisfaz ao usuário a necessidade de pertencimento a um grupo social, ao mesmo tempo o destaca dos grupos sociais inferiores. Apoiado por uma identidade grupal, ele finge ignorar a existência de grupos superiores a ele, pois se regozija em fantasiar a existência de grupos menos favorecidos, orgulhando-se do seu posto social quase sempre deturpado, pois, na maioria das vezes, ele esforça-se por se apresentar socialmente com vestes de um nível acima daquele no qual de fato está inserido economicamente. O jogo de aparências, que reveste o comportamento social, impede a existência de sintonia entre a real condição financeira e a representação social, firmado, sobretudo na imagem e no valor dos diversos materiais que se sobrepõem ao revestimento natural do corpo. Cobrindo-se com roupas e penduricalhos, o ser humano atesta a sua insatisfação com a obra divina. Movido por necessidades egóicas, originadas provavelmente da baixa estima, da necessidade de reconhecimento, da ausência de auto-afirmação, de carências várias, ou de um conjunto dessas coisas e tantas outras mais que possam originar a falta de algo que lhe dê sustentação, o ser humano é encaminhado a buscar apoio em mecanismos artificiais de contentamento.

No dia 23 de maio de 2003, na rua, indo para o trabalho, observei uma adolescente trajando roupa da moda, com a calça arriada nos quadris, blusinha curta e alguns penduricalhos pelo corpo. Isto me levou a refletir que ela estava na verdade usando um traje até pouco tempo disseminado através do cinema como "traje de prostituta". Ou seja, o estilista buscou nos trajes das prostitutas o modelo para atrair as adolescentes, que se apropriam da imagem de prostituta construída ao longo de muitos anos, no inconsciente coletivo, como forma de contestar a sociedade.

TÁ NA HORA

Raul Seixas / Paulo Coelho

E onde é que tá a vida?
Onde está a experiência?
Já te deram tudo pronto
Sempre em nome da ciência
Sempre em troca da vivência
E onde é que tá a vida?
E a minha independência?

(Seixas, 1990)

6. NATURISMO

6.1. O que é Naturismo

O Naturismo é um movimento de libertação do homem, que se tornou conhecido da sociedade pela prática dos seus adeptos em conviverem com os corpos nus. No entanto, naturismo é uma ideologia muito mais abrangente, que estimula a fraternidade entre os seres humanos, uma relação amorosa com todos os demais seres e com a natureza em geral, a partir de princípios como: a não exploração do homem pelo homem, gerando uma melhor distribuição de renda; a redução, a reciclagem e o cuidado com o lixo; a utilização econômica, mas não predatória dos recursos naturais; a eliminação de qualquer forma de poluição, seja sonora, das águas ou do ar; o controle da natalidade; e o estado de nudez. Naturismo é antes um estilo de vida, cujos princípios são estabelecidos pela Federação Brasileira de Naturismo - FBrN, apensos a esta monografia.

No Brasil, o Naturismo, enquanto movimento político, tomou força a partir de um momento de iluminação do atual líder nacional Celso Rossi que, após ter experimentado a nudez em um grupo de pessoas que conheceu na Praia do Pinho, assumiu a responsabilidade de difundir a prática, como uma forma de reduzir as barreiras existentes entre os seres humanos, especialmente no que diz respeito às diferenças de status proporcionadas pelas roupas. Ele deixou para trás uma vida economicamente estável, em que atuava como empresário bem sucedido, para erguer a bandeira do naturismo, investindo nesse ideal a sua economia pessoal, sem nenhuma garantia de retorno do investimento, mas com a convicção de um dia alcançar seus objetivos, como ele mesmo relata:

(...) Comecei negociando minha saída da empresa de minha família. Abrindo mão de um emprego com excelente remuneração, estabilidade e um cargo de direção. Decidi mudar para a minha barraca, na Praia do Pinho, abrindo mão de um apartamento de cobertura, com piscina, onde morava sozinho, e todo o conforto da vida na cidade (...) (ROSSI, 1993, p. 91).

A partir daí Celso Rossi e Paula Andreazza - que ele havia conhecido pouco tempo antes e que se tornaria sua esposa, iniciaram uma jornada, que muitos consideraram loucura, pelos caminhos da redescoberta da poética contida na simplicidade:

(...) Noite escura. No meio do mato, até onde era possível ir de carro, fomos. Desliguei os faróis, peguei o colchonete, Paula os peixes, e a lanterna nos iluminou

o caminho para dentro de uma picada sinuosa que conduzia ao local onde estavam construindo os banheiros.

Havia um pequeno barraco, de nove metros quadrados, feito de cascas de árvores, onde estava depositado o material de construção: sacos de cimento, carrinho-de-mão, pás, enxadas, ferramentas diversas.

O chão estava completamente sujo de areia e cimento. Acendi uma vela e, na penumbra, afastei os sacos de cimento para um canto, o carrinho-de-mão sobre eles e sobrou o justo espaço para colocar o colchão.

Não tínhamos uma vassoura. Paula pegou um lençol e o colocou sobre o chão e, em cima deste, o colchonete.

Amarrei uma rede entre as árvores à frente do barraco, acendi uma pequena fogueira no chão e comecei a fazer espetos de madeira para assar os peixes.

A sensação de que havia reconquistado o sonho dos náufragos na ilha deserta era fantástica e inebriante.

A temperatura agradável daquela noite de nove de dezembro de 1988 e o fogo atraindo os vagalumes ao seu redor faziam do romantismo um sonho real.

O sabor da aventura que estava começando era o de um renascer para a vida: descobrir que tão pouco pode ser mais do que o suficiente para ser feliz (...) (ROSSI, 1993, p. 145).

Esse foi o início de um árduo processo de construção do primeiro espaço naturista, no Morro da Tartaruga, junto à Praia do Pinho. Ali Celso e seus amigos construíram cabanas com uma infra-estrutura mínima ao redor, de tal forma que as construções ficassem harmonicamente inseridas na natureza, a ponto de não serem avistadas por quem olhasse da praia.

(...) feitas com uma estrutura de toras de eucalipto e paredes de casca de pinho recheadas de placas de isopor. Algumas [casas] recebem acabamento de cordas de sisal. Sólidas, elas estão protegidas dos ventos pela vegetação que as circunda e que funciona também como uma estufa natural, assegurando temperatura agradável em todas as estações do ano (...) A concepção cultural das construções comuns implica em edificar prédios que vão durar uns 500 anos, mas as pessoas têm uma expectativa de vida muito mais curta. Depois que se forem, outros virão e provavelmente a demolição acontecerá bem antes de passado tanto tempo. É um desperdício (...) (ROSSI, 1993, p. 168).

Todavia, como precursores desse movimento, tivemos, em meados dos anos 60, a Sr^a Dora Vivacqua, a vedete Luz del Fuego, que mantinha uma ilha de naturismo, onde recebia personalidades, inclusive do exterior, e ainda encontraremos vários grupos dispersos, destacando-se uma tentativa de organização, nos anos 50, que se chamou Solar Clube, em Porto Alegre (NATURIS, nº 1, p. 10). Mas se preferirmos retroceder mais ainda no tempo, iremos encontrar os povos que habitavam este lugar antes do descobrimento do Brasil pelos portugueses.

Os índios foram, e ainda são, em alguns lugares mais remotos, os naturistas mais autênticos já existentes, uma vez que sequer tinham a noção do que seria ser naturista, já que o oposto disso era-lhes desconhecido. Se bem pensarmos, eles já praticavam a maioria dos

princípios naturistas citados anteriormente, como: não exploração do semelhante, ausência de poluição e de práticas predatórias e a nudez mais inocente do que a de qualquer naturista civilizado.

6.2. O movimento no exterior

No exterior existem países onde o naturismo é praticado há datas que remontam ao final do século XIX, sendo aceitos pela sociedade com mais naturalidade. Inúmeros são os clubes, praias e campings naturistas espalhados pelos chamados países ricos. Existem praias e praças públicas na Europa em que, apesar de não constituírem espaços naturistas, as pessoas podem ficar naturalmente nuas, sem serem importunadas. Na cidade de Cap d'Agde, no Sul da França, podem andar nuas por toda a cidade e praia, sem que isso cause constrangimento. Em alguns países da Europa é comum, as pessoas, mostrarem-se nuas, não se constrangendo, sobretudo no que diz respeito ao topless.

Na entrevista que fiz com a paraense radicada em Barcelona, ela relata:

(...) pra tomar sol, pra tomar banho elas sempre estão sem a parte de cima... fazendo sempre o topless que é uma coisa muito normal. Tanto nas praias, como nas piscinas. Isso é normal até ver em piscinas de condomínios, ou algum clube... sempre estão sem a parte de cima... pessoas jovens, velhas, os adolescentes, todos... isso na Espanha de uma maneira geral, em todas as praias... França, Itália, Portugal... a grande maioria [faz topless] eu diria que entre dez, nove [fazem topless] (informação verbal).

Perguntei a um naturista qual foi a sua primeira experiência com naturismo, ao que ele respondeu:

(...) foi num trem de Lisboa a Paris, em que eu estava numa cabine de primeira classe, dividindo a cabine com uma família que eram três crianças, o pai e a mãe, portugueses. E quando chegou a noite, já onze e pouco da noite, a família decidiu: é hora de dormir. Aí simplesmente tiraram as roupas, abriram as malas e pegaram camisolas e vestiram, toda a família, na minha frente, ficou nua, que eu fiquei assim [boquiaberto] (...) (informação verbal).

6.3. As regras de comportamento social da FBrN

Em princípio pode parecer incoerente falar-se de regras de comportamento naturista. Afinal, se é para ficar ao natural, para que regras? Não bastaria que se agisse naturalmente, seguindo seus impulsos internos? E mais ainda, como conseguir ficar natural, sabendo que

temos de nos submeter a regras? Se o simples fato de cumprir regras, sejam elas quais forem, já significa não ser livre para expressar o quê e a forma que se quer?

As regras exigidas pela FBrN são de comportamento social, dentro dos espaços por ela reconhecidos como ambientes naturistas. Elas têm como objetivos principais: disciplinar o convívio das pessoas, como pretendem outras regras de comportamento social; coibir a inibição dos naturistas em seus espaços, por não naturistas; e criar uma identidade própria do movimento, capaz de identificá-lo perante a sociedade brasileira e internacional. Estas regras estão no apêndice desta obra.

6.4. Comportamento social dos naturistas

Nos espaços naturistas, abarcados pela FBrN, encontramos um ambiente muito diferente do que possa imaginar alguém que ali nunca tenha estado. Foi o que aconteceu comigo em janeiro de 1992. No primeiro dia eu fui sozinho, para fazer um reconhecimento do local, sendo recebido por Zig, na entrada da Praia do Pinho. Fui convidado por Zig a retornar no dia seguinte, com a companheira e nosso filho de dez anos, para nos hospedarmos no Paraíso da Tartaruga, um espaço reservado só para sócios, sendo a nossa intenção ficar apenas dois dias, mas acabamos permanecendo por quatro dias, tão acolhedor era o ambiente e simpáticas as pessoas que nos receberam. As cabanas não tinham fechadura nas portas, mas apenas tramela. Em seu interior ficavam nossas coisas, inclusive todo o dinheiro, com as portas apenas encostadas, sem que nenhuma preocupação nos causasse. Havia no restaurante um freezer, contendo refrigerantes e cervejas, onde os hóspedes serviam-se à vontade, e eles próprios anotavam o consumo em uma folha de papel, para mais tarde ser incluído em sua conta: eu nunca estivera em um lugar assim antes, onde fosse possível a confiança mútua das pessoas, até então uma utopia para mim. No que diz respeito aos nossos movimentos, percebi que havia um olhar vigilante, especialmente por parte dos organizadores, o que achei compreensível, pois estávamos ali pela primeira vez.

Existem ligeiras diferenças de comportamento de uma área para outra, mas em geral, os valores são muito semelhantes, sobre o que passo a descrever.

6.5. Obrigatoriedade da nudez

Uma das condições exigidas para quem quer freqüentar um ambiente naturista é ficar nu. Não é permitida a permanência de uma pessoa dentro desses espaços se ela insistir

em permanecer vestida, e isto tem um sentido óbvio ligado à própria razão de ser do espaço: se o espaço é reservado ao naturismo, se ele conserva isso na sua identidade, ele deve ser procurado por pessoas interessadas em ficar despidas. Excepcionalmente, é permitido o topless, por ocasião do período menstrual. Não se justifica, como o próprio Celso Rossi defende, que havendo um sem número de praias disponíveis no litoral brasileiro, o não naturista encante-se justo por aquela praia naturista, até porque as praias naturistas são geralmente situadas em locais de difícil acesso, o que torna mesmo o direito constitucional de ir e vir um argumento frágil. À pessoa normalmente são oferecidas apenas duas opções: despir-se ou afastar-se do local.

Biodança não verá com bons olhos essa imposição, pois para Biodança, a recuperação da pessoa deve ocorrer gradativa e voluntariamente, jamais imposto coercitivamente. Esta posição da Biodança encontra eco dentro do próprio movimento naturista. Alguns que, por motivos variados, conseguiram autorização para entrar vestidos nesses ambientes e assim permanecer até que, espontaneamente, sentiram-se pouco à vontade de roupas e optaram por tirá-las, atestam que esse é o processo mais saudável e prazeroso. Foi o que aconteceu com uma das líderes de Massarandupió/BA, conforme ela mesma me contou, em entrevista. Mas existem argumentos que pugnam pela obrigatoriedade do despir-se. Há pessoas que, chegando à porta do avião, como justifica Celso Rossi, precisam daquele empurrãozinho amigo, para saltar de pára-quadras. Há pessoa que, após uma longa caminhada, decorrente de uma decisão previamente tomada, chegando à entrada da praia, na hora H, é assaltada por um temor surgido, não sabe de onde, que a impede do gesto mais singelo - retirar de sobre si a ínfima peça de tecido, nada mais que um símbolo de roupa, mas que lhe autoriza sentir-se protegida. Para quem se sente assim, a obrigatoriedade de tirar, acaba por lhe conceder a autorização de que necessita para confirmar a sua prévia escolha, para vencer o limite, tão ou mais externo que a própria ordem agora determinada. São muitas as que precisam dessa autorização, pois não podem assumir, por si mesmas, tão significativa decisão de romper com um estado de coisas que lhes foram calcadas tão profundamente durante tantos anos de submissão, que até se acostumaram. Não fosse a obrigatoriedade de despir-se, os espaços tornar-se-iam alvo de curiosos, que pela simples presença inibiriam os despídos, sobretudo aqueles que estivessem se iniciando na prática, ou ainda pior: não conseguindo adaptar-se, passariam, decididamente, a promover o mal-estar no espaço, mediante posturas agressivas, estereotipadas e antiéticas.

6.5. Conservadorismo

Cientes de que ficar nu em sociedade já se constitui uma significativa transgressão à norma constituída, os naturistas evitam qualquer outra forma de contestação em relação aos costumes, e são muito cuidadosos nas relações interpessoais, para não causar constrangimento uns aos outros. Daí resultando um comportamento mais conservador do que nos ambientes públicos convencionais. Eles mesmos assumem com orgulho que, "*na praia naturista existe muito mais respeito do que numa praia comum*" (informação verbal). Esta frase é comum, em todos os ambientes naturistas que freqüentei. Eles são muito rigorosos em relação a qualquer tipo de comportamento inadequado, tanto com relação a sexo, como a qualquer tipo de manifestação de agressão, à pessoa ou ao meio ambiente. Percebi uma sutil vigilância de uns sobre os outros, no sentido da preservação da cultura e da manutenção da imagem do naturismo. Entre as primeiras vezes que fui a um espaço naturista e as visitas mais recentes, já pude perceber um relaxamento no controle incisivo dos comportamentos.

Para conquistar o seu espaço na sociedade, auferir uma legalidade e conquistar novos adeptos, o naturismo necessita criar uma identidade consistente e difundir uma imagem que o faça ser reconhecido como um espaço de respeito. Não é propósito do movimento naturista radicalizar uma postura de afronta a todas as incoerências sociais relacionadas à sexualidade. Nesse sentido o naturismo encarrega-se apenas da nudez, aliada a questões ecológicas e socioeconômicas. Decantar a plena liberdade sexual não está contemplado na proposta naturista, como fazem os hedonistas¹. Há que se passar um mínimo de segurança para os pretendentes a ingressar, de que ali não serão agredidos em seus conceitos morais mais arraigados. Isto também determina a elaboração e a vigilância na aplicação das normas de comportamento.

6.6. Comportamento sexual

Os naturistas procuram, por intermédio de suas normas e do comportamento no cotidiano, fazer a desvinculação entre nudez e atividade sexual, uma associação fortemente registrada no consciente e no inconsciente. Sobre essa associação diz Gaiarsa:

(...) se soubermos ou virmos um homem e uma mulher nus, juntos um do outro, admitiremos, sem a menor sombra de hesitação ou dúvida, que estes dois

¹ Movimento que prega liberdade total, na busca do prazer, em todas as suas formas.

indivíduos acabaram de ter uma relação sexual, estão tendo uma relação sexual, ou a terão no instante seguinte. É para nós, completamente impossível dissociar a nudez da sexualidade, sempre que implique a nudez de um par humano, nudez de um homem e de uma mulher presentes um ao outro. Por isso toda fotografia de campos nudistas desperta estranheza em todos (GAIARSA, 1995, p. 63).

Não são admitidas relações sexuais em público, nem atitudes sexualmente ostensivas, nem mesmo insinuações estereotipadas a esse respeito, reservando-se o relacionamento sexual entre os parceiros para a privacidade dos seus aposentos. Pingentes, adereços, atitudes e peças de roupa provocantes, frases feitas com endereço certo, verbalizações maliciosas, meneios sexualmente ostensivos e tudo mais que possa constranger e provocar, estão fora do ideário naturista. Valoriza-se, então, o retorno aos movimentos harmoniosos que agradam por seus encantos inerentes. Uma mulher rebolando provocativamente não seria bem recebida nesses ambientes, podendo mesmo ser chamada à atenção por outros naturistas, porque isso poderia suscitar reações inesperadas por parte dos homens, deixando-os em situação embaraçosa, como me disse Celso Rossi, em abril de 1999:

(...) eu tô aqui numa área naturista tô bem, tô tranquilo, tô aqui, não tô pensando em sexo, não tô a fim de pensar em sexo. Sexo só em casa depois com a minha mulher. E passa uma mulher aqui cheia de pingentes e rebolando eu já olho “páá!”... eu não quero isso.. eu quero ficar tranquilo... não quero, de repente, ter que passar nenhum constrangimento, de ficar de pinto duro aqui na frente do restaurante. É culpa minha ter ficado de pinto duro ou é culpa da mulher que passou aqui toda cheia de fio dental e brincos nos seios, fazendo pose, arrebitando a bunda? Então, se eu disser assim, esse tipo de comportamento não deve ser tomado na Colina, não é porque eu não goste, porque as outras pessoas não gostem ou porque outras vão ficar até com ciúmes. É que, de repente, vai provocar situações embaraçosas em pessoas que não estão ali pra isso. Eu posso chegar pra ela dizer “olha vamos lá em casa e tu desfila só pra mim, lá em casa, não tem problema. Agora aqui, na frente de todo mundo, vai dar problema”. Na medida em que aquele comportamento, aquele pingente, aquele brinco tá sendo usado com a intenção de provocar sexualmente, então aquela pessoa tá tendo uma conduta sexualmente ostensiva. E essa é uma das normas do Código de Ética: “conduta antiética: praticar comportamento sexualmente ostensivo” (informação verbal).

A responsabilidade por qualquer conflito surgido nesses ambientes será imputada aos que deram causa ao surgimento do conflito e não aos que nele se deixaram enredar. Se a postura estereotipada de uma pessoa pode provocar desentendimento entre os casais, essa postura será inibida pela comunidade, preferencialmente antes da concretização de seus efeitos. O namoro acontece como em uma praia convencional, tomando-se apenas o cuidado em não suscitar ereção do pênis ou provocação em outras pessoas.

A paquera poderá acontecer, mantendo-se em um nível saudável de aproximação e respeito, não sendo admitidas de forma alguma as famosas "cantadas", o assédio sexual, piadinhas, frases feitas e movimentos estereotipados de caça. A aproximação será admitida

em relação de *feedback*. Deve haver uma reciprocidade de interesses, uma receptividade a ser observada. No caso de um conquistador convencional ultrapassar esses limites, ele poderá ser chamado à atenção por um outro frequentador. Mas se chegar ao ponto de a mulher, sentindo-se ultrajada, manifestar o seu desagrado publicamente, ele ficará em sérias dificuldades diante da coletividade, como ocorreu, certa vez na Praia do Pinho, em que o agressor foi expulso vergonhosamente da praia, pelos frequentadores.

Os regulamentos de todos os espaços naturistas filiados à FBrN proíbem o estado de ereção, considerando falta grave se estiver associada à obscenidade, podendo levar à expulsão. No caso de uma ereção eventual é recomendado ao homem ocultar esse estado da visão dos demais, seja entrando na água, deitando de barriga para baixo na areia, cobrindo-se com uma canga, ou qualquer outra forma de se resguardar, sobretudo, desviando a sua mente para outro foco, a fim de sair daquele estado, considerado constrangedor, nesses espaços.

Quando a ereção inoportuna se manifesta, sempre poderemos detectar a presença de atitudes mentais envolvidas. Nos primeiros dias em que fui a uma praia naturista, após estar algumas horas na Praia do Pinho, onde havia cerca de trezentas pessoas nuas, eu, deitado na areia sozinho, senti o início de uma ereção. Refleti, então, que naquele exato momento eu não estava olhando para ninguém, mas, sim, tinha me distraído e permitido que o devaneio me conduzisse até cenas do passado, fora do contexto naturista, onde tivera um envolvimento sexual. Esse *insight* me levou a profundas reflexões sobre o comportamento sexual humano e sobre a aplicação da regra naturista que proíbe a ereção. Celso Rossi conta, em seu livro, um fato que aconteceu com ele, logo no início de suas experiências naturistas: ele passara o dia todo em companhia de um pequeno grupo de pessoas nuas, na Praia do Pinho. E, ao fim do dia, quando as pessoas começaram a se vestir para irem embora, ele viu uma das mulheres vestindo a blusa, "tendo ficado um seio à mostra" (ROSSI, 1993, p. 18), o que lhe trouxe sensações de excitação. Ocorrências como essas nos deixam perceber que a causa da ereção inoportuna se reveste de fantasias e programações mentais.

6.7. Entrada de homens desacompanhados

Normalmente não é permitida a entrada de homens desacompanhados de mulheres. A justificativa para essa restrição está calcada na prática observada, especialmente no início do movimento. A entrada de homens sozinhos obedece a uma estrita vigilância, variando de um espaço para outro, ligeiramente. Na praia do Pinho se reserva uma parte para os homens desacompanhados de mulheres. Na Colina do Sol, aceita-se homens sozinhos até um

determinado percentual em relação ao número total de freqüentadores. No Rincão se recusa o ingresso. A preocupação com o homem desacompanhado de uma mulher, não é apenas por ele mesmo. É antes uma forma de evitar que grupos de homens dirijam-se aos espaços com o fim de, fortalecidos entre si, dar vazão aos seus desajustes, agredindo aos demais e denegrindo a imagem do ambiente. É uma forma, também, de evitar que o homem machista compareça ao local sozinho, alienando a sua esposa do processo, o que, também, não o ajudaria a se transformar - a obrigatoriedade da presença da companheira traz benefícios também para esses homens. Em geral os espaços são todos flexíveis, permitindo, por exemplo, que assíduos freqüentadores, reconhecidamente naturistas, que outrora já tenham comparecido ao ambiente acompanhados, possam ingressar tranqüilamente, assim como outras formas de apresentação, em que se constate a inexistência de perigo para os naturistas. Será permitida a entrada de um homem acompanhado de seus filhos ainda crianças, ou acompanhados de pais já idosos. Das inúmeras vezes em que compareci a um ambiente naturista, em muitas delas fui sozinho, inclusive no Rincão, em março/1996. Com exceção da primeira vez, quando fui à Praia do Pinho, sondar para ver como era o ambiente, nunca fui impedido de entrar nesses espaços.

Não é vedada a entrada de mulheres sozinhas, porque não se verifica estatística de problemas causados por elas. Elas são, em geral, mais sutis no jogo do sexo, não causando conflitos abertos nas comunidades. Além do mais, a restrição imposta ao homem e a liberação da mulher, em relação ao ingresso sozinhos nesses espaços, assegura a presença de uma população ligeiramente superior de mulheres, prevalecendo assim, um controle natural da energia *yang* pela *yin*, o que ajuda sensivelmente na manutenção do clima harmonioso que paira nesses locais. A liberação da entrada de homens sozinhos provocaria uma avalanche masculina, porque normalmente são eles que buscam o ambiente em maior número, concedendo ao mesmo uma conotação mais agressiva, o que, por sua vez, iria afastando as mulheres, até que elas não mais comparecessem, o que também dispensaria a presença dos homens, deixando a praia deserta e acabando com o movimento naturista.

6.7. Homossexuais

Não se reprimem os homossexuais apenas por suas preferências. Mas rejeita-se neles a postura ostensiva, os gestos estereotipados, indiscrição, ações agressivas e afetadas. Há restrição aos homossexuais com meneios exacerbados, transformação do corpo físico e pinturas e adereços femininos.

6.8. Rejeição ao uso de drogas

Nas normas e na prática naturista é absolutamente proibido o uso de drogas ilegais. Não se trata aqui de uma mera submissão aos preceitos legais brasileiros, é antes uma rejeição ao que não é natural; que agride o corpo humano e põe em risco o convívio social. Mesmo as drogas legalizadas são vistas com suspeição. A utilização de bebida alcoólica é tolerada, mas sempre desestimulada, com recomendações de que seja ingerida com moderação. Não há nenhum incentivo ou cobrança por parte dos donos de bares, para que as bebidas sejam consumidas, exageradamente, visando o aumento das vendas, como se observa em outros espaços.

6.9. Ecologia

Não é admitida nesses espaços nenhuma forma de poluição. O lixo será coletado convenientemente e depositado nos lugares reservados para isso. Observa-se a difusão de uma cultura preservacionista, que zela pelos mananciais de água e pela preservação do ar e da natureza de maneira geral. A utilização de aparelhos sonoros, somente pode ser em volume, qualidade e quantidade que não provoque agressão ao ouvido humano e ao meio ambiente. Normalmente os espaços naturistas são instalados em locais de difícil acesso e afastados dos centros populacionais, por três motivos principais: o naturismo nasceu e se mantém por um público constituído, na sua maioria, de ecologistas, que gosta de lugares naturais, com pouca transformação provocada pelo homem; os caminhos de difícil acesso afastam as pessoas urbanas e assim os curiosos, já sendo o próprio caminho uma forma de seleção dos seus freqüentadores; a nudez dos naturistas não causará constrangimento em transeuntes que ocasionalmente poderiam estar passando por esses locais. Nas viagens que fiz, ouvi de naturistas de Tambaba uma insatisfação pelo fato de ter sido asfaltada a estrada que liga Tambaba a Jacumã, cidade mais próxima. Também ouvi de naturistas de Massarandupió/BA, que eles ali não queriam o asfaltamento da estrada que liga a praia à BR. Eis uma entrevista que obtive em Massarandupió, momentos depois de termos presenciado tartaruginhas saindo dos ovos e correndo para o mar:

Aqui neste ambiente especial... reforça, muito, muito em mim a consciência ecológica... um sentimento de espiritualidade muito forte, muito forte mesmo. Agora mesmo, hoje, eu fui presenteada, sem esperar, sem saber de nada, com esse espetáculo belíssimo que foi a desova das tartarugas marinhas. E realmente eu não me contive foi muito forte pra mim, foi muito emocionante ter presenciado aquilo,

fiquei muito emocionada na hora que vi e, também logo depois entrei no mar e foi inevitável a vontade de me concentrar um pouco e até orar, de agradecer a Deus pelo fato, pela oportunidade de estar aqui, de ser presenteada com tudo isso, com uma praia belíssima, com uma oportunidade, uma surpresa linda dessa (informação verbal).

6.10. O olhar

Nas primeiras vezes que fui ao ambiente naturista encontrei um comportamento de controle do olhar. As pessoas evitavam olhar para as "áreas sexuais" e isso era mesmo recomendado pelos dirigentes para não causar constrangimentos. Nas últimas vezes já encontrei um olhar mais relaxado, uma forma mais natural de ver o outro por inteiro, sem tanto medo. O fundamental é que o olhar não seja estereotipado, incisivo, direcionado, provocante ou malicioso. Celso Rossi fala do medo que as pessoas recém-chegadas têm de serem vistas vendo. Elas ficam com o pescoço retesado e os olhos fixos nos olhos do interlocutor, expressando insegurança e medo de serem flagradas tentando olhar para o sexo dos outros. Depois de algum tempo convivendo entre pessoas nuas, esse olhar vai se tornando gradativamente mais natural, não sendo mais constrangedor.

6.11. Diversidade de freqüentadores

"Normalmente as pessoas mais esdrúxulas possíveis, em termos de formação física", disse-me um líder naturista entrevistado, quando lhe perguntei quais os tipos físicos que freqüentam a praia. O ambiente naturista é freqüentado pelos mais variados tipos físicos, de ambos os sexos e todas as idades, nível social e cultural diversificados. Altos, baixos, magros, gordos, idosos, jovens, com pênis avantajados ou diminutos, mastectomizadas, todos se encontram nesses ambientes harmoniosamente. Chega a haver até mesmo uma concentração de pessoas fora do padrão, por dois motivos: primeiro, que ali as pessoas se sentem bem recebidas, acolhidas e respeitadas, independentemente da sua condição física, coisa que eles não encontram em outros ambientes; segundo porque as beldades, os belos corpos, aqueles que passam horas se modelando em uma academia, normalmente não se ajustam em um ambiente onde o narcisismo não será valorizado, reforçado por uma necessidade do jogo de sedução que a roupa proporciona.

Os idosos são rotulados na sociedade convencional como pessoas conservadoras, inflexíveis e resistentes à mudança, sobretudo quando se trata de sexualidade. Mas os idosos já foram jovens e ainda guardam memória do dia em que tiveram a sua rebeldia decapitada.

A idade avançada lhes trás uma nova compreensão da vida e uma consciência do desperdício que representou o abandono de anseios em prol de razões que não eram as suas. Eles agora são vistos como pessoas que já não estão em pleno gozo de suas faculdades mentais - estão "na idade de fazer bobagem" (Nogueira, 1997), como disse Bidê, em música interpretada pelo cantor Noite Ilustrada. Diante desta nova condição alguns deles se permitem relaxar mais com as normas de conduta, sabendo que serão aceitos e compreendidos por seus deslizes sociais. Os idosos que experimentam o naturismo se adaptam com muita facilidade, já que não carregam mais os equívocos da responsabilidade.

NA IDADE DE FAZER BOBAGEM

Alcebíades Nogueira (Bidê)

Ela tem 18 anos, eu vou fazer 56
 Trago meus desenganos
 E ela pensa em ser feliz
 Imaginem vocês

 Ela está no período sonhador
 E eu na idade de fazer bobagem.

As crianças são as melhores naturistas. Variando um pouco de acordo com a idade e com o volume de opressão que já receberam, elas se liberam e se entregam à vivência sem se preocupar em ter uma compreensão do processo. A cultura do movimento naturista não admite que as crianças sejam forçadas a tirar as roupas, sob qualquer pretexto. Elas devem ser deixadas à vontade para ficar como se sentirem melhor, em qualquer ambiente ou ocasião.

A única faixa etária que costuma manifestar resistência à nudez é a dos adolescentes, devido às instabilidades psicológicas, hormonais e físicas, próprias dessa fase da vida, quando se evidencia o narcisismo e se amplifica a arrogância, o orgulho e a revolta. Mesmo aqueles que na infância já tinham exercitado o naturismo, tendem a se resguardar mais nesse período. Há que se considerar a possibilidade dessa resistência ser decorrente não apenas do processo de transformação mas, também, contestação ao que lhes é proposto por seus pais naturistas.

Com relação ao temperamento, as pessoas extrovertidas são as que costumam recuar, enquanto as introvertidas, passada a ligeira resistência inicial, se adaptam com muita facilidade e aderem tranqüilamente. Há muitas histórias de ocorrências em portarias de ambientes naturistas em que, duas irmãs ou amigas, chegam juntas, sendo uma extrovertida e a outra introvertida, que, ao contrário do esperado, a introvertida quer ficar, enquanto a outra quer ir embora. Outras narrativas falam de mulheres introvertidas que, na primeira vez, gostaram da experiência e, ao final do dia, prometeram trazer a outra "que é super liberada,

despachada, extrovertida, alegre, desinibida”, a qual nunca aparece ou se vem, não consegue tirar a roupa e vai embora.

A convivência de crianças e idosos completamente despidos e sem nenhum constrangimento concede ao ambiente um ar ameno que desarma o espírito de quem porventura ali chegue carregado de preconceitos e bloqueios internos.

6.12. Relacionamento salutar

Há, no ambiente naturista, um clima de cumplicidade, de companheirismo, de comprometimento com o ideal, que os torna unidos e solidários. Os conflitos inerentes a toda convivência são tratados de maneira respeitosa e mais humana que na cultura convencional. Disse-me uma naturista: "Uma Copacabana apinhada de gente, mas tá todo mundo muito só... Na praia naturista as pessoas se aproximam". As pessoas mesmo desconhecidas se cumprimentam e se reúnem para conversar amigavelmente. Os antigos se prontificam a auxiliar e esclarecer os recém-chegados, mostrando-se receptivos, esse é o termo exato, a uma aproximação. Não existe pregação, nem projeção dos antigos em direção aos novos, o que existe é um colocar-se à disposição, uma abertura para que, se eles quiserem, se aproximem. Esse cuidado todo é para não invadir o espaço de pessoas que possam ainda estar resistentes, pela timidez das primeiras horas. Há um clima de fraternidade e de solidariedade entre as pessoas. Uma mulher poderá se dirigir sozinha, sem nenhum receio a um ambiente naturista, porque lá ela contará com a proteção do grupo.

A condição da mulher no naturismo é nobre e igualitária. Ela não é aquele ser coberto de vestimentas eróticas com a finalidade de ser espiada, perseguida, surpreendida, despida com o olhar... Reconhecida como semelhante, tratada como igual, ela se sente aí infinitamente mais segura e à vontade do que nas ruas de nossas cidades. (NATURIS, nº 06, p. 1).

Não sei até que ponto essa harmonia é de fato inerente ao naturismo ou vem de uma necessidade de fortalecimento enquanto grupo. Meu receio é que, no futuro, quando os grupos crescerem, essa interação se perca, dando lugar a praias superlotadas de gente nua, mas com os mesmos comportamentos estereotipados dos dias de hoje, nas praias convencionais.

6.13 Sensação de liberdade

Os naturistas são unânimes em relação à sensação de liberdade que sentem ao se despirem. Da liberdade de não ter mais que se preocupar com roupas, combinações de cores, elásticos apertando, sobretudo do corpo livre, esplêndido, aberto, sem nada para encobri-lo, para escondê-lo como se fosse algo proibido. De se mostrar e de ver o outro por inteiro, sem malícia, sem o peso dos estigmas. Estar com o corpo todo solto e inteiro, aceitando-se assim como é e se percebendo aceito pelos outros. De poder sentir o vento, o sol e a água envolvendo todo o corpo, sem restrições. De estar com o corpo nu, como veio ao mundo, recordando os primeiros passos de criança.

7. A NUDEZ EM BIODANÇA

Em Biodança não se admite a imposição da nudez: ela ocorre de forma natural. Em algumas ocasiões o facilitador sugere a retirada das roupas como forma de radicalizar a vivência, pois se a roupa tem uma influência significativa na ordem instituída, sua retirada produz forte efeito psicológico, impactando no desvencilhamento de mandatos. Mas essa sugestão não possui nenhum matiz coercitivo, cabendo a cada participante a escolha de manter-se ou não vestido, nesses momentos. Também não se admitindo nenhuma forma de pressão do grupo sobre o indivíduo. A maneira preconizada por Biodança e disseminada por seus facilitadores, é que o participante espontaneamente retire as roupas a partir de uma necessidade que nasce em seu interior e se manifesta no gesto, quando o impulso de despir-se é mais forte e invalida as ordens externas que as mantêm. Junto com as roupas sai um conjunto de outros substantivos como a opressão, os bloqueios, a vergonha, o medo, o julgamento de si e dos demais etc.

Quando entrei em contato com o Naturismo, em 1992, passei a adotar um comportamento inverso, mas tão dissociado quanto o primeiro: ficar nu obsessivamente; sempre que o espaço era permitido, eu já queria ficar nu. Muitos anos depois, em 1997, no intervalo de um trabalho de Biodança, na Chapada Diamantina, interior da Bahia, um lugar bem afastado das cercas culturais da sociedade, eu tive uma experiência profunda. Nos dois primeiros dias eu tirara a roupa compulsivamente, como antes fazia, mas, no terceiro, senti algo diferente. Eu estava trajando um leve short, folgado, sem cueca, que me deixava bem à vontade, a temperatura era agradável e notei que não havia mais compulsão de tirar o short, porém, se eu tirasse igualmente me sentiria bem. Algumas pessoas estavam sem roupa e outras com roupa. Ficar com ou sem roupa tornava-se inteiramente indiferente para mim, e eu descobria assim o verdadeiro sentido da roupa. Experimentei ficar com o short por cerca de meia hora e depois experimentei ficar sem ele: nada mudou, continuei me sentindo do mesmo jeito, como se nada tivesse acontecido; sequer alguém notou a minha movimentação. Essa foi uma das vivências mais significativas que tive em relação a naturalidade da nudez.

A nudez em Biodança somente acontece em grupos que já a praticam há bastante tempo, geralmente constituídos por alunos da escola de Biodança, em processo de formação como facilitadores, ocorrendo, também, em grupos constituídos por facilitadores e em grupos de praticantes com muito tempo de experiência, os chamados grupos avançados. Nesses

grupos, já se encontram estabelecidos diversos fatores que contribuem para que o ato de despir-se ocorra de forma natural e espontânea, onde a intimidade e a confiança em si e no grupo já estão plenamente estabelecidas. Sendo mais comum que as pessoas tirem as roupas quando as atividades de Biodança estão ocorrendo em ambientes naturais, longe dos espaços urbanizados, como uma maneira de interagir ainda mais com o ambiente, num processo de total integração em que o praticante se desfaz dos vestígios da carga cultural que o acompanham, permitindo-se uma sensação mais intensa de fusão com a natureza externa e o resgate da sua própria.

Em Biodança, a nudez não está relacionada com a Linha de Sexualidade, podendo ocorrer em exercícios de qualquer uma das linhas de vivência², assim como não existem exercícios específicos que se façam sem roupas. Desta forma, a nudez não está relacionada à linha de vivência, nem a exercícios, mas à intensidade da experiência, que poderá ocorrer em qualquer um deles.

Assim, a nudez atua na linha da vitalidade quando ativa os potenciais de saúde, absorvendo as energias solares e telúricas, quando faz a higienização do corpo em contato com o ar, quando integra o corpo em um único inteiro e o liberta das compressões físicas que o sufocam e o deformam (espartilhos, sapatos, calcinhas etc.). Na linha da Sexualidade, ela liberta o genital dos estigmas castradores, reconhecendo o corpo todo como fonte de prazer, livre de uma compartimentalização hierárquica e valorizando o prazer de sentir o contato com o meio e com a outra pessoa. Na linha de Criatividade, a nudez possibilita a plena expressão corporal, sem reservas e, como em todo movimento de transgressão à norma, faz-se necessária a criatividade para encontrar os caminhos alternativos de solução. Na linha da Afetividade, facilita o reconhecimento e a aceitação dos diversos tipos físicos, promovendo a auto-aceitação, aumentando o vínculo com o outro e melhorando o relacionamento. Na linha da Transcendência, remete para o vínculo com a totalidade, gerando sensações de integração e pertencimento.

Para que o facilitador proponha nudez em um exercício de Biodança, é necessário que, antes, ele tome alguns cuidados com o grupo e com o local, propiciando um ambiente nutritivo, acolhedor, confiante e privativo. Antes de iniciar a sessão ou maratona, o facilitador deverá examinar detidamente a privacidade do local e, se o local for aberto, com a possibilidade de chegada de pessoas externas ao grupo, ainda que essas pessoas sejam conhecidas ou praticantes de Biodança, ou mesmo do grupo, mas que não estejam, naquele

² Linhas de vivência já explicado no capítulo “A Dança da Vida”.

momento participando, assim cuidando para que o grupo não se sinta invadido. Na realidade, essas recomendações são necessárias e exigidas para qualquer prática de Biodança, mas tornam-se mais importantes quando se pretende realizar vivências com nudez. Como já foi dito, o grupo deverá ser constituído por pessoas com bastante experiência em vivências de Biodança, acostumados a vivências fortes e profundas, com sensibilidade para percepção das dinâmicas que acontecem dentro e fora de si.

Vendo de outro ângulo, podemos dizer que o desnudamento em Biodança começa quando a pessoa entra para o movimento, ou seja, o participante começa a desnudar-se pelas vestes sutis que o encobrem, despindo-se, inicialmente, de amarras internas, preconceitos, valores introjetados, mordanças, medos, opressões etc., até que percebe que não precisa mais das roupas para se sentir respeitado ou psicologicamente protegido. O ato de desnudar-se em Biodança é um processo contínuo e sem fim, pois sempre haverá camadas, cada vez mais profundas, por serem descobertas.

8. UMA COMPREENSÃO PESSOAL

Após todo um caminho que percorri desde as minhas experiências infantis, das vivências em Biodança, passando pelos estudos teóricos de variados autores, das entrevistas, das conversas e vivências nos ambientes naturistas, resta-me trazer as minhas observações a respeito da nudez, com ênfase no movimento naturista, onde minhas experiências foram mais prolongadas, munido dos meus referenciais de Biodança.

8.1. As regras de comportamento no movimento naturista

A grande contradição no movimento naturista é a imposição de regras rigorosas de comportamento dentro dos espaços reconhecidos pela FBrN. Regras essas que estabelecem um controle social incisivo de todos sobre todos, para que ninguém se desvie daquilo que está traçado pelo ideal naturista, mas que sempre concedem tema para debates em todos os tempos e espaços, sejam eles geográficos, textuais, virtuais etc. Nas praias, nos clubes, congressos, revistas, internet, qualquer que seja o ambiente, onde estejam reunidas pessoas dentro do movimento naturista e, algumas vezes, fora, também, causa discussão a existência de regras de comportamento, que limitem os movimentos e a expressão natural dentro de um espaço que busca a naturalidade. Há de se compreender que, diante da contundência com que fomos todos condicionados a cumprir uma infinidade de regras sociais, impostas ao longo de quatro séculos, o que se desdobra em um número múltiplo de conflitos internos, não poderíamos, simplesmente, como que por mágica, nos libertar a partir de uma simples tomada de consciência. Assim, o ideal naturista faz suas regras como um caminho, uma forma de tornar viável a convivência pacífica entre pessoas que reconhecem a necessidade de mudança, mas ainda não estão mudadas, pois carregam, no íntimo, os conflitos decorrentes da educação. Algumas vezes, essas regras chegam mesmo a ser mais conservadoras que as de muitas sociedades vestidas. Reconhecemos que, se não houvesse as regras, o movimento não aconteceria, pois, os ambientes tornar-se-iam impróprios para o convívio salutar, já que sofreria a ação das forças que sustentam a sociedade vestida tal como ela é.

Lembro-me de um fato real, ocorrido alguns anos atrás, fora do ambiente naturista, quando uma jovem que assistia a um show de rock, talvez movida por uma forte energia, mobilizada, pelos cantores, na multidão, senão por um desvio psicológico qualquer, retirou a

blusa deixando os seios à mostra. Ela foi atacada e agredida pelos jovens que estavam próximos a ela. O que teria motivado esse ataque? Se realmente a imagem os excitava, não teria sido mais natural que apreciassem a atitude dela, estimulando outras jovens a fazerem o mesmo? No meu entendimento, o que ocorreu ali foi a interferência do braço social introjetado no inconsciente coletivo da multidão, com mandatos do tipo: "*isto não pode acontecer; isto é proibido; ela não pode fazer isso; isto está fora do normal; isto tem que ser destruído*". A atitude deles serviria para coibir não apenas aquele gesto localizado, mas impediria que outras moças naquele ou em outros shows se insurgissem contra o *status quo*, até porque a imprensa, cumprindo o papel social a ela determinado, encarregou-se de disseminar a notícia por todo o país. A história está repleta de fatos semelhantes. A importância do fato mencionado acima é que a repressão não veio de um aparato policial, como aconteceu com Rosimere Moura da Costa, por fazer topless em um trecho da praia da Reserva Biológica do Recreio, situada na zona norte do Rio de Janeiro, no dia 16 de janeiro de 2000 (O LIBERAL 18.01.2000, Atualidades, p. 3). Surgiu dos próprios jovens iguais à moça, travestidos de rebeldes, mas vítimas da mesma pecha. Não fossem as regras naturistas de comportamento, o episódio que aconteceu com a moça se repetiria nos espaços naturistas, coibindo a liberdade de expressão, ainda que disso resulte uma liberdade parcial, enquanto protegida por normas de conduta. A norma aparece aqui como uma forma de proteger o naturista de outras normas. daquelas que o impedem de tirar a roupa e se mostrar nu. Coloca, também, limite aos desvios sexuais, frutos da mesma cultura convencional.

Traçar um paralelo direto com Biodança aqui não convém, pois Biodança parte de outros princípios, está em outra realidade. O processo de Biodança ocorre de dentro para fora. É lento e gradativo, precisando de tempo para que a mudança opere no íntimo do indivíduo, até emergir para o exterior. Biodança lida com pequenos grupos, geralmente composto por pessoas que já convivem respeitosamente há algum tempo, atuando em um leque mais abrangente. O Naturismo trabalha com uma possibilidade terapêutica menor, com um número mais elevado de pessoas, que são rotativas no grupo. Ambas as situações estão corretas, de acordo com a estratégia que cada uma traçou para o alcance dos objetivos aos quais se propõe.

Embora em Biodança não existam regras, propriamente ditas, existe um direcionamento, como disse-me Gregório: "Biodança não tem regras; tem bom senso, tem limite, tem auto-regulação." (informação verbal). Não falar em determinados momentos; não rir em outros; não interromper outra pessoa quando estiver falando e, sobretudo, não julgá-la, são orientações que, para o principiante de Biodança, podem parecer estranhas, como se lhe

estivessem fazendo uma imposição, mas, na realidade, visam protegê-lo, e ao grupo, dos seus comportamentos estereotipados, evitando que estes se mantenham no poder, mediante o boicote do processo em proposição e continuem conduzindo as relações indefinidamente, como fazem no cotidiano do mundo convencional.

Tanto as regras do Naturismo, como as proposições de Biodança, vão deixando de fazer sentido, na medida em que seus adeptos vão se familiarizando com a nova proposta, substituindo o padrão convencional, por uma nova cultura, mais próxima da natureza humana.

8.2. Desvios de comportamento

A natureza nos dotou de um complexo sistema de autogestão, composto de um grande número de subsistemas, com a finalidade de nos possibilitar a experiência da vida, na relação com o meio ambiente. Mesmo complexo, esse sistema perfeitamente íntegro e equilibrado estava preparado para interagir com o meio externo em qualquer situação, respondendo, de maneira autêntica e espontânea, em busca de segurança, saúde, prazer etc. Os seres humanos, reunidos em sociedade, na intenção de organizar a vida em grupo, tornando-a mais pacífica e progressista, elaboraram um sistema de normas artificiais de comportamento, racionalizando a vida. Na verdade criaram um sistema de informações paralelo, para interagir com o sistema primeiro. Mas a inteligência humana não estava habilitada para concorrer com a criação divina, provocando interrupções, bloqueios e falhas nesse conjunto maior, agora composto de subsistemas originais e outros artificiais que passaram a interagir precariamente. Perdida nesse emaranhado de códigos, na "*Matrix*"³, a inteligência humana por vezes não se reconhece, perdendo a noção de certo e errado. É a cultura que passa a definir onde o prazer será encontrado, substituindo os mais autênticos por outros superficiais, artificiais e comerciais. A castração dos anseios naturais, aos quais se sobrepõe um conjunto de mensagens que estimulam em determinada direção, levam o ser humano a confundir o que de fato lhe é saudável e prazeroso com mera satisfação de vícios e carências ou a iludir-se que, realizando o que a sociedade define como bom, estará se satisfazendo. A busca por satisfação - agora de necessidades que não são suas - faz dele um eterno insatisfeito, sempre querendo mais e confundindo a própria identidade. Dos distúrbios oriundos dessa confusão interna resultarão desvios sociais de comportamento. Algumas vezes um determinado programa de controle não será suficientemente forte para conter os impulsos

³ Idéia exibida no filme Matrix, de que vivemos em um mundo virtual, distantes do mundo real.

mais verdadeiros, provocando brechas por onde escapará a ação contida: é assim que o grande empresário cede aos encantos da servente. Outras vezes a submissão excessiva aos ditames culturais provocará a perda do contato com a essência divina inerente ao ser humano, transformando-o em um autômato que apenas repete aquilo que está definido para fazer dele uma pessoa reconhecida socialmente, como o ato de ingerir bebida alcoólica, gabar-se e atirar piadinhas inoportunas.

A liberação repentina dos comportamentos em um determinado espaço, no caso o naturista, sem que fosse definido um processo gradual de modificação, provocaria uma profunda desarmonização interna, levando a comportamentos dissociados e impróprios para um ambiente em que a maioria das pessoas está reaprendendo a ser livre.

Mulheres rebolando provocativamente diante dos homens naturistas obteriam deles as mesmas respostas condicionadas que sempre tiveram e colocariam em risco a harmonia do ambiente, constrangendo-os e agredindo as suas companheiras.

8.3. A vergonha

As pessoas que chegam à porta de entrada de uma praia naturista se deparam com uma sensação de insegurança, diante do passo seguinte que deverão tomar. É um constrangimento reconhecido pela grande maioria das pessoas que chegam ao Naturismo, até mesmo aquelas que já vão determinadas a não desistir de forma alguma. Os motivos principais responsáveis por essa insegurança do neófito são: pudor instilado desde a mais tenra idade, preocupação com a estética corporal, por não se adequar ao padrão socialmente instituído e ser visto vendo.

Segundo Norbert Elias, no início do processo civilizador as camadas superiores começaram a disseminar padrões de comportamento social, deles resultando o medo de se expor e de sentir-se inferior diante dos outros. Com o avanço do processo, as pessoas foram interiorizando esses padrões e medos, até que a sucessão das gerações fez desaparecer da consciência a origem desses comandos, na medida em que eles passam a se instalar no interior do indivíduo ainda na infância. Da perda da consciência do caráter social do medo surge o sentimento de vergonha, como algo firmemente instalado no interior de cada pessoa, que se manifesta em forma de ansiedade face ao temor de sentir-se inferior em relação a outras pessoas, baseado nos seus próprios padrões de medos e proibições.

Para se distinguir, as elites criaram os comportamentos cuja leitura depende de uma percepção sutil. Não se enquadrar e não alcançar esse nível gera sentimento de vergonha.

O pudor começa a ser inculcado na criança já pela própria família que, na época, se constitui de pessoas da sua mais alta confiança, como diz Rossi: “...nossos pais, cobrindo insistentemente nosso pequeno corpo nu, ensinaram-nos que devíamos sentir vergonha de nós mesmos” (ROSSI, 1993, p. 20).

Elias ensina que esses mandatos se instalaram em nossa mente como uma segunda natureza, “como um autocontrole automático, um hábito que, dentro de certos limites, funciona, também, quando a pessoa está sozinha” (ELIAS, 1993, p.142). E ele continua:

A referência social à vergonha e ao embaraço desaparece cada vez mais da consciência. Exatamente porque a injunção social de não se mostrar ou desincumbir-se de funções naturais opera nesse momento no tocante a todos e é gravada nesta forma na criança, ela parece ao adulto uma injunção de seu próprio ser interno e assume a forma de um autocontrole mais ou menos total e automático (ELIAS, 1993, p. 144).

A cultura social implantou um pesado estigma sobre algumas áreas do corpo, especialmente os genitais e a área anal, sobre as quais passam a repousar imagens negativas de sujas, feias e imorais, fazendo com que sintamos um profundo desconforto ao tentarmos retirar as vestes que as encobrem, pois não podemos deixá-las à vista de outras pessoas. Esse mal-estar causa-nos até mesmo uma resistência ao contato físico com essas áreas, o que nos faz restringir esses contatos aos momentos extremamente necessários, geralmente vinculados à fisiologia, higiene e saúde. A utilização de roupas reforça a discriminação em relação a essas áreas, aumentando o distanciamento entre a pessoa e seu próprio corpo, renegando as áreas mencionadas a uma classificação inferior. Esses estigmas vão se desfazendo naturalmente a medida em passamos a nos despir em grupo.

Vejo o pudor como uma tensão provocada por um sentimento de inadequação por estar em uma situação que a personalidade reconhece como imprópria, na medida em que contradiz diversos preceitos profundamente assimilados: não ficar nu em um ambiente aberto, amplo, público, não ver pessoas despidas etc. O pudor vem de uma programação iniciada na família e reforçada nos diversos segmentos sociais, que vão incutir, no íntimo do indivíduo, padrões de comportamento que definem o que é aceito socialmente como correto. Tudo que resvale para fora desse arcabouço, principalmente o que se oponha a ele, será condenável, colocando os sistemas de defesa do ser em estado de alerta. Vejam o que aconteceu comigo em janeiro/1992, quando fui, pela primeira vez, à Praia do Pinho/SC:

Lá estava eu, vestindo apenas uma sunga, sozinho, diante de dois homens nus postados à entrada da praia do Pinho, pretendendo obter melhores informações sobre o

Naturismo. Um deles, Zig, disse-me que, para falar com eles eu precisaria tirar a sunga. Há certa distância havia pessoas nuas em atividades variadas. Não havia razão nenhuma para que eu não tirasse a sunga, pensei, afinal eu queria mesmo ficar nu e ali era um espaço no qual eu poderia me despir com toda a tranqüilidade, algo que eu desejava há muito tempo. Mas sentia, no meu íntimo, uma resistência que impedia minhas mãos de obedecer ao comando da minha própria vontade. Tentei justificar para mim mesmo pensando que, afinal, eu não tinha mesmo nada que me impedisse de ficar nu, eu não tinha vergonha de ficar nu, mas eu não via motivo para fazer isso naquele momento, pois eu só queria umas informações e assim argumentei. Mas eles se mantiveram irredutíveis: se eu não tirasse a sunga, eles não falariam comigo. Uma sensação de desagrado tomou conta de mim, nessa hora. Após alguma relutância eu tirei a sunga para falar com eles, sentindo um estranho desconforto.

Dentro da cultura naturista encontramos como válida a idéia de que o constrangimento provocado pelo pudor tem a duração aproximada de quinze minutos, após a retirada total das roupas e que, no decorrer de uma ou duas horas, a pessoa já está completamente ambientada. Penso que isso ocorre porque, logo após a retirada completa das roupas, a pessoa constata que nada aconteceu. Não existe um motivo físico, concreto, material, para esse tipo de vergonha. Não há nada mesmo! É o que a pessoa constata. Ficar nua diante dos outros. E é só isso. Plena de seu próprio corpo físico, do jeito que ele é, assumidamente inteiro. As programações internas preveniam que algo terrível aconteceria caso as roupas caíssem, mas nenhum dano é constatado após o desimpedimento: nenhuma ação recriminadora; nenhum olhar insinuante; nenhum sinal de galhofa - ao contrário: parecem todos indiferentes ao fato de a pessoa estar nua. E ela ainda percebe em volta de si um ar de solidariedade, acolhimento e aceitação.

Aqui Biodança e Naturismo se encontram, na valorização do ser humano pelo que ele é. Cláudio Marzo, ator, sobre o constrangimento de atuar no filme *O Homem Nu*, disse: "Ficar nu é como sair na chuva. Os primeiros pingos incomodam, mas depois que você está ensopado nem liga mais." (NATURIS, nº 16, p. 8).

É comum pessoas chegarem ao ambiente naturista pela primeira vez, cheios de cuidados. Procuram dias de pouco movimento; vão com o companheiro, ou companheira, ou para explorar, como eu fiz. Chegam meio envergonhadas, com receio de encontrar alguém conhecido, mas, no decorrer do tempo, já vão relaxando e se entrosando com as outras pessoas. A partir dessa primeira experiência, começam a se tornar freqüentadores habituais e passam a convidar outras pessoas, amigos, familiares etc., sendo comuns casos de filhos que incentivam os pais e vice-versa, como disse-me uma naturista: "...vim a primeira vez pra conhecer, só eu e meu esposo. Aí gostei do ambiente, ambiente bom. Continuei vindo. Aí trouxe a família e os filhos. Agora já trouxe irmã... trazendo a família." (informação verbal).

Outro motivo que tanta vergonha causa nas pessoas é a não aceitação do próprio corpo, motivado por um bombardeio de mensagens, proveniente de variadas fontes, sobretudo dos meios de comunicação que, em defesa de interesses mercantis, interferem na cultura da sociedade, estabelecendo padrões de beleza corporal, aos quais todos devem procurar se adequar, sob pena de, distinguindo-se fisicamente dos padrões estabelecidos, serem alvos de “brincadeiras”, em geral sádicas ou deprimentes. Assim, essas pessoas sentem vergonha de mostrar o corpo e, o que é pior, rejeitam a si próprias, recorrendo aos mais variados artifícios para disfarçar os “defeitos”, como o uso de determinados estilos de roupas, uma variedade de cremes e tratamentos de beleza, horas a fio na academia etc., rendendo grandes lucros aos que exploram esse nicho do mercado, principais responsáveis e interessados em fomentar a distorção. Como diz Rossi: “...A malícia, a imoralidade e a pornografia, incentivadas pela indústria que vê na comercialização do sexo uma enorme fonte de lucros, tem sido nossa maior inimiga na luta pelo nosso espaço.” (ROSSI, 1993, p. 84).

Ouvi da paraense que está estudando em Barbelona que, na Espanha, as pessoas estão menos contaminadas por essa necessidade de padronização do corpo, como ela mesma diz:

(...) Porque, aqui no Brasil, as mulheres dão muito valor pra essa coisa do corpo. De malhação, de botar silicone. Lá as mulheres não têm essa preocupação. Têm minimamente. Essa neurose aqui de malhar... ... As mulheres lá não tem essa preocupação.... ...tem muito de coisa da saúde, de fazer esporte, mas com relação à saúde (...) (informação verbal)

Um dos objetivos de despir-se no espaço naturista é o da aceitação do próprio corpo assim como ele é, sem artifícios de qualquer tipo. É comum encontrar-se nesses espaços pessoas esteticamente fora dos padrões estabelecidos, como por exemplo, mulheres mastectomizadas, homens com pênis grandes ou pequenos, gordas, magras etc. O simples fato dessas pessoas se assumirem diante de outras, tal como são, já lhes proporciona um progressivo bem-estar, que vai se ampliando na medida em que encontram receptividade por parte das outras, percebível pelo tratamento respeitoso manifestado e pela ausência de brincadeiras, piadinhas, risinhos ou manifestações de curiosidade. O ambiente acolhedor oferece condições para que a pessoa sinta-se cada vez mais segura e possa encarar o seu próprio corpo com naturalidade, obtendo ganhos na auto-estima.

A preocupação com a estética corporal é resultado da centralização do controle da informação nas mãos de poucos. Da mídia que dissemina ideal estético contrariando os

gostos individuais e massificando as preferências. Constituído-se um dos comportamentos mais absurdos de quem ainda não se inseriu no movimento naturista.

Algumas pessoas que eu entrevistei disseram-me que relutaram em se iniciar no Naturismo porque temiam pela exposição do corpo por razões estéticas. Uma delas disse que se achava gorda, no entanto, confessou-me que usava biquíni nas praias convencionais. Então eu questioneei se o biquíni era suficiente para encobrir a sua barriga, no que ela concordou que realmente não fazia sentido aquele pensamento. Um rapaz me disse que a vergonha inicial era das pernas finas. Assim, me vi diante de várias situações, dentro e fora do Naturismo, de pessoas que diziam, ou dizem, que não ficam nuas porque se sentem envergonhadas por uma questão estética, mas usam biquíni: que não esconde barriga, que não esconde estrias, celulites, magreza, pernas tortas, pernas finas etc. A sunga e o biquíni, nesse caso, funcionam como um símbolo que substitui a roupa inteira, habilitando a pessoa ao convívio social, pois, na prática, consegue ocultar sofrivelmente os genitais. O desconforto decorrente dessa programação vai desaparecendo um pouco mais lentamente, na medida em que a pessoa vai olhando e se relacionando com pessoas dos mais variados tipos físicos, com os mais diversos "defeitos", diria a convenção, sem se importarem em serem vistas desse modo, ao mesmo tempo em que vai absorvendo os paradigmas que compõem a filosofia naturista, da auto-aceitação, da aceitação do outro, da não preocupação estética condicionada, da valorização do ser humano como tal. Valores também preconizados por Biodança.

O medo de ser flagrado olhando para os órgãos sexuais de outras pessoas é resultado da proibição instalada pela cultura dentro da própria pessoa. É o medo da condenação social, por estar fazendo algo que é proibido e de tal forma enraizado que, mesmo no espaço permitido, deixa a pessoa em desarmonia. Isso faz com que os iniciantes no Naturismo, ao conversarem, fiquem com o pescoço retesado, olhando fixamente nos olhos do outro, com medo de deixar seus olhos baixarem e serem mal interpretados. Uma naturista disse-me que não foi difícil tirar a roupa, mas "ver as pessoas nuas e eu me senti um pouco deslocada e tímida". (informação verbal)

8.4. A localização da intimidade

A Idade Moderna proibiu a exposição do corpo nu, em quaisquer situações, excetuando aquelas imprescindíveis, como o tratamento médico, relações sexuais conjugais etc. A partir do início da Idade Contemporânea é que as roupas foram aos poucos cedendo espaço para as necessidades físicas dos corpos. Mas, ainda hoje, apesar dos avanços nesse

sentido, a sociedade não consegue admitir a nudez em ocasiões nas quais inexiste uma razão prática para o uso de roupas, devido uma cultura arraigada que foi cultivada ao longo de quatrocentos anos e que não pode ser desprezada apenas por uma tomada de consciência. Rolando Toro acrescenta: "El hombre es el unico animal, entre todas las especies, que no puede ver a su semejante en estado natural." (TORO, 1991, p. 553).

Diante do paradoxo de não querer cobrir o corpo com roupas, em determinadas situações, como, por exemplo, o passeio na praia, mas não poder fugir de uma programação cultural que proíbe esse gesto, restou-nos fazer a substituição das roupas por símbolos que a representem. Minúsculos pedaços de tecido passaram a encobrir partes do corpo, nas praias, como se ali estivesse uma roupa inteira, similar a uma fantasia estilizada. As mulheres podem deixar à mostra a parte superior, inferior, ou as laterais, dos seios, só não podendo expor, na realidade os mamilos. As nádegas podem ficar completamente a mostra, desde que haja, no mínimo, um fio qualquer passando nessa região, não importando se mais em cima ou mais embaixo. As partes do corpo que não podem ser exibidas são unicamente os mamilos, a genitália e o ânus, que representam um percentual mínimo da extensão do corpo. Em evento alusivo a dez anos de Tambaba, assisti palestra proferida por Celso Rossi, na qual ele argumentou não existir razão que justifique proibir a nudez dos seios femininos: nem o fato de serem grandes, porque há homens com seios grandes e nem por isso precisam encobri-los; também existem mulheres com seios pequenos, mas que nem por isso ficam isentas do ônus; nem o fato de se constituírem zona erógena, porque existem inúmeras outras zonas erógenas espalhadas pelo corpo, como o pescoço e a boca, que não sofrem restrição; nem porque amamentam, já que no ato da amamentação é quando a mulher fica liberada para sua exposição.

Algumas pessoas ainda pensam que o encobrimento dessas partes do corpo se justifica pela necessidade de preservar a intimidade. Isto é um grande engano, porque a intimidade natural não está nessas partes do corpo. O que essas partes carregam, na realidade, é um pesado estigma de proibido, feio e sujo, impingido por quatro séculos de cultura tendenciosa. A intimidade foi atribuída a essas partes artificialmente. O verdadeiro lugar da intimidade está localizado no rosto, cujo centro de maior grau está nos olhos. Se tivéssemos que admitir uma necessidade real de preservar a intimidade, se realmente houvesse um motivo, uma razão que justificasse privarmos a nossa intimidade da visão dos outros, seríamos forçados a concordar, parcialmente, com as mulçumanas, que ocultam o rosto, mas não se envergonham das pernas e coxas, conforme já mencionado.

São os olhos e o rosto que realmente nos desvelam em nossa mais profunda intimidade. São eles que nos expõem e nos mostram nus, um ao outro. Pelos nossos movimentos de boca, arqueamento de sobrancelhas, franzimento de testa e, principalmente, por um ar que transparece desse conjunto, nos mostramos além daquilo que pretendemos, não conseguindo esconder mesmo de um precário observador nossas verdadeiras intenções ainda que nossa verbalização indique em outra direção. Já os olhos, esses são especiais. Eles deixam transparecer o íntimo de nossa alma. Eles nos possibilitam uma comunicação energética profunda. Os drávidas, mais antigos praticantes de tantra de que se tem notícia, já sabiam isso há cinco mil anos. Seus seguidores, ainda hoje, valorizam o contato do olhar para o aprofundamento da vivência na relação sexual. Os olhos são as janelas da alma. Biodança reconhece o poder do olhar, quando o utiliza como potencializador de vivência. Haveríamos de andar com roupas nos rostos e óculos escuros, se quiséssemos preservar a nossa intimidade da percepção alheia.

8.5. O controle da ereção

Embora existam ligeiras diferenças entre os códigos de comportamento dos espaços naturistas, o controle da ereção é um item por todos reconhecido como ideal, mas que se mantém em evidência em todas as rodas de discussão do Naturismo distribuídas no tempo e no espaço. A discussão esbarra na mesma dúvida de outras regras estabelecidas: por que proibir um estado que, em essência, é natural, mas como liberá-lo, se isso pode inviabilizar o grupo?

A Biologia reconhece a ereção como um ato involuntário, que acontece por reflexo derivado de um estímulo. Enquanto ato involuntário, espontaneamente manifestado, constitui-se postura antívvida reprimi-lo em qualquer espaço que se propõe à construção de relações saudáveis. Mas a questão torna-se mais complexa quando encontra aspectos culturais e psicológicos construídos.

A minha experiência pessoal, apoiada na opinião de inúmeros naturistas, confirma que a ereção não se dá pela simples visão de uma mulher nua. Não vejo a ereção como simples resposta a estímulos visuais ou tácteis. Um homem quando manipula o seu pênis para urinar, não tem uma ereção. Tampouco o paciente tem ereção quando o seu pênis é manipulado pelo médico. Algumas vezes a própria esposa pode tocar o pênis com objetivos não sexuais, sem provocar uma ereção. Portanto, não é o contato que faz o pênis enrijecer. Da mesma forma, a visão de corpos nus não provoca ereção. Nas praias naturistas, homens

convivem longos períodos, com mulheres nuas sem manifestarem ereção. Um homem, ao ver a esposa saindo nua do banho todos os dias, não tem ereção em todas essas ocasiões. Não é a visão do corpo nu, nem o contato que excita. Tem algo mais: uma mágica, um programa mental que é executado. É necessário que haja uma predisposição para o ato. Por trás do ato involuntário, há um ato voluntário, uma intencionalidade, uma programação ou uma atração especial, daquelas que não ocorrem corriqueiramente. Eis a principal razão que leva os dirigentes dos espaços naturistas a não aceitarem a ereção em público.

Muitos homens esquivam-se de comparecer a um ambiente naturista, com receio de não conseguirem controlar a ereção diante da visão de mulheres nuas e darem vexame. De fato, isso não acontece. Ao desnudar-se pela primeira vez em um espaço naturista o homem é tomado por um sentimento de vergonha, de inadequação, que inibe qualquer possibilidade de reação. Na medida em que esse estado de vergonha vai desaparecendo, inversamente, ele também vai, aos poucos, se acostumando com a naturalidade da nudez própria e dos demais, não havendo possibilidade da excitação natural acontecer, casualmente, sem um estímulo apropriado. Vários naturistas que convivem diariamente nesses ambientes me afirmaram que é muito raro ocorrer um caso de ereção. Eu, nas muitas vezes que visitei esses ambientes, nunca vi nenhuma situação de ereção. Luiz Fernando Rojo, em estudo desenvolvido na Colina do Sol, confirma essa inexistência de ereção, mas chama a atenção para uma possível naturalização:

(...) durante um ano de convívio na Colina do Sol, não presenciei uma única ocorrência de ereção entre naturistas, levando-me a supor, inclusive pelo acompanhamento de minha própria integração a esta norma, que o constrangimento social, que age como um inibidor sobre os recém-chegados, vai sendo substituído por uma "naturalização" de mais este controle social (ROJO, 2002, p. 5).

A imaginação, a fantasia e as programações mentais são as principais causadoras de ereções inoportunas. As fontes dessas programações estão nas proibições que sofremos, desde criança, nos ensinamentos culturais, nos programas televisivos de humor, nas piadas de bar, na música, nos filmes e numa gama de mensagens que impregnam o meio social em que vivemos. Vejo o cinema como uma fonte significativa. Aproximadamente até a década de 70, do século XX, não era permitida a exposição do corpo nu nas telas de cinema. Os diretores utilizavam-se de truques para levar ao telespectador a idéia de que a pessoa se desnudara e de que a relação sexual acontecia. Por exemplo, a câmera descia até os pés da personagem e neles caía uma calcinha. Nada prova que a atriz não tivesse uma calcinha sobressalente, mas para o público, ela estava nua... e isso era muito excitante. Acredito que

imagens como essa passaram a fazer parte de nosso imaginário, assumindo a força de um símbolo psicológico, enraizado em nosso inconsciente, capaz de disparar uma série de reações de tensão e ansiedade programadas naquelas cenas. Por isso, hoje, para os homens, sobretudo os de meia idade, é mais excitante - causa mais ansiedade - ver uma mulher se despindo, do que vê-la inteiramente nua.

Vivemos em uma sociedade castradora, que insemina comportamentos doentios em seus componentes, substituindo o natural pelos gestos estereotipados, a ponto de não se saber mais, depois de um determinado tempo o que é natural e o que foi artificialmente construído. Comportamentos sexuais distorcidos ocupam o espaço social, na mídia, nas rodas, nos entretenimentos, como se eles fossem verdadeiramente humanos. A castração da sexualidade, a negação da nudez, a repressão da espontaneidade têm provocado o surgimento de conflitos psicológicos. Permitir a ereção dentro dos espaços naturistas certamente favoreceria a manifestação desses conflitos, ocasionando deturpação daquele que seria o ambiente do congraçamento humano, dando vazão aos mais comezinhos sentimentos germinados fora do ambiente naturista, mas ali agora consumados. O exibicionismo, o narcisismo e outros similares seriam os menos prejudiciais, caso houvesse um nível de compreensão mais elevado por parte dos iniciantes (o que não é fato). Isso afastaria muitas pessoas em processo de adaptação. A agressividade se faria presente, disfarçada de diversos matizes, inclusive de superpotência sexual, mas, na verdade, trazendo para dentro do ambiente a repressão externa daqueles que não conseguem participar. E, não conseguindo, preferem destruir para não terem que se reconhecer imaturos frente ao óbvio.

De fato, não é a ereção ocasional e involuntária que causaria problema se fosse liberada nos espaços naturistas, mas a deturpação dela, gerada por estímulos intencionalmente provocados. Como já se sabe que a excitação natural não acontece com facilidade, presume-se que um homem excitado em um ambiente não propício a isso, esteja, no mínimo, mentalizando fantasias sexuais. Não se trata de expulsar o agente ocasional. Ele será orientado a se aquietar, cobrir-se ou se refrescar. Somente os inconvenientes serão constrangidos a se retirar.

Esses argumentos do Naturismo fazem-me lembrar dos princípios de progressividade e de respeito aos limites do outro, utilizados em Biodança. Esta reconhece os comportamentos estereotipados como neuroses sociais e está pronta para oferecer alívio às tensões, mediante um processo terapêutico que resgate a naturalidade humana.

8.6. Efeitos nocivos da roupa e adereços

As roupas promovem o comprometimento da saúde em decorrência do aperto do corpo por elásticos, cintos, cintas, sapatos etc., mas, também, pelo abafamento, sobretudo dos órgãos genitais, pés e axilas. Conforme já mencionado, as nossas índias eram mais saudáveis quando andavam nuas e banhavam-se várias vezes ao dia, antes de absorverem a cultura européia. A calcinha provoca o comprometimento da anatomia, da fisiologia e da higiene da vulva. A pressão feita pelo tecido sobre os grandes e pequenos lábios da vulva, comprimindo-os durante anos a fio, ocasiona a deformação de sua anatomia original, impede a eliminação natural de secreção pelo processo de evaporação e causa o abafamento dessas mesmas partes, evitando a assepsia pelo ar, favorecendo o acúmulo de resíduos e o conseqüente desenvolvimento de microorganismos, que geram patologias e odor desagradável. Situação idêntica acontece com os pés: as meias e sapatos prejudicam a livre circulação sanguínea, a assepsia aérea e a anatomia. Grande parte das pessoas urbanas apresenta os dedos tortos e comprimidos mesmo quando estão descalças. O uso constante de sapatos altos afeta a coluna e compromete o equilíbrio de toda a estrutura corporal e o sistema motor. Convém lembrar que os homens também usam sapato alto. Embora seus calçados não levem esse nome, todos têm o calcanhar desnivelado em relação ao restante do pé, desviando o corpo do prumo original. Conheço uma mulher que já não consegue mais pisar descalça ou ficar de calçado baixo, nem mesmo dentro de sua casa, por estar habituada a usar sapato alto. Os elásticos de calcinhas, cuecas, sutiãs e outros apetrechos marcam a pele, geralmente todos os dias e no mesmo lugar, dificultando também a livre circulação do sangue nessas regiões. O autoflagelo se complementa pela retirada de cutículas, pelos, bigode, barba, além do uso de produtos químicos tais como: shampoos, batom, maquiagem, perfumes, sabões, abrasivos (esfoliantes), hidratantes, óleos, adstringentes, cremes, condicionadores etc.

A utilização de sapatos, calças, cintos etc. compartimentaliza o corpo que a cultura depois hierarquiza, classificando as partes em mais ou menos nobres, dentro de uma escala social que situa a "linha do equador" na cintura, onde o cinto delimita a separação da parte superior da inferior. Aqui as palavras superior e inferior não estão apenas no sentido físico de alto e baixo, mas, também, colocam as partes mais nobres acima do cinto e as menos nobres abaixo. Uma classificação que reserva o lugar mais elevado ao coração, enquanto que as áreas genital e anal ocupam o mais baixo nível. Não há, na realidade, nenhuma supremacia de um órgão sobre outro, pois, de fato, todas as partes do corpo têm uma função definida no todo que as contém e sem o bom funcionamento de uma das partes, todo o conjunto se ressent.

“As plantas mostram os seus órgãos sexuais no topo; os animais relegam-nos para o lado de baixo do seu corpo e os homens escondem-nos (BOLOGNE, 1990, p.15).

A perfuração do corpo para a colocação de pircings, brincos, tatuagens etc., compromete o fluxo energético defendido pelos orientais, abre a porta do corpo para a entrada de microrganismos, contempla o autoflagelo e permite a cessão do próprio corpo para a sociedade, na medida em que abre mão de sua versão original em prol de um conjunto que agrade o grupo onde pretende ser aceito e reconhecido, preenchendo os espaços vazios deixados pela carência afetiva.

A pele é o maior órgão do corpo humano em extensão. É ela que o recobre por inteiro, como uma capa protetora, exercendo um grande número de funções importantes e vitais para o organismo. Na fisiologia, a pele complementa a respiração, através dos poros, e efetua a termorregulação e o equilíbrio hídrico. No aspecto sensorial, exerce a função do tato, à sensibilidade à pressão, e percebe o toque, a temperatura e a dor. Desempenha um papel fundamental na expressividade das emoções, através de: "rubor (repressão de um sentimento, vergonha), palidez (medo, "branco de raiva"), roxeamento ("roxo de raiva"), Turgescência (erotismo), Comichão (repressão ao contato) Arrupiar (medo), Umidecimento, suor frio (medo), Frio, calor, Ressecamento, descamação, seborréia." (TORO, 1991, p. 562). A pele tem, ainda, uma função erótica e psíquica: "O continente natural de nossa identidade é a pele, nossa percepção do limite" (TORO, 1991, p. 564).

A pele tem a função ambígua de separar e de unir. Ela separa quando estabelece o nosso limite em relação ao exterior e une quando nos conecta com esse mesmo exterior e, ainda, pelo toque e carícia, nos integra a outra pessoa, constituindo a identidade do par. Cobrir a pele, muitas vezes em quase toda a sua extensão, invalida boa parte dessas funções, sufocado-a com pesadas roupas, quando, por exemplo, se usa um smoking.

A roupa cumpre, ainda, uma função muito mais sutil de castração, representada pela função de negação do próprio corpo, rejeitando-o como ele é, em toda a sua riqueza e, ao mesmo tempo, simplicidade de formas e tecidos, substituindo-o por um conjunto de materiais elaborados e mais diversificados, que o encobrem e escondem-no da visão dos outros, como se ele não fosse perfeito e belo em si mesmo, negando a criação divina. Não estou falando aqui de esconder um defeito físico, ou de uma feiúra particular, o que, também, é um grande absurdo, pois nega uma realidade e desvaloriza o ser humano; eu me refiro às formas corporais mesmo como elas são, dentro do padrão social de beleza reconhecido, mas assim mesmo rejeitadas. O que há por trás disso é uma profunda negação da natureza humana, de

seu vínculo com a natureza maior, de sua animalidade: o homem não pode ser confundido com um reles animal comum, pois Deus foi criado à imagem e semelhança dele, homem.

Mas allá de la función protectora de las inclemencias del clima, el vestido cumple una función represora que, asaz posee cualidades estéticas. El ocultamiento de partes del cuerpo tiene como función más profunda, conservar la estructura represiva, con todos sus tabués y prohibiciones (TORO, 1991, p. 553).

Desse modo a roupa confirma e reforça a substituição da identidade por uma personalidade, desvalorizando o indivíduo em suas potencialidades e transformando-o em mero agente do sistema socioeconômico: passivo, obediente e cumpridor de seus deveres, concedendo às vestes uma função política de dominação. Assim o homem esquece quem ele é, e segue o plano que para ele foi traçado.

8.7. Efeito terapêutico da nudez

A revista *Naturis* traz o resultado de três estudos extraídos da revista *Nude & Natural*.

Em estudo feito, em 1988, Robin Lewis e Louis Janda reuniram 210 estudantes universitários, para estabelecer a relação entre a vida sexual deles, na fase adulta, e o comportamento deles na fase infantil em relação à nudez, dormir com os pais e o posicionamento dos pais em relação à nudez. "O estudo encontrou uma relação diretamente proporcional entre a exposição à nudez durante a infância e a tranqüilidade sexual na idade adulta". (NATURIS, nº 21, p. 11). Esse estudo também concluiu por um melhor ajustamento, aumento na frequência nas relações sexuais e tendência a relações sexuais informais.

O estudo de Ron e Juliette Goldman, em 1981, com 838 crianças de até quinze anos, as quais foram indagadas a respeito do uso ou não de roupas, entre várias observações, nos trazem que "Ficou evidente, através das respostas de muitas crianças, que foi transmitido raciocínio de nível inferior através de ensinamentos de pudor pelos pais." (Idem, p. 13).

Marilyn Story realizou, em 1979, um estudo com 264 crianças pré-escolares de três a cinco anos, sobre fatores associados com percepções do próprio corpo. As crianças foram separadas em grupos de nudista social, nudista apenas em casa e não nudista, todos em igual número. E lhes foi perguntado de quais partes do corpo gostavam mais e de quais gostavam menos. Verificou-se que: das crianças que não tinham experiências com nudez, as meninas citavam os genitais como as partes de que gostavam menos, apreciando mais os cabelos, os olhos, o nariz e a boca, enquanto os meninos gostavam mais dos braços e dos órgãos genitais.

Já entre as crianças que tiveram experiências com nudez na família e fora dela, meninos e meninas, na maioria, disseram que gostavam mais dos genitais e "quase sempre responderam que não havia parte do corpo do qual não gostavam." (Idem, p. 15). Story também concluiu que "O nudismo familiar teve uma correlação mais alta para elevar a concepção do próprio corpo, do que teve o gênero, a raça e a localização geográfica. As crianças naturistas tiveram sempre maior número de pontos do que as crianças não naturistas em concepção do próprio corpo, aceitação do corpo e auto-imagem". (Idem).

Nas entrevistas que fiz com os naturistas e nas conversas paralelas que mantive, observei que parte deles não está atenta ou ainda não tinha refletido sobre certas questões ligadas aos efeitos terapêuticos da nudez. Algumas pessoas se mostraram surpresas com minhas perguntas e manifestaram a intenção de ficarem mais atentas a partir de então. Isso é perfeitamente normal, já que esses espaços não são voltados para a prática de terapias; eles têm na sua identidade a prática do lazer e do convívio harmonioso em grupo. Já as pessoas mais antigas no movimento, declaram que o Naturismo oferece benefícios terapêuticos através do contato pleno com o sol, a água, o ar e o convívio em grupo, a partir de suas próprias experiências pessoais e, também, por leituras.

Sabemos que o sol e o ar têm propriedades antissépticas e nutritivas ao organismo humano. Em uma apostila do Colégio Ideal, de Belém/Pará, para a 3ª série do 2º grau, encontrei que a exposição do corpo ao sol em horários adequados efetua a transformação das provitaminas D dispostas sobre a pele, em vitamina D. A falta de sol pode provocar o raquitismo, a osteomalácia (desmineralização óssea) e a Tetania (contração irregular dos músculos). É senso comum que o sol traz inúmeros benefícios para o corpo, além do seu potencial energético. Nas penitenciárias, os presos são liberados para tomarem sol no pátio, sem o que adoecem gravemente. Ao contrário do que muitos pensam, não é apenas através das narinas que o corpo respira. Essa respiração é complementada por uma importante absorção de oxigênio através da pele. O ar e o sol, juntos ou isoladamente, impedem a proliferação de colônias de microorganismos, mantendo-os sob controle natural e ainda fazem a limpeza dos resíduos expelidos pelos poros através da transpiração. A privação desses agentes da natureza, como qualquer outra alteração no sistema, conduz ao desequilíbrio, resultando no desenvolvimento de doenças. Melhor é permitir que o sol, o ar e a água possam agir em toda a extensão da pele, sem reservas.

Dos conhecimentos orientais, recebemos informações de que o corpo recebe energia telúrica e que, também, funciona como um canal de comunicação entre céu e terra, o que pode ser inibido pelas solas dos calçados. A presença do nu na praia, livre de todas as

amarras artificiais, desimpedido de elásticos, cintos e calçados, é uma abertura para ser esse fio condutor entre céu e terra, fortalecendo-se energeticamente.

Ficar nu na companhia de outras pessoas, amigas ou desconhecidas, representa um passo significativo de libertação, de rompimento com os velhos padrões, com as amarras. Podermos nos permitir o prazer do contato com a natureza, inclusive interior, e ter a grata surpresa de constatar que não aconteceu nenhum desastre, que o mundo não desabou. Sentirmos a inteireza de nosso ser, vinculado ao outro, trocando “caricias com los rayos de sol, caricias com la brisa, com la tierra, con el mar” (TORO, 1991, p. 36), como parte de um todo maior, “na pureza das nossas almas e dos nossos corpos” (ROSSI, 1993, p. 20), porque “El desnudo representa la identidad corporal en su total pureza y, por lo tanto, en su veracidad y libertad original” (TORO, 1991, p. 553).

No final da segunda viagem que fiz com o propósito de levantar dados para esta obra, após ter feito várias entrevistas, eu me dei conta, ao final do dia, em Tambaba, do que estava se passando comigo. Eu estava abordando pessoas adultas, algumas, com bem mais idade que eu, fazendo-lhes perguntas sobre os seus corpos, os seus comportamentos sexuais, a sua intimidade, enquanto eles estavam nus e eu, também, assim nu. Eu me esquecera completamente da timidez que me acompanhara por tantos anos, cerceando meus movimentos mais expressivos. Agindo agora de maneira inimaginável em tempo não muito remoto, inalcançável mesmo pelo mundo da fantasia. *Insight* que me trouxe sensações agradáveis de gratidão e autoconfiança.

O que é a nudez, afinal? Onde ela está? Em que momento ela surgiu? Estas perguntas me levam à conclusão lógica de que a nudez não existe; ela é fruto da nossa criação simbólica. O que existe de fato é a roupa, a vestimenta que nos encobre o corpo e nos esconde da visão alheia. Não existe o verbo "infumar", assim como não existe o verbo "nudar", simplesmente porque não existem essas ações. Existem os verbos fumar e vestir. Não se diz que os animais andam nus. Os animais andam com os seus corpos como eles são, cobertos de pele e pêlos. Tirando-se a roupa do ser humano o que se vê é o corpo; o que se vê é pele e pêlos. Tudo o que se vê é pele e pêlos, insisto. Todo o nosso corpo é coberto por pele e pêlos. Os seios são recobertos por pele. A vulva e o pênis são cobertos por pele e pêlos. Quando olhamos para uma pessoa inteiramente nua, nós só vemos pele e pêlos, que são feitos das mesmas células e tecidos da pele e pêlos da cabeça e do braço. Porque discriminar algumas células e outras não?

Os índios que habitavam o Brasil, antes da chegada dos invasores portugueses, não sabiam o que era nudez. Se alguém nu lhes dissesse que eles estavam nus, eles não

entenderiam. Eles não tinham uma referência do que era o nu, porque desconheciam a roupa. Recentemente, uma índia de uma tribo arredia declarou, em entrevista mostrada no programa de televisão *Globo Repórter* de 18 de janeiro de 2002, que eles ficaram assustados, pois nunca tinham visto gente de roupa.

No decorrer do tempo, acontece um fenômeno que eu particularmente acho muito interessante, que pode acontecer ainda no dia da primeira visita à praia de naturismo ou nas visitas posteriores. O novo naturista vai aos poucos se envolvendo em atividades várias: uma conversa polêmica; leitura de um livro; jogo de vôlei, quer seja jogando ou apenas assistindo; um devaneio, pegando sol etc. Chega um momento em que ele esquece que está nu. Pode ser em qualquer uma dessas atividades. Ele se concentra de tal maneira na atividade em si, que perde a noção da própria nudez. Esse é o momento que eu considero mais significativo para quem está no início de suas experiências. É o momento em que a nudez desaparece dando lugar ao corpo simplesmente; ao seu natural. Um momento de mudança, de superação das barreiras e reconexão com o primordial esquecido. Até então ele vinha vencendo barreiras conscientemente, impondo-se uma mudança de comportamento de fora para dentro, algumas vezes envolvido em angústia e constrangimento, mas lutando para desarmar as barreiras erguidas artificialmente dentro de si mesmo, em favor do desabrochar da sua natureza, que agora se apresenta livremente, sem luta e vinda de dentro, dando lugar a primeira transtase⁴. Existe um outro momento ainda mais natural do que esse. É quando não faz mais diferença estar com ou sem roupa, do ponto de vista da moral, como na experiência (já citada) que eu tive na Chapada Diamantina. É quando a decisão de se vestir parte de uma coerência.

Na medida em que a nudez social vai se libertando dos símbolos, ela favorece a auto-aceitação física e psicológica, trazendo a sensação de percepção do corpo como único, todo, inteiro, não mais dividido, não mais hierarquizado, resgatando, também, a auto-estima. Essa vivência de corpo inteiro tem, como toda vivência, uma significação particular, não me sendo permitido descrevê-la, dada à limitação da palavra. Ela será percebida por cada um em seu próprio tempo, na medida das suas experiências-vivências, de acordo com o desenvolvimento do seu processo pessoal. Ela poderá ocorrer fora do ambiente naturista, em qualquer lugar e em qualquer momento, sem aviso prévio. Não será mais preciso ter um corpo que atenda a padrões sociais para se sentir bem consigo mesmo. Por outro lado, a visão dos corpos nus e a própria nudez, reduz a ansiedade implantada ao longo dos anos pela proibição que deu origem às necessidades *voyeur*, exibicionistas e outras manias, acompanhadas de

⁴ Transtase é um salto qualitativo.

medo. É claro que não é a nudez, apenas, que vai conseguir superar os obstáculos inseridos em nossos sistemas vitais. A transformação será tão mais profunda com o apoio de práticas terapêuticas como Biodança, massagens, meditação, assim como uma série de outras terapias, de acordo com a afinidade de cada um. O fortalecimento gradativo da identidade será uma conseqüência do processo de libertação do indivíduo, no reencontro com sua naturalidade.

Em todas as áreas naturistas que visitei, paira um ar de harmonia, de respeito e solidariedade, incomum nas reuniões grupais convencionais. Eles se mostram receptivos e atenciosos uns com os outros, inclusive com os visitantes, ainda que existam divergências e problemas como em qualquer outro lugar, mas essas diferenças de interesses e opiniões são tratadas com mais respeito à pessoa humana, do que normalmente acontece em espaços não naturistas. Da mesma forma, percebi, também, em todos os ambientes, um cuidado, uma conscientização em relação à ecologia, ao social e um afastamento em relação a comportamentos nocivos como consumismo, materialismo, imediatismo, discriminação socioeconômica etc. Vê-se germinar nesses espaços uma nova maneira de se relacionar, mais igualitária, baseada em valores humanos mais dignificantes. Esses comportamentos por mim observados foram confirmados por vários deles, algumas vezes com certo orgulho. As pessoas novas que chegam são muito bem recebidas e logo ambientadas pelos que já estão lá há mais tempo, desde que esses novos estejam receptivos à aproximação e não preferirem ficar mais reservados. Ao dar início a este estudo, encontrei incentivo nas palavras de Rolando Toro:

(...) Se pudo comprobar que el relacionamiento interhumano entre personas desnudas disminuye la fuerza del ego, aumenta la sinceridad, la tolerancia, la comprensión y, en suma, eleva los niveles de la comunicación. Sólo en determinados contextos el desnudo adquiere una connotación sexual. En otras situaciones de grupo, desenvuelve cualidades sensibles y delicadas de la afectividad (TORO, 1991, p. 553).

(...) Actualmente, en muchas playas públicas y campos naturistas, el desnudo representa una conducta normal y sana (...) (TORO, 1991, p. 552).

A mudança de comportamento nas praias naturistas terá repercussões para além desses espaços. Mudanças de postura diante da vida, resultado da ampliação da consciência em relação aos diversos sistemas que nos envolvem, trarão questionamentos sobre nossa conduta pessoal no mundo onde estamos inseridos: no trabalho, na rua, no barzinho. A relação sexual antes segmentada e limitada expandir-se-á, na medida em que o ser, pleno de seu corpo liberto de diversas culpas, permitir-se-á fundir-se ao outro, ambos integrando-se à totalidade cósmica, liberando energia amorosa.

8.8. O prazer de estar nu

Perguntei aos naturistas se sentiam prazer em ficar nus, procurando não dar nenhuma conotação a minha pergunta, até para ver como eles interpretavam a palavra prazer. A maioria falou prontamente do bem-estar que sentem quando estão despidos, destacando a sensação de liberdade que a nudez proporciona.

Simplesmente ficarmos despidos nos limites de nossos aposentos já nos proporciona sensações agradáveis, que se ampliam quando saímos para o espaço aberto, que se tornam transcendentais quando o espaço é de natureza e tiram-nos a culpa, quando há presença de outras pessoas igualmente nus. A sensação de inteireza de um corpo não mais dividido em cabeça, tronco e membros, que se move pleno em sua totalidade na relação com o meio, vivo, disponível para o acariciamento do vento, do sol e da água, já que não terá mais nada a esconder, pois nenhuma de suas partes está discriminada ou condenada, mas, reconhecida pelos outros, tornará a pessoa aceita por si mesma. Agora é o corpo todo quem caminha em conjunto, permitindo que as energias circulem livremente com alegria. Prazer que será mais intenso na água envolvente. Lá, o corpo se recordará do tempo em que estava nu dentro do útero materno, conectando-se com sensações primordiais de integração ao meio, de total abandono ao espaço protegido, quente e gostoso, sentindo a pele tocada por completa, gerando sensações de prazer, liberdade, autoconfiança, auto-estima, plenitude etc. Vale destacar, para que não se iludam os que ainda não passaram pela experiência, que faz muita diferença, neste caso, uma sunga, por mínima que seja, muito mais pela carga simbólica que conserva, que pelo material concreto.

Na sociedade convencional somente as crianças muito pequenas têm permissão para ficarem nus livremente, em qualquer lugar, porque são elas consideradas inocentes, "sem nenhuma maldade". Acredito que, além das programações que relacionam nudez com sexo e pornografia, também guardamos uma programação que relaciona nudez com a pureza de quando éramos crianças. Então, ao ficarmos nus em um ambiente, os estímulos exteriores irão determinar qual programação será despertada. Ao praticarmos a nudez social, em um ambiente permissivo e nutritivo, nos vinculamos ao símbolo da nudez infantil, resgatando sensações de pureza, liberdade e alegria que um dia nos pertenceram. "Eu tava dizendo pra ele: tô me sentindo uma criança brincando com a água", relatou-me uma psicóloga, em Tambaba, no primeiro dia em que ela estava lá e tirara a roupa dentro da água. Explique-se: ela chegou, acompanhada do marido, em horário pouco movimentado, e entrou na praia

vestida, dirigindo-se, em seguida, para a água, onde, finalmente criou coragem para despir-se. E, então, encantada pela vivência, não mais se vestiu.

Os naturistas, mesmo os que estão há apenas um dia, portanto isentos da absorção da cultura naturista, são unânimes em grifar a sensação de liberdade advinda do despir-se nesses ambientes. A compreensão dessa afirmação somente será autorizada pela vivência, como está explícito na carta da página seguinte.

MI CERCANO NUEVO MUNDO

Desfrutando com todo o meu eu, do concerto harmônico do mundo, ia ontem desnuda pelo campo com meus companheiros de clube e, com uma leveza imensa de viver, disse:

- Se vissem como estou impregnada de doçura!...

Essa é a sensação predominante que me produz o nudismo: uma doçura tolerante e compreensiva para interpretar e desculpar todas as debilidades humanas, por ter a tranqüilidade absoluta de sentir-me desculpada definitivamente.

Todas nossas faltas provêm disso que se usa chamar tentações.

Todas nossas tentações derivam do encanto intenso que produz a emoção do perigoso, do oculto, do proibido.

Quando o perigoso, o oculto, o proibido se convertem em proteção, em realidade, em naturalidade, como por arte mágica desaparece a tentação.

Toda a superstição do pecado, com que nos tem sido vestida a alma, desde tempo imemorial, desaparece, quando os seres se olham como tais, e não como mundos revestidos de diferentes aparências.

O carnaval da vida nos tem imposto um disfarce: a roupa. Despojando-nos dela, perdemos todos os atributos fictícios que o disfarce nos impusera.

E daí, dessa liberação espiritual, é de onde provém minha doçura, minha deliciosa e comovedora doçura, quando atravesso o campo comigo e nada mais, somente eu, debaixo de mim mesma, serena e consciente, para palpitar como um pequeno coração, dentro desse grande organismo maravilhosamente harmônico que se chama vida.

Que conquista sentir que soa a oco a palavra vergonha!...

Que delícia ver que seu significado se dilui em possibilidades remotas de ações vis que parecem de outro mundo... de alguma estória de pesadelo angustiosamente vivida alguma vez!...

Que assombro abrir os olhos do espírito ao não escutar o eco habitual dentro de mim, pronunciando a palavra pudor!

Que admiração ao comprovar que bastou com que todos nos despojássemos das roupas, para que essa carga que nos mostrava, ao que parece sem vacilações, o bom e o mau, no permitido e no inconveniente, tenha-se evaporado no ar luminoso da manhã, sem deixar traços de sua presença!

Que alegria intensa, refrescante, adulta, de sentir-se em si mesma e sacudir esse jugo tácito do que nos foi legado, imposto, e que nos mantinha como frascos de essência, fechados, herméticos egoístas, sem perfumar os dias!

Que segurança enorme de ter a verdade, de ver a verdade, de não lhe ter medo e comprovar que ela é nossa amiga, não nossa carga... Que a má, a enganosa, a provedora de pesares e desenganos, era a ilusão... A que excitava o instinto com imaginações truculentas, que agora estão trocadas pelo

encanto de uma plenitude rara, transportadora, auxiliar nossa, que nos leva amigavelmente pela mão, sem rosto austero nem dedo erguido de mestre intransigente.

Todas estas impressões da minha primeira visita ao clube se intensificaram na segunda.

Eu sei que elas iniciam uma nova era em minha vida.

Assim pensei quando me convidaram.

Temia um pouco ir.

Eu sabia perfeitamente que mudança enorme produziria em mim. Sabia com exatidão as possibilidades que se fechavam com isso, mas ignorava em absoluto quais se abririam ante mim. Por isso, como em frente a qualquer mudança, temia. Por pior que seja uma posição ante a vida, temos por ela um extraordinário apego, por cômoda que é nos hábitos que nos impusera. Novas sensações, e de índole tão decisiva, implicavam, é claro, novíssimas reações: daí meu temor...

Mas dei o salto.

Tão preparada estava para ele que, diretamente, saí do vestiário sem roupas e entrei em minha nova vida, com tal naturalidade que muitos duvidavam que fosse a primeira vez que praticava o nudismo.

Claro está, que cada indivíduo é diferente e, portanto, meu exemplo, como o de cada um, não deixa de ser um caso isolado. Digo isto para que não me taxem, após lê-lo, de exagerada.

Eu sinto isto. O resto são pequenos ângulos que se abrem, cada um até um diferente horizonte e cada qual terá sua palavra, sua expressão, seu aspecto diferente.

É por isso que me parece inútil convencer.

É por isso que somente parece eficaz convidar.

Aquele que, como meus companheiros de clube e eu, anseia o salto, o dará sozinho, pois quando a verdade está construída dentro, ela, por si mesma, é o bastante forte para se abrir passo (ROSSI, 1993, p. 201).⁵

⁵ Esta carta foi divulgada em uma publicação da PANDA - Primera Asociación Naturo Desnudista Argentina, por volta de 1935, cuja autora identificou-se apenas como M.S.V.

9. CONCLUSÃO

Em decorrência do desenvolvimento da parte cognitiva do cérebro, o homem foi ampliando a sua capacidade de compreender e dominar as forças da natureza, conseguindo assim melhorar a sua qualidade de vida. Entretanto, em conseqüência das novas conquistas e do desenvolvimento da tecnologia, germinaram nele a vaidade e a arrogância, frutos da exacerbação do ego. Envolvido sem perceber por esses algozes, não notou a invasão de seu ser pela necessidade crescente de poder, fazendo com que, a fim de preencher a incômoda ansiedade, precisasse criar formas de estabelecer controle sobre os movimentos naturais, imaginando que assim estaria firmando-se como todo poderoso, senhor de seu próprio destino. Para suplantar a espontaneidade da natureza que, ao se manifestar, causava-lhe frustração, o homem procurou criar um mundo próprio, fictício e ordenado, com o intuito de tranquilizar a angústia rebelde. É assim que ele procura arrumar o mundo, colocando-o em ordem; criando normas de conduta e mecanismos de controle, que lhe proporcionem a ilusão de estar no comando. “Pela natureza do seu espírito, o homem não pode lidar com o caos. Seu medo maior é o de defrontar-se com aquilo que não pode controlar (...)” (RODRIGUES, 1983, p. 14), pois o caos o faz sentir-se frágil e inseguro.

Até bem pouco tempo, eu tinha a crença um tanto obscura, pois nunca tinha refletido a respeito, de que, nas sociedades antigas, a nudez era absolutamente proibida e, à medida que os povos foram evoluindo, aos poucos foram reduzindo as suas vestimentas, até chegar às roupas minúsculas dos dias de hoje, já se encaminhando para um movimento a favor da nudez. Eu sabia que, no início, os seres humanos andavam nus, mas isso, quando eram selvagens e assim que eles se constituíram em sociedade, passaram a andar totalmente vestidos, sem que eu nunca tivesse pensado a respeito de como essa mudança acontecera, havendo uma lacuna nessa parte da história, em minha crença. Mas, então, de acordo com minha crença, desde o início da sociedade os seres humanos andavam totalmente vestidos. E assim como a cultura, a tecnologia, a ciência etc. evoluíam, a roupa também evoluía. Portanto, nós usávamos menos roupas por sermos mais conscientes e mais evoluídos do que os antigos. Eu ficava me perguntando como alguém teria tido coragem de dar início a um movimento naturista. Assim, fechado em meu mundinho, eu pensava que os naturistas brasileiros iniciaram o movimento, porque já tinham como referência o movimento europeu. Mas como alguém teria feito a primeira proposta? Que coragem desvairada teria motivado

essa pessoa? Através deste estudo, verifiquei que não foi assim que as coisas aconteceram. A nudez somente passou a ser proibida recentemente. Esse movimento de vestir-se foi crescendo gradativamente ao longo da Idade Antiga e da Idade Média, em função do desenvolvimento da tecnologia na fabricação das roupas, eu diria até, em função do encantamento do homem pela possibilidade de criação que as roupas proporcionam. Foi somente no final da Idade Média, mais precisamente no final do século XIV, que se iniciou um movimento contra a nudez humana. Esse movimento foi crescendo, gradativamente, sempre encontrando resistências pelo caminho, atingindo o seu ponto máximo no século XIX, quando a arquitetura das casas se adequou ao modelo, construindo banheiros absolutamente fechados e os costumes atingiram o seu ponto máximo de moralismo: "a camisola de dormir deixa aos poucos de ser tolerada fora do quarto" (PERROT, 1991, p. 446). Compreendo o período entre a segunda metade do século XVIII e o final do século XIX, como aquele de mais intensa ocultação do corpo, quando ocorreu um acirramento dessa cultura, atingindo o seu ponto máximo. Perrot menciona que, "Jamais o corpo feminino foi tão escondido como entre 1830 e 1914" (ibidem, p. 447). No final do século XIX e começo do século XX, as roupas de banho começaram a ser reduzidas e, também, se iniciaram os movimentos naturistas que lutam por espaços onde possam expor seus corpos ao sol e a expressar a sua nudez livremente. Já no início do século XX, surgiu o movimento naturista. Na realidade, a proibição da nudez nunca se instalou completamente, não havendo uma linha divisória entre o império do pudor e o início do movimento naturista: eles se mesclam. Enquanto uma corrente avança massificando o pudor, outra, paralelamente, luta contra isso, reconhecendo a naturalidade da nudez. Aquele grupo conseguiu se impor em algumas culturas, mas, mesmo nessas, sempre houve resistências, e em outras não chegaram a lograr seus objetivos. Isso responde àquela minha pergunta: como alguém teria dado início à defesa da nudez? Não houve início. Houve uma continuidade, um prosseguimento de resistência da própria natureza, que sempre reage ante o desequilíbrio provocado pelas neuroses humanas, trazendo de volta o homem à realidade. Por mais orgulhoso que seja o ser humano, por mais determinado em rejeitar a sua animalidade - que o narcisismo não quer admitir - ele não consegue se livrar das próprias fezes, dos microrganismos que pululam em seu corpo, dos instintos, dos ímpetos sexuais e emocionais que fazem com que o presidente da maior superpotência mundial seja deposto pelos encantos de uma simples secretária. Não consegue se livrar da franqueza da morte.

Quem se situa no interior de uma cultura e não recebe informações alheias a ela, é levado a vê-la como a única realidade inquestionável. Uma pessoa nascida e educada no

início do século XIX, período de maior proibição do corpo nu, entendia o corpo como algo que devia ser encoberto, porque assim deveria ser; não concebendo qualquer possibilidade de dúvida a esse respeito. Nós, hoje, descendentes imediatos daquela época, guardamos fortes influências desse pensar, enxergando o hábito de cobrir o corpo como se fosse um gesto oriundo da própria natureza humana e transcendente ao período histórico em que vivemos. A impressão que se tem, hoje, é que as roupas sempre foram usadas em prol da moral e dos bons costumes, e que somente nos últimos anos começou a sofrer uma decadência, em função da permissão concedida pela praticidade da sociedade contemporânea, o que não é verdade. A verificação histórica da evolução das roupas nos mostra que a proibição da nudez é um fenômeno recente, que imperou durante um período muito curto da história humana, cujos reflexos ainda hoje nos atingem, pois não nos libertamos totalmente dos mandatos que nos foram legados, nos encontrando em pleno processo de libertação e de retorno.

O Estado, as elites, a Igreja, "todo mundo quer ser rei, nas costas de um homem bom" (Azul, 1996), como diz Paulinho Pedra Azul, na música *Voarás*, destacando-se da massa a quem eles subjagam, através de inúmeros artifícios, como as regras de etiqueta, que, por um lado, criam em torno dos detentores do poder um fosso de distanciamento em relação aos demais e vão, também, gradativamente, se disseminando e se espalhando em todas as camadas sociais, contaminando todos os espaços, complementando os demais sistemas de controle e segregação. O processo de inculcação das normas de conduta, através dos livros de etiqueta social, se iniciou com noções básicas de comportamento, utilizando uma linguagem, atualmente considerada desagradável, mas foi se aprimorando, até chegar ao nível sutil de comunicação que hoje conhecemos, dispensando os termos grosseiros de quando essas regras começaram a ser impostas. Nos dias atuais percebemos, em alguns segmentos, um movimento ainda mais sutil de comunicação, que delega aos movimentos corporais, aos olhares, às atitudes e, sobretudo, à linguagem subjetiva, a forma de comunicação que provavelmente será utilizada no futuro, com a determinação de regras ainda mais discretas de comportamento. Observa-se que, apesar do refinamento da linguagem e dos comportamentos, verificados no decurso dos anos, faz-se presente, sempre, ao longo da história da sociedade, o controle social de uns sobre os outros, de acordo com a cultura temporal e espacial. Em épocas mais antigas, pelo uso da força física e, depois, pelo emprego de regras de comportamento, cada vez mais disfarçadas. A linguagem sutil, ora em desenvolvimento, fala de libertação, mas não abre mão de seus privilégios.

A instituição da cultura inicia-se pelo controle do próprio homem: de seu corpo, de seus comportamentos, de suas atitudes, dos resíduos resultantes das secreções do corpo, das

inter-relações humanas, da ingestão de alimentos etc. Cada passo torna-se medido; as regras de etiqueta acompanham todo gesto; habitações são construídas para protegê-lo das intempéries; roupas são confeccionadas para proteger seu corpo. É assim que ele passa a transformar o meio-ambiente natural, construindo em torno de si um ambiente artificial composto de casas, móveis, roupas, trabalho, regras de comportamento, enfim, todo um conjunto cultural objetivando o bem-estar imediato, mas vai aos poucos sendo ingenuamente enredado por sua própria criação.

Então, se temos que, ao longo da História, o volume exagerado de roupas para cobrir todo o corpo, era exclusividade das classes abastadas, não atingindo as classes menos favorecidas; se as pessoas do povo andavam seminuas ou nuas; se os ricos ficavam nus diante de seus criados e se, nas casas de banhos e nos banhos de rio, a nudez era permitida, somos levados a pensar que, durante um longo período da história, as roupas não eram utilizadas por vergonha da exposição do corpo. Elas eram utilizadas, além da necessidade de uma adaptação ao clima, muito mais em função da vaidade e do *status*, haja vista o exagero na quantidade de tecidos utilizados, o rico detalhamento dos modelos e o excesso de ornamentação das peças. Na era erasmiana, existia uma série de recomendações quanto ao dormir e ao acordar despido na presença de outras pessoas, não deixando nenhuma dúvida de que a nudez acontecia normalmente nos quartos de dormir, onde se reuniam pessoas variadas, inclusive viajantes.

A proibição da nudez se dá pelo interesse da Igreja em controlar e dominar o povo, ampliando o seu poder político, para auferir patrimônio material e se afirmar como instituição mais poderosa que o Estado, com quem faz trocas de favores, sem jamais abrir mão de sua autonomia e independência. Além disso, existem outros motivos, como a necessidade das classes em se distinguirem (*status*); o interesse das indústrias em vender roupas; a negação da natureza que iguala, valorizando o artificial que massifica, inflamando o ego e enaltecendo o ser humano como ser onipotente; o medo de proliferação de doenças; a necessidade da classe dominante em instituir o controle social e a passividade induzida dos dominados. Embora as religiões tenham ambições próprias de se estabelecerem como poder maior na sociedade, seus interesses e propostas sempre caminharam de mãos dadas com os interesses do estado e das elites.

O que faz as grandes revoluções fracassarem é que elas operam nos aspectos externos às pessoas, quando as maiores causas dos conflitos e das violências humanas são resultantes dos seus conflitos e neuroses internos. Somente um sistema que se volte para o interior das pessoas poderá lograr uma transformação de fato, com reflexos no meio social.

Biodança promove essa modificação interior, porque não é revolucionária, mas é evolucionária. Ela traz de volta o ser para o seu eixo original, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades, conservando o equilíbrio interno, favorecendo a expressão mais verdadeira e a aceitação legítima de si e das outras pessoas, nesse terreno encontrando a nudez e as propostas do Naturismo.

Vencidas as dificuldades iniciais, a queda das roupas em espaços públicos e abertos torna inócua uma série de preconceitos e de crenças cristalizadas a respeito do corpo, minando a força dos paradigmas, antes tão determinantes.

A cultura tornou-se parte intrínseca da raça humana, imprescindível para a evolução e convivência da espécie, não sendo mais possível dela prescindirmos. A questão não é nos posicionarmos contra ela, mas criar uma cultura que oriente favoravelmente o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas. A roupa constitui uma criação de utilidade incontestável, quando usada em favor do bem-estar, da proteção do frio e do calor e em rituais cerimoniais ou festivos, mas que vem sendo usada incorretamente como instrumento de castração, dominação e negação, causando inúmeros prejuízos para os seus usuários, inclusive de saúde, em nível físico, emocional e psicológico. É preciso que a roupa volte a ocupar o seu verdadeiro papel útil na sociedade. Não se justifica a utilização de roupas, quando traz malefícios para o usuário, nem para o encobrimento da intimidade, não só porque a pretensa intimidade está artificialmente situada, onde a natureza desconhece, mas porque não há razão mesmo para esse encobrimento. Muito se confunde intimidade com medo de se expor, timidez e vergonha, que rebaixam o ser de sua magnitude. A privacidade é gratificante em determinados momentos, quando resultado de uma escolha, não de um comando predeterminado. Nos momentos de expansão, melhor é nos desnudarmos por inteiros, na plenitude de nossa identidade.

O corpo humano é um veículo que possibilita ao espírito viver neste plano físico. O objetivo do corpo é promover a interação do ser divino, que somos, com as outras divindades incorporadas e o mundo material, dispondo, para tanto, de canais de comunicação, como pele, olhos, boca, nariz e ouvido. Para proteger-se, o corpo já nasce vestido. Recoberto com um tecido elástico (a pele), que renova suas células diariamente; feito sob medida e que aumenta de tamanho, na proporção que o corpo assim requer. Esse tecido possui um auto-serviço de manutenção que "faz com que a cada vinte e sete dias, aproximadamente, se tenha um novo traje" (NATURIS, 15, p. 8). Qualquer que seja a nossa missão neste plano terrestre, está claro que é necessário nos relacionarmos, explorando ao máximo as potencialidades que o corpo nos oferece. Não se justifica, de maneira nenhuma, impor-lhe limites artificiais e

desnecessários que impeçam a divindade de se expressar com a plenitude do seu ser e usufruir ao máximo a curta passagem pela terra. Salvo razões imperiosas, decorrentes da própria natureza, é absolutamente incoerente recobrir essa pele, perfeitamente ajustada e funcional, com tecidos sintéticos que reduzam a sua funcionalidade, prejudicando a saúde corporal e psicológica, além de diminuir o usufruto desse riquíssimo patrimônio, que é o corpo, cuja durabilidade, além de curta, não nos é permitido conhecer.

A nudez não é terapêutica: o uso indiscriminado de roupa é que causa doenças no ser humano. Parar de fumar é benéfico para a saúde? Não! Fumar faz mal à saúde. Parar de fumar apenas resgata aquilo que já deveria ser. A nudez apenas traz de volta a singularidade de nossa identidade, ao mesmo tempo em que nos aproxima como iguais enquanto membros da espécie humana. Resgatando a nossa naturalidade, o estado de nudez desarma as armadilhas do orgulho, diminuindo a arrogância e a agressividade, tornando as pessoas mais disponíveis ao convívio harmonioso. A nudez nos devolve o estado de saúde, o desprendimento em relação às estereotipias, à integração própria e com a natureza, num sentido de plenitude de si.

O que existe, de fato, é roupa e não roupa. Roupa e corpo. A nudez não existe na natureza; a nudez é uma invenção da cultura. Não podemos dizer que uma pessoa está nua. Somente podemos dizer que uma pessoa está vestida ou que ela está plena de si: INTEIRA.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Cristina. *Luz del fuego. A bailarina do povo*. São Paulo: Best Seller, 1994.
- ALMEIDA, Maria Lucia Pacheco de. *Como elaborar monografias*. 4. ed. rev. e atual., Belém: Cejup, 1996.
- ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. 17. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas VII: poesias reunidas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- BOLOGNE, Jean Claude. *História do pudor*. Rio de Janeiro: Elfos, 1990.
- BRUHNS, Heloisa T. et. al., *Conversando sobre o corpo*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CHARTIER, Roger. *História da vida privada: da renascença ao século da luzes*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DE ROSE. *Hiper orgasmo: uma via tântrica*. 1.ed. São Paulo: Uni-yôga, 1998.
- DUBY, Georges. *História da vida privada: da europa feudal à renascença*. vol. 2., São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 23. ed. Rio de Janeiro, 1984.
- GAIARSA, José Ângelo. *O ritual da comunhão: ensaios sobre a sexualidade*. São Paulo: Gente, 1995.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Vivência e identidade: uma visão biocêntrica*. 2. ed. – Fortaleza, 2002.
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Antropologia do prazer*. Campinas: Papirus, 1985.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LYSEBETH, André Van. *Tantra - o culto da feminilidade*. São Paulo: Summus, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1988.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *O brasileiro e seu corpo*. 5. ed. São Paulo: Papirus, 1998.
- MICHELIN, José Getúlio. *Biodanza: uma apresentação para iniciantes*. São Paulo: CAN, 1995.
- MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.
- MOURA, Maria Betania de et. al., (Monografia), Introdução a uma sistematização das consignas em Biodança. Associação Latino Americana de Biodança – ALAB, Fortaleza – Ceará, 1990.
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 9. ed. São Paulo: Moraes, 1981.
- OSHO. *Tantra: espiritualidade e sexo*. São Paulo: Madras, 1996.
- PERROT, Michelle. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. vol. 4. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.
- PROST, Antoine et. al. *História da Vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- REGO, Marcia Souza (Dissertação). *O nu e o vestido: uma etnografia da nudez na Praia do Pinho*, 31 de agosto de 1992, UFSC, Florianópolis - SC
- RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROJO, Luiz Fernando. *De corpo e alma nus: a construção cultural do corpo em uma comunidade naturista*. Trabalho apresentado na XXVI Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Caxambu (MG), 2002.
- ROSSI, Celso. *Naturismo: a redescoberta do homem*. Porto Alegre: Magister, 1993.
- SABINO, Fernando. *O homem nu*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1987.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. *Metodologia em biodanza: primeiros passos*. Belo Horizonte, 1996.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TORO, Rolando. *Coletânea de Textos de Biodança*. 2. ed. vol.1. Associação Latino Americana de Biodança – ALAB, Fortaleza – CE, 1991
- VEYNE, Paul. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. vol. 1, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOLF, Naomi. *Promiscuidades: a luta secreta para ser mulher*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Revistas e jornais

ÉPOCA. *Em teu seio, ó liberdade*. São Paulo: Três, 31 de janeiro de 2000.

NATURIS. Colina do Sol – RS. Diversas edições entre os anos de 1991 a 2001.

O LIBERAL. *Fuzis para reprimir topless em praia do Rio de Janeiro*. Páginas 1(chamada) e 3. Belém – PA: 18 de janeiro de 2000.

O LIBERAL. *Usar ou não usar gravata? Eis a questão que preocupa vereadores*. Página 13. Belém – PA: 2 de junho de 2002.

Músicas

AZUL, Paulinho Pedra. *Voarás*. Manaus: BMG Ariola Discos Ltda.,1996. *In: Jardim da Fantasia*.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. *Tá na hora*. Manaus: Wamer Music Brasil Ltda, 1990. *In Raul Seixas – Maluco Beleza*.

NOGUEIRA, Alcebíades. *Idade de fazer bobagem*. Manaus: Sony Music, 1997. *In: 20 Super Sucessos – Noite Ilustrada*.

ANEXOS

PROJETO DE LEI Nº 1.411

Por proposição do Deputado do Partido Verde, Fernando Gabeira, já se acha aprovada pelo Congresso Nacional, dependendo única e exclusivamente de sanção do Presidente da República, a lei abaixo, que regulamenta oficialmente o Naturismo no Brasil.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. A presente lei estabelece normas gerais para a prática da atividade denominada naturismo e para a criação de espaços naturistas.

Parágrafo Único: Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão estabelecer normas complementares relativas à prática do naturismo e a criação de espaços naturistas, de acordo com suas peculiaridades regionais e locais.

Art. 2º. Denomina-se naturismo o conjunto de práticas de vida ao ar livre em que é utilizado o nudismo como forma de desenvolvimento da saúde física e mental das pessoas de qualquer idade, através de sua plena integração com a natureza.

Art. 3º. A prática do naturismo, conforme definida pelo art. 2º, e em áreas autorizadas, não constitui ilícito penal. Denominam-se espaços naturistas as áreas destinadas à prática do naturismo nas praias, campos, sítios, fazendas, área de campismo, clubes, espaços para esportes aquáticos, unidades hoteleiras e similares, em que seja autorizada a prática do naturismo, em âmbito federal, estadual ou municipal.

Parágrafo 1º. O titular de autorização para implantar espaços naturistas é responsável pela estrita observância da legislação ambiental e sanitária vigentes, assim como por delimitar e sinalizar devidamente a área, de forma escrita ou figurativa que indique claramente a respectiva destinação, desde o limite externo ou principal acesso à área, segundo as normas e determinações pertinentes estabelecidas pelo poder público.

Parágrafo 2º. A competência para fiscalizar os espaços naturistas é das autoridades administrativas responsáveis pela concessão da respectiva autorização ou alvará de funcionamento na esfera de poder pertinente.

Parágrafo 3º. O poder público poderá, de ofício ou em face de requerimento do postulante da licença, condicionar a autorização de utilização por um determinado período do ano ou espaço de tempo.

Art. 5º. O poder executivo regulamentará esta lei, no que couber, em 120 (cento e vinte) dias.

Art. 6º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º. Revogam-se as disposições em contrário.

DEFINIÇÃO DE NATURISMO PELA FBRN

Naturismo é ser natural. O naturismo tem como finalidade promover um modo de vida mais natural e saudável, dirigindo suas preocupações para o meio ambiente, para a saúde física e mental e para a alimentação.

No congresso da International Naturist Federation - INF, ocorrido em Agde, na França, em 1974, os naturistas presentes, após extensa deliberação sobre o assunto, definiram:

"Naturismo é um modo de vida, em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática da nudez social, com a intenção de encorajar o auto respeito, o respeito pelo próximo e pelo meio ambiente".

A nudez social constitui-se numa característica essencial do naturismo, pelos vários efeitos benéficos que proporciona, tanto física como psicologicamente.

O naturismo restaura o balanço entre as dimensões física e psíquica, livrando as pessoas das tensões internas causadas pelos tabus e pelas provocações da nossa sociedade contemporânea.

Cada país e cada grupo naturista tem suas particularidades, alguns mais fiéis aos princípios de saúde ligados ao naturismo, pregando o vegetarianismo e a prática de exercícios, outros menos rígidos, pregando um naturismo mais próximo das condições que vivemos em nossa sociedade. O importante é que todos seguem as mesmas normas e possuem todos o mesmo objetivo, o crescimento do ser humano e uma maior proximidade com a natureza.

NORMAS ÉTICAS DO NATURISMO BRASILEIRO

A FBN - Federação Brasileira de Naturismo, como meio de garantir um padrão ético de comportamento entre sua áreas filiadas, edita as seguintes Normas Éticas:

I - FALTA GRAVE:

As condutas abaixo relacionadas, com grau de intensidade examinado pelos Conselhos Deliberativos dos Clubes, em primeira instância, e pelo Conselho Maior da FBN, em segunda e última instância, são motivos para expulsão de seus agentes dos quadros sociais e das áreas naturistas regidas pelas entidades filiadas à FBN.

- I.1. - Ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obscenos nas áreas públicas.
- I.2. - Praticar violência física como meio de agressão a outrem.
- I.3. - Utilizar meios fraudulentos para obter vantagem para si ou para terceiros.
- I.4. - Portar ou utilizar drogas tóxicas ilegais.
- I.5. - Causar dano à imagem pública do Naturismo ou das áreas naturistas.

II - COMPORTAMENTO INADEQUADO

As condutas abaixo relacionadas, com grau de intensidade e reincidência examinadas pelos Conselhos na forma referida no Item I, constituem motivos para advertência, suspensão e expulsão dos seus agentes dos quadros sociais e das áreas regidas pelas entidades filiadas à FBN.

- II. 1 - Concorrer para a discórdia por intermédio de propostas inconvenientes com conotação sexual.
- II. 2 - Fotografar, gravar ou filmar outros naturistas, sem a permissão dos mesmos.
- II. 3 - Utilizar aparelhos sonoros em volume que possa interferir na tranquilidade alheia, e ou desrespeitar os horários de silêncio regulamentados.
- II. 4 - Causar constrangimento pela prática de atitudes inadequadas.
- II. 5 - Portar-se de forma desrespeitosa ou discriminatória perante outros naturistas ou visitantes.
- II. 6 - Deixar lixo em locais inadequados.
- II. 7 - Provocar danos à Flora e à Fauna, ou à imagem do Naturismo.

II. 8 - Satisfazer necessidades fisiológicas em áreas impróprias, ou exceder-se na ingestão de bebidas alcoólicas, causando constrangimento a outros naturistas.

II. 9 - Utilizar assentos de uso comum sem a devida proteção higiênica.

II. 10 - Apresentar-se vestido em locais e horários exclusivos de nudismo, sendo tolerado às mulheres o topless, durante o período menstrual.

As presentes NENB - Normas Éticas do Naturismo Brasileiro devem ser fixadas em locais públicos e visíveis, além de distribuídas e divulgadas entre naturistas e visitantes nas áreas de prática naturista filiadas à FBN.

Estas normas foram aprovadas na Assembléia Geral Extraordinária número 3 (três) realizada em 7 de dezembro de 1996, no Sítio Ibatiporã, em Porto Feliz/SP.

REGRAS DE COMPORTAMENTO NA COLINA DO SOL

O QUE NÓS ESPERAMOS DE VOCÊ?

O Clube Naturista Colina do Sol deseja que você seja livre e vivencie sua liberdade e espontaneidade.

Desejamos, aliás, que todos aqui possam vivenciar sua liberdade e espontaneidade em harmonia, companheirismo, fraternidade e igualdade.

Para tanto, tenha consciência no uso de sua plena liberdade, tomando o cuidado de não interferir na liberdade dos outros e lembre que, às vezes, o que eles desejam é escutar apenas o canto dos pássaros.

Ninguém tem o direito de interferir nas peculiaridades de sua vida privada, a menos, é claro, que elas deixem de ser privadas.

Adoramos cães e gatos. Eles é que freqüentemente, não se adoram mutuamente e, para evitar transtornos maiores, deixe os seus em casa. Na Colina do Sol existe uma área restrita na qual você pode instalar-se e transitar com animais de estimação. Consulte antes.

A Colina do Sol é uma área naturista, onde as pessoas podem andar nuas, em qualquer época do ano. Não vamos obrigar ninguém a se despir durante os dias frios de inverno, mas também esperamos não sermos obrigados a ter nossa linda paisagem de corpos nus salpicada por pessoas vestidas quando a temperatura é agradável.

Ah! Nem pense em vestir trajes de banho, como biquíni, calção ou maiô - muito menos calcinhas, cuecas ou sutiãs - pois eles servem apenas para esconder partes de seu corpo e nunca para protegê-lo. Aqui você não precisa esconder nada.

Faça fogo apenas nos locais apropriados, tomando cuidado para que a chama não se eleve, pois o calor excessivo queima as folhas das árvores que lhe dão sombra.

Antes de sair, verifique se ficou pelo chão algum vestígio de sua presença. Espalhe apenas sua alegria e simpatia pela Colina do Sol, mas nunca o seu lixo, que deve ser colocado nos locais apropriados.

Nós já gostamos de você, mesmo sóbrio. Nunca pense que a bebida poderá ajudá-lo a deixar uma melhor impressão. O álcool em excesso só vai trazer constrangimento para você e sua família.

Trafegue com todo o cuidado pois nossos filhos estão correndo soltos pelas ruas. Deixe seu carro nos locais de estacionamento ou na sua própria casa.

Não plante nem corte qualquer espécie vegetal sem antes certificar-se de que sua idéia está em sintonia com o planejamento paisagístico da área.

Não transite nem se instale com recipientes de vidro próximo da piscina ou do lago: cacos de vidro misturam-se na areia. Se você é fumante lembre-se que as nossas areias e gramados não são cinzeiros.

Guarde toda e qualquer manifestação ou conduta com conotação sexual para o ambiente privado de sua barraca ou cabana. Lembre-se que existem crianças em qualquer local ou horário, preserve a inocência do ambiente comum.

Algumas pessoas que freqüentam áreas naturistas preferem não divulgar que o fazem. Resgare a privacidade dessas pessoas evitando comentários para pessoas alheias ao movimento e dirija a lente de sua máquina fotográfica apenas na direção daqueles que lhe dêem expressa permissão.

Habitue-se a portar sempre sua toalha. Não é delicado sentar nu em qualquer banco ou cadeira que não sejam de seu uso exclusivo.

Ensine seus filhos a agirem da mesma forma.

Ao utilizar qualquer aparelho sonoro, certifique-se de não estar perturbando outras pessoas. Dê preferência aos fones de ouvido.

Você é responsável pela conduta e pelas despesas de seus convidados.

Para maiores informações, utilize os nossos telefones 51 5012192 Ramal 245 - e-mail central@colinadosol.com.br - venha nos visitar pessoalmente. Os recantos e as delícias da Colina do Sol esperam por você!

ENTREVISTA COM NATURISTA

PREPARAÇÃO DA FITA

Local da entrevista

Data da entrevista

- 01 Sexo, idade, nível escolar, profissão, estado civil.
- 02 Qual o primeiro ambiente público naturista que você conheceu?
- 03 Ainda com relação à primeira vez, como você chegou ao lugar?
(com quem, foi convidado etc.)
- 04 Quais as suas expectativas antes de chegar ao local?
- 05 Quais as sensações e sentimentos que afloraram ao chegar ao local?
- 06 Como foi para você tirar a roupa pela primeira vez?
- 07 Você lembrava-se de outras pessoas nessa ocasião? De quem?
(pessoas da família, da igreja, do trabalho, clientes, amigos etc.)
- 08 Os seus sentimentos sofreram alguma alteração com o passar das horas?
- 09 Qual a frequência com que você comparece a um ambiente naturista?
- 10 E nas visitas posteriores, que sentimentos afloraram?
- 11 Hoje, o que significa para você estar nu no ambiente naturista?
- 12 Ocasinou alguma alteração na relação com o seu próprio corpo?
- 13 Ficar nu em ambiente naturista ocasionou alguma alteração na sua vida?
- 14 Você sente prazer em ficar nu? Como é isso?
- 15 Você têm mais alguma coisa a acrescentar?

ENTREVISTA COM LÍDERES NATURISTAS

NOME

LOCAL DA ENTREVISTA

ATIVIDADE NATURISTA:

SEXO:

IDADE:

PROFISSÃO:

ESCOLARIDADE:

TIPO FÍSICO:

- 01 Você têm ascendente estrangeiro na sua família, ou já morou no estrangeiro?
- 02 Como era tratada a nudez na sua família de origem?
- 03 Há quanto tempo pratica?
- 04 Como foi a primeira experiência? Quais as suas expectativas e medos?
- 05 E nas vezes seguintes?
- 06 O que mudou na sua vida (social, cuidado com o corpo, cuidado consigo)
- 07 O que é naturismo?
- 08 A nudez têm efeito terapêutico?
- 09 Como as pessoas se comportam no ambiente naturista?
- 10 Acontece de os homens ficarem excitados? Como isso é tratado?
- 11 Como acontece a sexualidade no ambiente naturista?
- 12 Como é o olhar no ambiente naturista?
- 13 Na sua opinião, qual a causa de as pessoas sentirem vergonha?
- 14 Elas superam essa vergonha?
- 15 Como os freqüentadores assíduos antigos se comportam?
- 16 Quem são os freqüentadores?
- 17 Quem tem mais dificuldade e facilidade (sexo, idade, condição social etc.)?
- 18 Como evoluiu a comunidade envolvente (hostil, tolerância, aceitação)?
- 19 Qual o tipo físico predominante?